

VICTORIA ALDRIN

AS COISAS QUE APRENDI

DEPOIS QUE EU MORRI





VICTORIA ALDRIN

AS COISAS QUE APRENDI

DEPOIS QUE EU MORRI





Copyright © 2018 por Editora Killa As Coisas que Aprendi Depois que Eu Morri © por Victoria Aldrin Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Produção Editorial

Diretora Editorial: Daiane Evellyn

Autora: Victoria Aldrin

Capa e Ilustrações: Maurício

Oliveira Revisão: Maria Fernanda

e Aysha Victoria Diagramação: A.

Noni

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Aldrin, Victoria.

As Coisas Aprendi Depois que Eu Morri.

1 Ed. - São Paulo - Editora Killa 2018

ISBN: 978-85-53003-02-0

Literatura Brasileira. 2. Romance; I. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Killa.

Rua Valdemir Pereira de Oliveira, 112 - 1º andar - São Mateus 08346-585 - São Paulo - São

Paulo Cel.: (11) 94069-5585

[E-mail: editorakilla@gmail.com](mailto:editorakilla@gmail.com)

Para o amigo imaginário.

Você consegue.

Vá

procurar O que

caiu da mão

Refazer sozinho o caminho

Olhando pro chão

Gente demais, com tempo

demaís Falando demais, alto

demaís Vamos atrás de um

pouco de paz

A gente queima todo

dia Mil bibliotecas de

Alexandria A gente teima,

antes temia

Já não sabe o que sabia

—“Alexandria”, Tiago Iorc.

NOTAS DA AUTORA

Teresópolis, 22 de fevereiro. 04h29min.

Este livro quase não passa do diário de uma garota de 19 anos com depressão.

Nada do que eu disse aqui é verdade absoluta. Quase nada do que é dito na vida é verdade absoluta, eu acho. Nem me venha com essa de que o céu é azul. Será que é mesmo? Enfim. Muitas coisas descritas aqui aconteceram comigo (muitas, não todas) e todas as lições aprendidas foram o resultado de muitas horas ponderando e observando. Eu ainda posso estar errada. Sei que eu não sei nem um décimo do que há para saber nessa vida.

Mesmo sabendo que posso estar falando muita besteira, eu escrevi este livro por dois motivos, número um: cresci tendo a inteligência negligenciada, sendo da minha idade ou não, ninguém nunca me considerou esperta. Tudo o que eu fazia era errado. Nada do que eu pensava era certo, qualquer coisa que eu dizia não era bom o suficiente. Quando você cresce isolada, como eu definitivamente cresci, tem muito o que observar. E você observa quando se desenha. O motivo, caro amigo imaginário, é para te dizer que não está sozinho.

Eu não sou uma deusa. Tudo o que eu penso está sendo pensado por outra pessoa. Tudo o que eu digo está sendo dito por outra pessoa. E muitas vezes antes disso. Eu sei que não posso parar, mas não quero que ninguém se sinta do modo que eu me senti. Você não está sozinho. Seus pais não são os únicos pais que tratam o filho muito mal. Seu coração partido e certamente enganado não é o único por aí. E muitos outros assuntos pesados que você lerá por aqui: você não é o único. A vida não te escolheu com um dedo podre para carregar o peso do mundo. Eu estou contigo. Mariana e Bernardo estarão contigo.

O motivo número dois é: observando adultos, e até crianças e adolescentes, eu

vi que tem gente que esquece como é. Tem gente que esquece como é ter esperança, e muitas dúvidas; principalmente esquece como é se importar. Ninguém mais se importa, não é? Quando você é pequeno e tem todas aquelas ambições e toda aquela vontade de mudar o mundo e ajudar e meter o bedelho na vida dos outros porque os quer bem,

mas aí todo mundo te expulsa e todo mundo te diz que é assim mesmo e essa é a vida. Bom, ser um robô não é a vida. Mesmo que eu possa mudar de ideia do que digo agora, daqui dez anos (o que muito provavelmente eu irei), uma coisa a nossa versão mais nova pode ensinar para versão mais velha: você tem que se importar. E eu nunca quero me esquecer disso.

Se acha que abordei um assunto muito mal e acabei te magoando, minha mente é aberta. Se precisar falar comigo, você pode vir falar comigo.

Você é o meu amigo agora, meu amigo de verdade, sabe tudo sobre mim.

Para qualquer contato, meu e-mail é victorialdrin@gmail.com.

PRÓLOGO

Oi. Aqui é a Mariana, para dizer que eu amo o Bernardo. Mariana, e a sua mãe? E o seu pai? Eu faço cara feia. Não os mencione na minha frente. Finja que sabia disso, que percebeu, e continue: seu cachorro? Seus amigos?

Qualquer um deles?

Só o Bernardo está vivo, eu te respondo. Bem, pelo menos ele é o único que eu sei onde está. Talvez. Enfim. Primeiro, fui atrás da minha tia, Magali.

Nos separamos quando ela me deixou na nossa casa em São Bernardo para pegar comida e uma epidemia se alastrou na nossa região. Eu tive que fugir, ela teve de se afastar. Achei que ela estivesse em uma comunidade de evangélicos na zona sul de São Paulo, o que me levou até a cidade; entretanto, encontrei seu corpo no meio do caminho, na estrada. Meio poético, meio épico. Precisei pular por cima de uma pilha de corpos, quando tropecei no corpo do topo que escorregou, e vi o da minha tia embaixo. As bolhas em sua pele mostravam que devia ter sido vítima de uma das inúmeras armas biológicas, e sua expressão deixava claro que morreu gritando, apavorada. Seus olhos estavam arregalados. A pele estava escura de fuligem, ou sei lá o que, mas era minha tia, sem dúvidas. Naquele momento, fiquei tão distante que não fui mais Mariana. Eu era outro alguém, em outro planeta, e não tinha nada a ver com aquela garota que observava o que sobrou da mulher que a criou.

Minha melhor amiga, Fernanda, foi uma das primeiras a morrer, no primeiro ataque de arma biológica. Depois o Michael. Depois a Rafaela.

Depois a Christina. Depois o Enzo. E aí não sobrou ninguém que me importasse, a não ser o Bernardo. Claro, não é por isso que eu o amo. Não é tipo “ele é tudo que me sobrou! Agarrar!”. Se pudesse escolher, não teria me apegado a ninguém. Me mataria como a minha mãe lá pro décimo bombardeio em São Paulo. Ela previu que estávamos perdidos, sem esperança, logo, não iria perder nada. Não havia mais nada para ver na Terra.

Ela veio se despedir de mim, tipo: “foi mal”, e, por ela acreditar em Deus, eu disse: “você vai pro inferno se fizer isso”. Ela respondeu: “eu fiquei do lado do seu pai, meu lugar já está bem reservado”. Acho que ela esperava que eu fosse, sei lá, dizer que tudo bem e que ela estava perdoada, mas não estava, afinal, ela não tinha pedido perdão algum. E aí ela começou a chorar e me abraçou e depois disso eu a deixei ir embora.

Assim você já fica ciente de que eu sou monstro. Por isso vamos nos dar tão bem; todos nós somos, não é?

Mas o caso, na real, é que eu sou apaixonada pelo Bernardo, e eu não sei se há um outro lado para que nós possamos nos encontrar. Se vamos para os mesmos lugares. Se vai estar tão lotado que não nos veremos. Se vamos nos esquecer da vida humana. Quero aproveitar cada pedaço dele enquanto posso, existo e o amo. Isso é o que resta do mundo agora: amor.

Sinceramente, não é muito. Não chega nem perto do suficiente, é quase nada.

Depois conversaremos sobre o que é suficiente em um mundo como esse.

Sinto muito pela introdução mórbida. Não fique triste, pois eu não estou. Eu sabia desde sempre que as pessoas se comeriam vivas. Você que mora no passado, está no tempo de ouro do planeta Terra e quero lhe dar motivos para ser feliz. Fique comigo, vou lhe contar boas histórias. Tem uma muito boa do... bem, chegaremos lá.

Dito isso, se agasalhe. Traga um objeto afiado nas botas, não use tênis – eles saem muito fácil – e tampe o nariz. Aqui fede muito.

1.1 mariana

São Paulo, 08 de maio. 03h33min.

Eu sou bonita.

Esta é a primeira coisa que eu te digo, pois é a primeira coisa que veem.

Estes cabelos castanhos são brilhantes, com leves ondas e alguns fios mais claros. Estes olhos são verde escuros, de um jeito intenso que parece feito naqueles programas de computador. A pele é bronzada e macia, com sardas salpicando o nariz e as maçãs do rosto. Este é um lindo rosto. Este é um belo

corpo. Eu sou bonita. Não comente nada sobre minha aparência, simplesmente não se atreva. Não me elogie, a não ser que seja algo interno.

Fale sobre minha risada, meu senso de humor, minhas danças em momentos inoportunos — embora eu não ache que você vá ver alguma por aqui. De qualquer forma, agora está escuro e seus olhos não podem comprovar nada do que estou te dizendo. Tudo o que você tem até que seus olhos se acostumem é o que está sentindo e ouvindo. O que está sentindo é adrenalina, a mistura de ansiedade e o real significado de se sentir vivo. Com a vida pacata que leva, não duvido se me disser que é a primeira vez que se sente assim.

Seu coração está batendo mais rápido e sua respiração está acelerada.

Seu cérebro está trabalhando, guardando cada detalhe deste momento apavorante. Você vai poder contar tudo para seus amigos depois, não vai se esquecer de nada. Ah, e adrenalina previne câncer. Parabéns.

O que está ouvindo é um farfalhar de tecido roçando e também há alguém roncando baixo, perto demais. Seus olhos estão se acostumando. A primeira coisa que vê é o que estou segurando, a origem do farfalhar. Minha mochila roubada é verde e marrom, uma das poucas em bom estado e é nela em que guardo minhas melhores roupas, algumas frutas que roubei da colheita e um mapa antigo de São Paulo. Há outras coisas sobre as quais falaremos mais tarde.

Você olha para cima e é a primeira vez que vê o meu rosto. Paro o que estou fazendo para dar um sorrisinho, e então coloco o dedo indicador sobre os lábios. Shhh. Depois, aponto para a nossa frente.

Você se vira e nota que estou apoiando a mochila em uma... Cama?

Essa não é a cama que você conhece. Uma pilha de colchões, travesseiros, almofadas e folhas de árvore por cima de tudo isso. Acredite em mim, essas folhas pinicam, mas são melhores do que dormir em cima do colchão, que é duro. Você então repara o homem na cama, a origem do ronco. Está na cara que é um homem que perdeu muito peso, pois há mais pele do que qualquer outra coisa, sem gordura para encher. Seu cabelo é loiro e o rosto não é o tipo que você vê no Brasil, é aquela pessoa que você olha e sabe que é gringa.

Esse é o Bryan e você sabe que não quer que ele acorde.

Agora já tenho tudo que eu preciso. Tateio o interior da mochila para ter certeza, depois o bolso de trás da minha calça, onde certifico a presença de uma faca afiada que eu mesma amolei poucos minutos atrás. Prepare-se.

Prepare-se. Eu fecho o zíper da mochila de uma forma tão lenta para não fazer barulho que até tenho dor de cabeça, ansiosa para que aquilo acabe.

Prepara, prepara, prepara.

Coloco a mochila nas minhas costas. Calma. Eu ando (e você me acompanha) até a saída da cabana. Sim, é uma cabana. Precisamos nos abaixar para sair. Afasto a lona e então estamos do lado de fora. Não te dou tempo para olhar ao redor e entender o que está acontecendo. O que você vê é tão rápido quanto um flash de fotografia. Parece um acampamento, várias cabanas formando um círculo ao redor de uma fogueira que está prestes a se apagar.

Mas agora não é tempo para avaliações de território, pois preciso que corra. Agora. Vai!

Estou correndo e te ouço logo atrás de mim, e em segundos não estamos mais no acampamento, mas entre campos extensos de plantações.

Cuidado com esses morangos, você não quer dar pistas sobre a direção que estamos tomando. Apesar de tudo, estou sorrindo. Sinto o vento no meu rosto e cabelo como se tentasse chamar a minha atenção, e este pode ser o melhor dia da minha pós-vida. É assim que chamo o que estou vivendo, a época a partir do fim da Terceira Guerra Mundial é a pós-vida.

Ei, corra mais rápido. É bom, não é? Você nessa década sedentária nunca percebeu o quanto é bom correr, principalmente quando você não faz isso para entrar em forma e sim, quando corre com um objetivo maior. Agora corremos pelas nossas vidas e a sensação é liberdade. Ainda estou sorrindo e olho para você. Há um brilho em meus olhos que você quer experimentar. Dá vontade de se botar em perigo para poder escapar.

Somos engolidos por uma floresta, camuflados sob sombras de árvores.

Enxergar por aqui é uma missão impossível, tropeço inúmeras vezes, caio arranhando a palma das mãos em raízes grossas e pedras pontudas. Nem dá para sentir a dor, mas vai arder bastante mais tarde. Não se preocupe com ataduras, estou certa de que encontraremos algo para lidar com esses cortes, o desafio mesmo vai ser achar algo que não nos infeccione, mas me tornei

especialista nessas coisas. Doutora Mariana. O máximo que posso fazer é evitar doenças, mas se você pegar algo, provavelmente te deixarei para trás.

Te mantenho a salvo até não poder mais. Sei que pareço maluca, pois você não está realmente aqui, mas ironicamente isso me torna mais sã. O Bernardo estava certo sobre você, mesmo que eu tivesse achado idiota no começo.

Suas coxas doem? As minhas sim. Respiro como uma senhora com asma, e minhas costelas estão dando aquele puxão, e é aí que eu lembro.

Quando estava na escola, na Educação Física e isso acontecia, o professor dizia que era porque não estava respirando direito. Respire pelo nariz, inspire

pela boca. Começo a fazer isso. Sei que já estamos longe o suficiente, mas não quero parar. Sei que está doendo, mas não quero parar. A mochila sacudindo nas minhas costas está me irritando, mas não quero parar. Nada é mais forte que o mais simples desespero.

Percebo que estou suando quando minha sobrancelha fica tão ensopada que o suor cai nos meus olhos. Preciso piscar várias vezes para afastar e quase bato em uma árvore por causa disso. Ei, pare de rir! Mas eu mesma estou rindo, o que invalida tudo. Isso nos faz parar. Precisamos rir, pelo episódio típico de bater a cara na árvore e porque conseguimos. Saímos da prisão. Você sabe que aquele é um péssimo lugar, mas não imagina o porquê.

Estou tão cansada, minhas mãos nos joelhos, que da minha respiração sai um chiado. Nós rimos e tossimos, rimos e tossimos.

Preciso dizer isso em voz alta.

— Nós conseguimos.

Minha voz não é nada do que você imaginava, não é? É rouca e me faz parecer mais velha do que eu sou. Espero um pouco, respiro algumas vezes.

Tenho dezoito anos, eu acho. Não quero que pense que eu tenha qualquer outra idade, pelo mais simples querer. Só que na pós-vida nós não contamos os dias e eu posso muito bem ter dezenove ou vinte. Não tem para que separar um nascer do sol do outro se você não vai trabalhar ou se não tem mais folgas.

Sei que está perdido. Não sabe onde está ou porquê acabou de fugir comigo. Talvez nem saiba direito quem é.

— Não se sente ainda — minha voz ainda está ofegante. — Tenho que te mostrar uma coisa.

Mas eu dobro os meus joelhos e me encosto em uma árvore para descansar. Você faz o mesmo. Te vejo na minha frente e o fato de eu te ver

claro como o dia em uma noite escura, debaixo das folhas das árvores, me prova que você não está aqui de verdade. Seu peito está descendo e subindo rapidamente, um pulmão desesperado por ar, e você me pergunta porquê fizemos aquilo. Porquê, afinal, estamos fugindo. Isso me faz sorrir de novo.

— Estamos indo buscar o Bernardo.

Agora eu tenho um mapa de São Paulo e posso ir até nosso ponto de encontro. Se ele se lembrar, se estiver vivo. Se não tiver resolvido deixar isso de lado e ficar em uma boa comunidade. É um tiro no escuro, mas estou desesperada. Eu estive sozinha por tanto tempo e estou falando de um amigo.

Nem Bryan e nenhuma das pessoas dormindo naquelas cabanas eram meus amigos.

Logo teremos de voltar a andar. Por mais que estejamos bem escondidos aqui entre as árvores, vai saber o quão desesperados vão estar quando acordarem e não me verem lá. Não duvido que Bryan abandonaria a segurança da comunidade para vasculhar o mundo inteiro atrás de mim.

Ah, o mundo. É exatamente isso que quero te mostrar. Ajeito minha postura até estar de pé novamente.

— Vamos? — pergunto, e dou uma olhada por entre as árvores mais para frente. Estamos perto do que quero que veja.

Isso pode responder algumas questões suas. Nós andamos, nossas coxas rígidas e queimando. Eu ainda estou respirando pela boca, recuperando o fôlego. As árvores estão diminuindo sua frequência, estamos no fim da floresta. Vejo o que quero que você veja, mas me viro para você antes que seja sua vez.

— Se prepare e não vomite. Quer dizer, tanto faz, vomite se quiser.

Chore se quiser.

Então, você sabe que houve uma guerra e aqui está o resultado. Eu saio da sua frente e você anda mais alguns passos. A vista é devastadora. O que você está vendo são montes de concreto do que uma vez foram prédios, fábricas e casas. Se parecem muito com montanhas agora. O que há misturado no concreto são corpos de todas as idades. Ainda há poucos prédios baixos de pé, e ruas com carros parados como uma fotografia de um dia de trânsito; em algumas partes dá para ver o chão, mas sempre há corpos.

O mundo inteiro está coberto de criadores e o que eles criaram, tudo por água abaixo. Estou distraída demais com a vista para observar sua reação. O cheiro daqui é muito, muito ruim e eu deveria estar usando algo para cobrir o nariz,

mas logo voltaremos à floresta para dormir. Amanhã de manhã teremos de atravessar tudo isso aí até a próxima área com árvores. Depois eu explico.

Eu pego sua mão para te afastar e te trazer de volta à realidade. Esse foi o resultado da Terceira Guerra Mundial. Não tem nada aqui, principalmente internet. Gahhh. Sinto falta da eletricidade, sério. Eu daria qualquer coisa para ouvir música. Ouço sua voz me perguntando: “Mas o que aconteceu?”.

Ah, tem isso, é claro. Esse pequeno detalhe. Não se estresse com isso, nem eu sei direito. Um país fez birra com outro país, aí os outros países quiseram se sentir importantes e tomaram lados. Ao invés de conversar, começaram a tacar bombas uns nos outros até que todo mundo estivesse morto, ou algo

bem perto disso. Não tem mais governo, o dinheiro não tem mais importância. Somos homens das cavernas.

Sinceramente, essa é a pior coisa que poderia acontecer. Estamos sozinhos, cada um por si, sem regras, não temos mais pais. Era muito mais fácil quando tínhamos alguém para culpar. Fica pior quando estamos cientes de que somos monstros também, animais com a maldição do conhecimento.

Todas aquelas regras de trânsito, as contas para pagar, as leis idiotas que nos obrigavam a fazer ou deixar de fazer coisas que queríamos, toda aquela burocracia eram apenas amarras. Um mero pote de biscoitos que não podíamos comer antes do jantar, e agora somos quase que literalmente animais selvagens. Se sente surpreso? Eu nem um pouco. Todo mundo sabia que a humanidade seria a causa da sua própria destruição. Tanta gente gananciosa no poder e você achava que não iriam te envolver nisso? Eles pegavam seu dinheiro, pelo amor de Deus, você estava nessa desde o início.

Aquilo foi resultado de bombas, armas biológicas, tiroteios, invasões e tudo que se tivesse o direito. Por incrível que pareça, nós somos um dos sortudos.

O Brasil não foi atingido com nenhuma bomba atômica ou arma biológica de potência máxima. Yay.

Paro quando acho que já estamos em um bom lugar. Como já disse, precisamos descansar para atravessar a cidade amanhã, ou o que restou dela.

Eu me sento, apoio minha mochila contra uma árvore e deito minha cabeça ali. Quanto mais rápido eu dormir, mais rápido acordarei e neste estado de alerta provavelmente entrarei em sono muito leve e estarei de pé em poucas horas. As pessoas de quem fugimos acordam tarde, então acho que ficaremos bem de qualquer forma. Você faz o mesmo e vejo que se sente atordoado. Sei que está se perguntando porquê eu te trouxe aqui, porquê eu te mostrei isso, afinal.

Eu olho para você, as pálpebras pesando sobre os olhos. Está sentado bem a minha frente, acordado e alerta como uma criança na véspera do aniversário, esperando o dia virar. Eu não preciso te explicar muito. Você está na minha mente, e mentes são máquinas do tempo. Por isso eu fecho os olhos e por um breve instante há escuridão. Estou tentando me lembrar. As cores vão se formando a nossa frente como o processo de queimar uma fotografia, só que ao contrário. E aí estamos na minha casa, há dois anos.

Somos espectadores.

O que você vê agora é o meu quarto. Tem paredes amarelas, mas não de um tom doentio como você via em hospitais, os móveis brancos fazem o

ambiente ser adorável. As pessoas sentadas na cama bagunçada são: Bernardo e eu. Tenho vontade de chorar de saudade, mas preciso te mostrar uma coisa. Primeiro, preciso dizer que ele é lindo. Com as pontas dos cabelos escuros caindo nos olhos, os lábios finos. O nariz é meio grande, eu gosto disso. Os olhos castanhos são brilhantes e a pele pálida, porém macia. Está usando sua melhor camiseta xadrez, de um tecido grosso e vermelho, mas o que o transforma mesmo é a expressão em seu rosto, quando está apaixonado e olhando para mim. Lindo, lindo, lindo.

E tem eu. Estou chorando, e ele pega minhas mãos e me encara. Precisa abaixar um pouco a cabeça para fazer isso. Ele me diz:

— Mari. Mari. Imagine a pessoa mais bonita do mundo, a pessoa mais acolhedora e atenciosa — quero dizer que é ele, ele é a pessoa mais bonita, acolhedora e atenciosa do planeta, mas ele lê minha mente. — Não eu. Você cria essa pessoa e ela vai estar sempre com você. Porque eu não vou, e vou me sentir mais seguro se me falar que vai fazer isso.

A voz dele é exatamente como você imagina. Estou completamente apaixonada.

Tá. E aí a memória de mim diz em uma voz chorona:

— Um amigo imaginário? Para que?

É a maior besteira do mundo. Às vezes o Bernardo é clichê e diz umas coisas bem idiotas. Você sabe como vocês do passado evitam qualquer coisa que seja clichê e bem idiota como se fosse a pior coisa do mundo.

— Vou me sentir melhor sabendo que você está com alguém com quem se sinta segura. Essa pessoa que você vai imaginar tem que vir de um lugar melhor, também. Ok? Mariana?

Fim da memória. De volta à vida real. O contraste das paredes amarelas e o escuro da floresta ardem os meus olhos, repentina demais. Não consigo olhar para você e desvio o olhar, mas o motivo não é a dor nos olhos.

Naquela época, eu imaginava um alienígena marciano. O melhor lugar para mim era Marte, e, quando eu me sentia sozinha, havia um alienígena de Marte para me ouvir. Não imagine nada verde e careca, o alienígena era exatamente como um humano. Só era alienígena porque havia nascido em outro planeta, mas era uma pessoa do futuro, quando os humanos colonizam o Sistema Solar e outras galáxias. E essa pessoa do futuro me acalmava e dizia que tudo era lindo lá, que finalmente havia paz e que eu não deveria ficar chorando porque me sentia sozinha e vazia. Não durou muito porque eu estava me sentindo clichê e idiota, como se alguém pudesse ver e sair espalhando. A coisa do clichê e idiota só nos incomoda por causa dos outros e do que eles podem

pensar.

Deus nos livre.

Certo, então é isso que você está fazendo aqui comigo. Você é a pessoa mais bonita, acolhedora, atenciosa e vem de um lugar melhor do que eu. É

certamente mais feliz. Me passe um pouco dessa ilusão para cá, essa ilusão de que liberdade existe e nada importa, só o quanto somos clichês e idiotas e se os seus cômodos combinam. Quando você está irritado porque sua casa está uma bagunça, e não dá para pensar quando a casa está bagunçada, simplesmente não dá; quando você está em uma fila interminável e demorada e isso te irrita como o diabo ou quando você perde seu emprego e tudo está perdido, tudo, tudo. Me dê um pouco dessa infelicidade superficial, essa infelicidade que está longe da miséria de verdade, porque você nunca experimentou a picada de uma aranha e por isso acha que a picada de uma formiga é a pior coisa que pode lhe acontecer. É isso que eu quero.

Sua missão é diferente da do marciano do futuro. Estou aqui para lhe acalmar e não o contrário. Quero te dizer sobre coisas que aprendi e percebi depois que eu morri. Depois que o mundo como eu o conhecia foi para os ares. Depois que quase todos os meus amigos e familiares morreram. Não se preocupe, eu serei gentil.

As más notícias primeiro.

Lição número um: você vai morrer. Meus olhos estão em você de novo e o meu sorriso é irônico, repleto de dor. Não há motivo para tentar esconder meus sentimentos de você, você nasceu deles. Da minha solidão e um pouco de fé.

Sei que parece uma lição idiota para ser ensinada depois que se morre, mas você meio que não acredita uma vez que está lá. Ou, no meu caso, quando você olha ao redor e isso é tudo o que vê. Morte. Acabou. Consegue imaginar? Tudo ao seu redor. Olhe ao redor agora, aonde quer que esteja, olhe para o seu presente. Consegue imaginar a vida sem esses prédios, sem esse lugar, sem as pessoas ao redor? Os carros, as luzes, a comida na sua geladeira, família, os contatos no seu celular. ACABOU. NÃO TEM MAIS

NADA PARA VER. Nunca mais assistir uma série para aproveitar o tempo.

Nunca mais deitar sobre um colchão. Nunca mais ponderar sobre a melhor forma de gastar o seu dinheiro. Nunca. Mais. Entende?

Mas agora eu só estou tendo um ataque. Às vezes a raiva me consome, desculpe.

Com isso, quero lhe dizer que sua vida vai acabar, ela vai, porque a única

coisa de verdade sobre a humanidade, fato comprovado, é que vamos morrer, cada um de nós, e você não pode viver como se sua vida fosse um looping interminável e que tudo o que você tem que fazer é trabalhar e manter as coisas até o dia seguinte e isso parece tão eterno que você realmente acredita que nunca vai acabar e essa é a fórmula de viver para sempre, você fica tão entediado que o tempo não passa. Você não quer pensar nisso porque é assustador. Você se preocupa com coisas que não importam e se irrita e se entristece por coisas que não alteram a sua vida porque todo o resto é assustador.

— A primeira vez que eu enfrentei a morte foi quatro anos atrás, bem antes da guerra. Só que se o seu primo distante que você só viu algumas vezes na vida morreu, você não pode dizer que enfrentou morte alguma.

Estou falando de luto — tento prestar atenção no seu rosto. Não dá para dizer se você já perdeu alguém ou não, mas resolvo prosseguir mesmo assim. —

Meu primo Gustavo morava em São Bernardo, mas gostava de nos visitar em São Paulo, mesmo que ele tivesse dezenove anos. Você sabe o que eu quero dizer, né?

Quero dizer que as pessoas tentam se evitar a qualquer custo, principalmente família. Ninguém com dezenove anos se oferece de boa vontade para ajudar no almoço da sua tia, ou gosta de visitar qualquer parente. A gente odeia tanto conversar que quando entramos em um elevador tentamos não fazer contato visual com quem quer que esteja dentro. Bom, o

Gustavo nunca foi assim. Acho que ele... sabia. Sabia que laços e relacionamentos importam e sabia que todo mundo vai embora um dia. Tipo, todo mundo sabe, mas todo mundo também finge que não é assim, acham que você não pode morrer a qualquer momento pela coisa mais idiota a qualquer instante, acham que a sua morte vai vir bem lá na frente, a partir dos sessenta com um aviso prévio e que todo mundo vai sentir quando estiver chegando, mas o Gustavo sabia que não é assim. Ele tratava as pessoas como a Disney diz para você tratar as pessoas: todo mundo é uma pérola preciosa.

— Atiraram nele depois de uma balada em São Bernardo. Era três da manhã e na verdade ele estava tentando evitar que uma mulher fosse assaltada. Duas da manhã ele estava pulando e se divertindo, sentindo que a juventude iria durar para sempre. Três e dez ele estava mortíssimo.

Eu torço o nariz e me ajesto. As folhas secas sob mim estalam. Aquela morte acabou comigo. Certo, era o Gustavo, ele me apresentou os videogames e a astronomia, e nunca contava o que eu dizia para ele para minha tia, como a maioria dos adultos faziam, mas tinha algo maior. Tipo, eu achava que, contanto que você fizesse o bem, o bem voltaria para você.

Achava que as coisas poderiam ficar ruins, mas você sempre se safaria porque você colhe o que planta e sua vida acabaria em um suspiro enquanto você dormia aos noventa anos, depois de fazer tudo o que você queria e ao lado do amor da sua vida. E não era assim, você pode ser a melhor pessoa do mundo e mesmo assim acabar morto em um beco.

Você não colhe o que planta. O Gustavo estaria vivo se isso fosse verdade. Ele tinha planos. Eu nunca os entendi bem, mas acho que ele queria acabar na NASA. Queria fazer descobertas, observar estrelas, conversar com Stephen Hawking e testar a teoria da relatividade. Ele era fascinado pelo universo e é assim que o universo retribui: não invade minha privacidade, seu tarado, toma um tiro na cara. Essa é a piada que eu venho contando há anos e acho que o Gustavo ia achar bastante engraçada. Ele nunca se importou com um pouco de humor negro.

— A moral da história é que não importa o que você faz com a sua vida, você mesmo assim pode morrer a qualquer instante. Não ache que está a salvo só porque sua vida é supérflua e inofensiva.

Você não corre menos risco de morrer do que Pablo Escobar tinha. E dizem que foi ele quem se matou.

Mas sabe, eu só posso te ajudar até certo ponto. Não faço ideia de qual é sua crença, então não posso lhe dizer como aceitar a morte. E eu sei que muito provavelmente você vai ouvir essas coisas e se sentir inspirado por no máximo uma semana e ver que é muito difícil sair do ciclo vicioso que é uma zona de conforto, mas tudo bem. Quero impulsionar sua vida nem que seja por um dia. Quero que saia e mate seu próprio orgulho, que vá falar com alguém que foi embora e que você ainda ama, diga que diferenças pequenas não são um bom motivo para se separar. Quero que aproveite a sua paz e silêncio quando tiver, e até mesmo que saboreie cada comida que colocar na boca. Que seja o melhor gosto do mundo saber que você está ingerindo o que quer na hora que quer, e que você seja grato, acima de tudo. Eu nunca fui, e daria qualquer coisa por um achocolatado gelado pela manhã.

Lembro que minhas mãos estão arranhadas e pego a faca no meu bolso.

Depois, tiro as barras da minha calça de dentro das botas e corto ambas.

Como esse tecido ficava dentro das botas, não vai me fazer falta. Pele exposta é um perigo durante as viagens. A barra era tão apertada que machuca minha mão quando a visto como uma pulseira que é tão pequena que não passa da palma da mão. Ambas as mãos estão protegidas agora. Assim que termino, olho para você e dou um sorriso. Me sinto naquelas vezes em que eu entrava em um brinquedo assustador no parque de diversões. Se havia alguém comigo

e essa pessoa estivesse com medo, eu assumia o papel maduro rapidamente. A pessoa corajosa. Se eu estivesse sozinha, como estive até agora, estaria choramingando comigo mesma o tempo inteiro. Me assustaria com o cair de uma folha, mas dá para dizer que você está com mais medo do que eu. Obrigada, isso me deixa aliviada. Estou pronta para bancar a durona.

A pior parte já passou. Fugimos. Você teve uma visão do seu futuro nada belo. Falamos sobre a morte. Agora podemos dormir e as coisas melhorarão amanhã.

Boa noite.

1.2 BERNARDO

São Paulo, 08 de maio. 04h18min.

Este lugar é como minha casa agora.

Estou acostumado com o cheiro. Estou acostumado com a poeira —

dou uma tossida profunda e lamentável, a minha asma e eu somos como pessoas diferentes —, estou acostumado com a cor cinza que o pó deixa sobre tudo. Parece um lugar inteiro feito por um escultor antigo, uma enorme tragédia grega. Não preciso mais olhar as rachaduras dos degraus para saber quais evitar, um passo errado, e minha passagem para o segundo andar pode se tornar impossível.

O primeiro andar são apenas destroços que estou tentando mover para fora, mas são muito pesados e tem que ser em um dia em que eu tomo a minha bombinha, para não pesar o meu pulmão. Acho que houve um tiroteio aqui dentro, mas só no primeiro andar. Há buracos de bala, a bancada está destruída, tudo parece que foi explodido para os ares. Havia um corpo, mas eu o coloquei para fora com os outros, pois realmente estava dificultando minha estadia aqui. Pelo uniforme, acho que trabalhava na diretoria. O rosto estava completamente deformado, como se tivessem o esfregado em uma superfície pontiaguda.

Estou subindo as escadas. Passos pesados, movimentos lentos. Lanterna em uma mão, uma vassoura e minha mala cheia do que consegui na incursão na outra. O segundo andar é melhor e mais limpo, mas ainda não é onde queremos chegar. São corredores cheios de portas para salas de aula e uma enorme abertura quadrada no centro rodeado por um corrimão que nos permite ver o primeiro andar, como uma sacada. Ou sei lá. Dou uma olhada apontando a lanterna, por hábito.

Minhas mãos estão tremendo de cansaço e o suor é como uma segunda camada na minha pele. Foi uma viagem longa e difícil, mas estamos aqui

novamente. Olha, se você não funciona para a Mari, funciona muito bem para mim. Eu sei que ela parou de te usar como método para se sentir bem enquanto eu não estivesse por perto, mas espero de verdade que ela tenha te adotado de novo. Que ela tenha percebido que o medo de parecer boba não é nada em dias como os de hoje. Sua companhia melhora o meu humor e me mantém motivado.

O som que está ouvindo entre o eco e o mais completo nada é o da minha garganta fechada procurando por ar, a asma. Faz dias, semanas, meses e se depender, anos que eu enfrento a porcaria da asma todo dia, tomando a bombinha em dias específicos para que não me mate, esperando a Mari

chegar. Vou ficar aqui mesmo que ela tenha morrido. Vou ficar aqui mesmo que ela tenha esquecido, porque eu decidi faz muito tempo que eu não quero arriscar. Depois, quando ela chegar, vamos finalmente para o ar puro, sei de uma comunidade da qual ela vai gostar, onde há música. Fiquei lá por uns dias antes de partir para cá, sabendo que voltaria. É onde meu irmão está. É

onde o deixei, porque não seria justo mantê-lo aqui se sou só eu quem precisa dela. Ele está em um lugar onde tem amigos, comida saudável e um bom lugar para dormir.

Já vasculhei todos os andares e sei que Mariana não esteve aqui antes de mim. Ela deixaria algo para trás, sem querer ou não. Todos os dias eu fecho os olhos e refaço cada andar desse lugar velho, fedorento e cheio da poeira. Memorizei cada canto e me pergunto se eu procurei direito. Se Mariana morreu, morreu aqui. E se não morreu aqui, está viva. Depois de refazer a varredura mental, penso se entendi direito quando nós combinamos isso.

Estávamos no meu quarto. Ela estava lendo O Iluminado, eu procurava algo na Netflix para poder assistir. Notei quando ela parou de ler e ficou olhando para o nada, o que me fez parar e olhar para ela. Era noite.

Estávamos de pijama. Mariana me ensinou a nunca dizer o quanto está bonita e com o tempo, aprendi a apreciar outras coisas sobre ela, coisas mais importantes. O modo em que ela estava fazendo uma orelha em uma das páginas, nervosa. Como o colo dela subia e descia lentamente, fazendo tudo mais sereno. Me fazia pensar que ela estava viva e respirando e eu era sortudo.

— Que foi? — meus olhos saltaram para cada sinal de nervosismo. O

olhar perdido. As mãos inquietas. Ela mordiscando o interior da bochecha.

Uma coisa que você tem que saber é que a Mariana viveu com seus pais até os doze anos, e aí, a tia tomou a guarda. Mas os pais dela eram evangélicos e isso é o suficiente para poder assustar alguém de uma forma que nunca mais

sai da cabeça. Ela morria de medo de ir para o céu, não que quisesse ir para o inferno. Tinha medo de ficar no céu para sempre, sabendo que tudo o que ela conhecia acabou, sabendo que havia se esquecido de quem foi para o inferno, que não tinha mais nada para viver além da mais simples paz e cantar para o Senhor: amém. Foi por isso que ela respondeu:

— Quando o Apocalipse acontecer e Deus levar todo mundo e a gente ficar aqui no meio do caos, me promete que vamos nos encontrar na minha escola.

Ela estava no último ano do Ensino Médio. Eu estava tirando o ano para fazer absolutamente nada. O último ano de paz, mas é claro que não fazíamos ideia. Mariana só estava com medo de que os contos que ouviu na igreja fossem reais, e aí ela seria deixada para trás, no meio de tiroteio e matança, aviões caindo, carros batendo. Tinham umas novas notícias sobre isso, que os sinais do fim dos tempos estavam começando a aparecer. Algo como um chip na mão e quem o colocasse, estava condenado ao inferno.

— Se o Apocalipse rolar — respondi, me aproximando — eu te encontro na sua escola, e aí poderemos esperar a morte juntos.

Ela finalmente me olhou e deu um sorriso triste.

— Mas não é isso que todo mundo está fazendo? Sozinho ou acompanhado, todo mundo está esperando para morrer.

Eu fiquei quieto, percebendo que aquilo estava enraizado nela de uma forma que eu não poderia tirar sozinho. Era um medo que ela teria que superar sozinha. Por isso, desliguei a TV e insisti para que lesse em voz alta para mim. Era a minha cópia de O Iluminado e estava tão gasta que algumas folhas se soltavam, depois de ler algumas dez vezes.

Então, desde que o Apocalipse começou eu estou aqui. Ok, não assim que o Apocalipse começou, afinal, eu tenho família. Estou aqui desde o fim da guerra. Primeiro fui na casa dela, quando tudo começou, mas não havia ninguém lá. Os vizinhos me disseram que seus tios haviam a levado para São Bernardo do Campo, onde sua tia morava. Eu saquei a lógica: ninguém nunca vai bombardear São Bernardo do Campo. Se eles querem impacto, vão mirar nas maiores e mais conhecidas cidades. São Paulo estava sem energia, então eu não podia conversar com ela pelo telefone, celular ou computador.

Ah, chegamos. O terceiro andar, o ginásio. Mariana estudava nessas escolas caras, então aqui é gigante e há vestiários femininos e masculinos nos fundos. É onde eu mantenho a maioria das minhas coisas, no vestiário masculino quer dizer, como se isso fizesse alguma diferença. O lugar em si está uma bagunça, mas isso porque este lugar é provisório. Tem uma mesa de professor que eu

trouxe para cima, onde há comida e remédios, para não ter que andar até o vestiário caso precisar. Há uma lousa, onde eu marco os dias em que estou aqui. Acabou o giz, então só arranho mais um palito a cada dia.

Estive fora por quatro dias, então preciso atualizar o quadro, que já está quase cheio. Este é o meu segundo — o primeiro terminou com duzentos e setenta e dois dias. Este está com cento e sessenta e nove. Cento e setenta e três dias, assim que eu o atualizar. Quatrocentos e quarenta e cinco dias no total. Devo ter vinte anos, Mariana deve ter dezenove e meu irmão dezesseis. Nenhum de nós pode ter certeza.

Aponto a lanterna para três colchões empilhados que formam uma cama, um mais cinza e gasto que o outro. Agora parece a cena de um filme de terror adolescente, mas estou tão acostumado com o lugar que não há como sentir medo de nada. Os únicos monstros aqui somos nós dois, mais perigosos que qualquer outra coisa. Nós temos instinto de sobrevivência e muito medo de morrer e isso pode causar os piores efeitos.

Eu te levo para o vestiário masculino. Se parece bastante com um labirinto nesse escuro, mas já conheço cada armário e o que tem dentro dele.

Encosto a vassoura na parede — ela foi um bom achado, agora posso tentar varrer um pouco da poeira e amenizar a asma —, abro o armário de pilhas e, colocando a mala no chão e a abrindo, adiciono um novo monte delas. Abro o armário de salgadinhos e adiciono três novos pacotes. O armário de água e uma nova garrafa.

Você me pergunta onde eu consegui essas coisas, o que me faz rir. É o seguinte, estamos no meio da cidade. O mercado é logo ali. Tudo para mim, porque todo mundo tem medo de andar pela cidade e morrer. Tem muitas formas de morrer quando você anda pela selva de corpos e concreto. Você pode ser infectado pelo ar ao tocar um corpo, ao passar por um hospital...

Algo pode desabar em cima de você enquanto anda. Alguém pode te encontrar e te matar, por puro medo. É aí que você repara na máscara de gás pendurada em meu pescoço e o macacão de proteção química que estou usando. Eu não sou um completo idiota.

Mas eu tive que ser para arranjar isso. Roubei de uma comunidade enquanto todos dormiam. Tem um para a Mariana também, bem... Bem ali.

Você vê um macacão e uma máscara pendurados em um cabide, mas há algumas outras de reserva. Ando roubando muito, eu admito. Preciso de um pouco de ação, não é tão divertido buscar coisas no mercado quando é a única coisa que se pode fazer. Me tornei um colecionador e a máscara de gás é meu melhor troféu.

Largo a lanterna em um banco próximo para tirar meu macacão e guardá-lo junto com a máscara. Se aqui o ar estivesse infectado, eu estaria morto há muito tempo. Esse passeio foi para afastar o tédio, pois eu não

estava precisando de mais mantimentos. Não tem muito que fazer aqui. Quer dizer... Vem aqui, vou te mostrar uma coisa.

Pego a lanterna novamente e voltamos ao ginásio. Perto da arquibancada esquerda há várias estantes de metal tipicamente escolares, repleta de livros. Eu leio para passar o tempo, livros que pego nas incursões.

Às vezes eu desenho nas folhas dos livros desinteressantes. Às vezes jogo basquete, ou futebol. Às vezes eu tenho um acesso de raiva e destruo uma das salas de aula do andar de baixo. Na maior parte do tempo, só durmo. Mas agora há você, e eu não te trouxe para te assustar. Eu quero te contar histórias.

Espere, vou me deitar.

Eu ando até a cama e me jogo lá. Está tão gasto que o colchão a minha volta me envolve quase como em um casulo, ou uma canoa, o centro afundando comigo. Você dá risada, eu dou um sorrisinho. Você se senta na beirada da cama, o que ajuda. Desligo a lanterna e a deixo ao lado do meu corpo. Como você diz exatamente o que quero que você diga, como um deus, imagino que esteja dizendo que é perigoso para eu ficar aqui. Que é demais por uma garota. Que eu estaria bem melhor na comunidade de música que mencionei, com o meu irmão. E se ela já estiver morta? E se tiver esquecido?

E se tiver encontrado outra pessoa ou preferido ficar com a família dela? Se tivesse encontrado um amigo e escolhido ficar lá com alguém que conhecia, finalmente? Estou vivendo em prol dela. Na verdade, estou morto até que ela chegue.

— Não é bem assim — eu te digo, mesmo sabendo que é bem assim.

Mas por favor, não me faça levantar. Não me faça mudar isso. Eu não posso seguir em frente. Eu sei que na sua época há a idealização de “você pode ser feliz sozinho”, “você não precisa de mais ninguém”, mas isso é negligente.

Você nunca amou alguém para valer? Pense na sua mãe. No seu pai. Em quem quer que tenha te criado. Pense em qualquer tipo de amor de verdade que tenha, e imagine perdê-lo. A Mariana não é um peixinho no mar que eu posso soltar e encontrar outra da mesma espécie por aí. A Mariana é minha família, não do tipo que te critica nas noites de Natal ou que te magoa e diz que é só pelo seu bem. Ela é o que a família tem que significar. O amor em toda e qualquer condição, a proteção a qualquer custo.

Há uma coisa que notei há muito tempo, muito antes da guerra. Todo mundo

trata amor como se fosse um produto. Uma pessoa vem, e você conta os seus segredos e confia nela e se faz vulnerável. Mas então, a pessoa decide que não te quer mais, você perdeu a graça ou ela achou um produto ainda melhor. Um produto mais atrativo. Um outro alguém. E então todos os seus serviços são jogados fora: é como se você não soubesse nada sobre aquela pessoa, como se não tivessem confiado um no outro e como se fosse para ser fácil assim. E você se esquece. Você envenena as memórias, dizendo que elas são ruins. Joga o produto fora, como se o produto não fosse uma pessoa e você passa a falar mal dele para conhecidos; “não comprem dessa marca, essa marca não presta”.

A Mariana é um ser humano. Ela merece que lutem por ela, que estejam ali por ela, que a façam feliz. Merece ser salva. Não porque me salvou, embora essa seja a verdade, mas porque é minha melhor amiga.

Você suspira. Eu sei que dá para entender. Sei que você espera que amor seja real, que tudo o que já fizeram de ruim com você foi porque não encontrou a pessoa certa. Fernanda, uma das minhas amigas (já morta), costumava olhar para mim com seus olhos escuros, dizendo: “acredite no amor pelo o que você sentiu, e não pelo o que já viu”. Eu a amava. Você já esteve apaixonado por um amigo seu, mas no sentido de amizade? Já amou tanto alguém que isso quase beirou o romântico, mas nunca chegou lá? Um amigo do qual você nunca se viu sem, para o qual às vezes você olha e pensa que é uma das pessoas mais bonitas do planeta, e você não quer dizer isso literalmente. Aquela história de que a personalidade molda a beleza.

Fernanda Galvão.

De repente preciso falar sobre ela. Diga o nome dela. De vez em quando eu te imagino como ela, de vez em quando faço dela meu amigo imaginário. E quando você volta, antes que ela vá embora, eu digo o seu nome. Fernanda Galvão tinha olhos escuros. Era negra. O sorriso mais largo que eu já vi. Ela tocava as pessoas como você toca a pétala de uma rosa: suavemente, e aí pétala suavemente te toca de volta. A lei da ação e da reação. Morreu por conta de uma arma biológica, me disseram mais tarde. A carne dela apodreceu como quando você queima um papel.

Antes, quando eu estava em um carro cheio, olhava para cada passageiro e me perguntava como iriam morrer, inclusive eu. Imaginava um indicador acima das nossas cabeças como em um jogo de videogame. Este é o seu alvo. Acerte-o. Escolha. Acidente de avião, de carro, atropelamento, baleado, queimado, congelado, evasão de gás, esfaqueado, enforcado, ataque

cardíaco, câncer. A vida é esse enorme campo minado e boa sorte para todos.

Não é à toa que tem tanta gente preocupada em colocar um tapete debaixo dos móveis para não arranhar o chão de madeira. É mais fácil assim.

Você se deita ao meu lado. Acho que eu te assustei, mas você vem de um lugar melhor. Me pede para que eu conte sobre algo feliz. Uma canção de ninar enquanto Mariana não vem. Eu digo, insistindo:

— Mas os medos, o terror, o choro, o desespero, é isso que nos torna humanos. Isso é humanidade e significa que você está vivo. Não fuja disso.

Sem medo, não há coragem, e então não há adrenalina, as grandes decisões, não há nada que nos torne fortes. Não haveria nada que te diferenciase de um completo idiota, alguém perfeito e sem preocupações. É por isso que a Mariana tem medo do céu — sei disso há muito tempo. Sei disso porque observei medo, terror, choro e desespero por muito tempo nos últimos anos.

Acho que foi tudo o que houve.

Você fica em silêncio. Eu continuo, a voz não passa de um sussurro exausto:

— Que Deus nos livre da perfeição.

Depois disso, meus olhos começam a arder de uma forma que me força a fechá-los. Estou morto de sono e sendo envolvido por isso tão rapidamente que, por um momento, temo que tenha pegado alguma infecção durante minha viagem e agora estou morrendo, mas a preocupação logo se vai. Eu estava repleto de adrenalina, mas agora estou em casa e exausto.

Durmo.

2.1 mariana

São Paulo, 08 de maio. 08h35min.

Pssst. Acorda. ACORDA. Eu mesma ainda não me levantei, mas estou te dando leves chutes com a minha bota para sacudir o seu corpo. O sol já nasceu, mas o leve frio e a luz que poderia ser mais forte indicam que ainda é manhã. Não há ninguém por perto, nenhuma emergência, mas não podemos abusar da sorte.

Assim que garanto que já acordou, me ocupo em tirar folhas do meu rabo de cavalo. Meu cabelo está oleoso. Em São Paulo, para tomar banho

você deve pegar água, é claro, o que é muito difícil. Às vezes as pessoas encontram caixas d'água, outras interceptaram os tubos das estações de tratamento, sabe, os tubos que encaminhavam a água para as nossas casinhas; outros vivem perto de represas — essas comunidades geralmente são as mais cheias. Essas são nossas únicas chances de tomar um banho. Até lá, vamos ter que aguentar um pouco de odor.

Falando na própria, abro minha mochila e pego uma garrafa d'água de dois litros. Há mais uma cheia aqui comigo, um pouco de frango assado, frutas e legumes. Não vou comer nada agora, estou acostumada a comer muito pouco. Sou como aquelas modelos que estavam tentando viver de ar e luz do sol, a diferença é que eu estou praticamente sendo obrigada. Guardo a garrafa e puxo outra coisa de dentro da mochila: uma bandana preta. Eu a amarro acima da orelha, tampando o nariz e a boca. Não é a melhor coisa para me proteger de todas as doenças que estão infectando o ar, mas tem funcionado até agora. Eu coloco e olho para você, que já está bem mais acordado e em alerta.

Que tipo de adrenalina iremos experimentar hoje? Viagens são sempre empolgantes, você nunca sabe quais armadilhas te esperam. Sempre acontece alguma coisa, acredite. Você não vai precisar de uma bandana, é claro, então fecho minha mochila e me levanto.

Dou uma batidinha na minha calça para tirar a terra e algumas outras folhas. Você está pronto para ver tudo aquilo de novo? Depois de um tempo você aprende a se distanciar tanto que é como se estivesse vendo uma pintura em um museu ou um filme na aula de História. Eu passo um momento te observando, mordiscando o interior da minha bochecha, porque o processo de se distanciar leva um tempinho. Se sentir dormente requer prática, pois como humanos o nosso instinto é sentir cada coisinha, mas aqui, se você se permitir sentir não vai descansar até ter sucesso em um suicídio.

Começo a andar. Sabe, eu falei bastante sobre bombardeios e armas biológicas, mas não duvido nada que o assassinato está em uma competição com o suicídio. Quero dizer que talvez haja mais suicidas do que pessoas que foram mortas. Às vezes, em um dia como qualquer outro, você simplesmente desiste. Os sonhos estão mortos. O mundo é só um videogame sem objetivo, você jogaria? De novo e de novo e todos os dias, um jogo que você tem que jogar mesmo de olhos fechados? Estas pessoas estavam literalmente morrendo de tédio. É difícil andar nas florestas de concreto. Alguns prédios ainda estão de pé e as pessoas usam sua altura para deixar este mundo.

Ah, aqui estamos, de novo contemplando a destruição. Como você está? Se sente pronto para prosseguir? Eu sei, é como um portal para outro mundo. Montanhas e montanhas de concreto, com alguns prédios esnobes exibindo sua estrutura forte para aqueles que caíram. Por baixo e por cima dos destroços, dá para ver os corpos. De vez em quando você os vê em pedaços. Algumas cabeças estão de olhos abertos, te encarando e perguntando o que diabos você ainda está fazendo neste planeta. É

engraçado, mas o céu parece muito maior agora. Sem nada se erguendo para

atrapalhar sua amplitude parece capaz de cair sobre nós e nos engolir.

Tomara.

Deixo você se acostumar com a vista enquanto mais uma vez abro minha mochila e desta vez pego o mapa da cidade. É gigantesco, cheio de linhas e informações, mas encontrei nossa localização antes de te acordar.

Com um leve vento amassando o mapa, eu te mostro para onde temos que ir.

O trajeto não é nada animador, mas vamos passar por alguns lugares bem interessantes. São os pontos turísticos apontados no mapa que irão nos guiar, basicamente, mas ainda há bastante placa de rua que se sustentou por aí. São Paulo é enorme, mas eu conhecia um bom pedaço dessa cidade. Mesmo destruídos, é fácil reconhecer alguns lugares.

Você me pergunta para onde estamos indo agora. Essa é uma boa pergunta. Minha voz sai abafada por conta da bandana.

— Segundo o mapa, minha antiga escola ainda está longe... estamos na zona norte de São Paulo e precisamos chegar na zona sul — suspiro, começando a dobrar o mapa. — Mas agora estamos indo para lá — com o queixo, indico um conjunto de árvores muitos quilômetros à frente. Estamos um pouco longe. — É o seguinte, o que restou da humanidade se dividiu em comunidades, quase como tribos indígenas. Há vários tipos de comunidade, sabe. Há aquelas que vivem em prédios antigos, há aqueles que são religiosos, aqueles que são veganos... eu já vi de todo tipo. Mas todas elas têm uma coisa em comum: vivem entre as árvores. Árvores significam solo fértil, o que importa agora que plantamos nossa própria comida e significa uma área livre de infecções.

Você quer saber o que vamos fazer em uma comunidade.

— Bom... Eu tenho comida aqui, roubei um pouco da colheita da última comunidade, mas precisamos de mais. Só vou comer quando souber que vou poder comer de novo.

É exatamente o que você e seus olhos arregalados estão pensando. Nós vamos roubar. Mas fique calmo, é só se a gente perceber que eles não dariam se a gente pedisse. E só vamos precisar saquear de novo se formos roubados ou qualquer coisa assim, essa viagem só dura uns dois dias.

Agora precisamos começar a andar. Eu dou o primeiro passo e deixo que você leve seu próprio tempo para ir avançando. Ainda há um caminho bastante empoeirado antes que a gente chegue até as montanhas de concreto e pessoas pelas quais teremos que subir. Nós vamos seguindo lentamente.

— Então, lição número dois. Chega de falar sobre morte, né? — eu te olho

com um sorrisinho. — Vou tentar, mas na verdade eu tenho outro assunto aqui. A segunda coisa que aprendi depois que eu morri é uma teoria que estou desenvolvendo mentalmente. Não sei se você já assistiu ou leu Harry Potter. Eu não tive tempo de chegar no livro do Enigma do Príncipe, parei em A Ordem da Fênix, mas vi todos os filmes. O caso é que no filme do Enigma do Príncipe, o Dumbledore pede para o Harry extrair do professor novo de Poções uma memória sobre Tom Riddle, que é o Voldemort antes de virar o Voldemort em si. Então o Harry tem essas tentativas meio fracassadas de pedir para o cara e ele bate a porta na cara dele, e aí vem a coisa mais interessante: o Harry ganhou *felix felicis* em uma aula de Poções, que é conhecida como sorte líquida. Você toma e obtém sucesso em tudo que tentar por um tempo determinado. O Harry queria muito pegar a informação para o Dumbledore e estava falhando miseravelmente, então, ele tomou o *felix felicis* e foi dar um passeio. Acho que ele foi encontrar alguém, na verdade, faz tempo que eu não assisto, né? Enfim, no meio do caminho ele passa pelas estufas da Prof.^a Sprout e encontra o danado do professor de Poções pegando umas plantas dela de graça pela janela. Ah! Lembrei. O professor pergunta o que o Harry estava fazendo ali e ele responde “estou indo visitar meu bom amigo Hagrid” e o professor diz que ele não deveria estar fazendo aquilo sozinho, sair do castelo e tal, e o Harry diz “por que não me acompanha?” e ele vai. Lá, o Hagrid está chorando pela morte de uma aranha gigantesca, que é a aranha que atacou o Harry e o Rony no segundo filme, e acontece que essa aranha tem alguma coisa bem rara que o professor de poções quer e o Hagrid deixa pegar para ele. Depois disso, eles vão beber chá na cabana do Hagrid, ou não é chá, porque o professor ficou bem melancólico e esquisito e ali, depois de uma conversinha, o Harry conseguiu a tal da memória que estava precisando.

Agora, eu acredito em magia. Ela é real. Mas eu não acho que o *felix felicis* seja sorte líquida (desculpa J.K.), eu acho que é um outro fenômeno. A poção fez o Harry ficar bem mais avoado, como se ele estivesse sob o efeito daquela coisa que te dão no dentista e te deixa feliz e todo bobo, e então ele só viveu a vida dele e no fim deu tudo certo.

Eu acho que a chave do *felix felicis* é o desapego. Um desapego líquido.

Eu tinha essa amiga, Sasha. Ela vivia sorrindo, muito animada, um ano mais velha que eu. Era baixa e muito magra, e também muito bonita, se você me perguntar; mas ela sempre vinha desabafar comigo sobre como a mãe dela falava do seu corpo, dizendo que aquele era um corpo de criança, a forçava a tomar medicação para engordar e dizia também que nenhum homem iria querer uma mulher com um corpo como aquele. Nenhum homem de verdade quer namorar uma criança, e aquilo era para o próprio bem dela, é claro. Ela

estava psicologicamente abalada e odiava o que via no espelho por causa disso, mas era para o bem dela.

Ninguém dá a mínima para o bem psicológico. Tudo o que importava era o que os outros viam: você tem que estar em um bom relacionamento, você tem que ter um bom corpo e tem que ter uma boa carreira. Tudo isso tem que estar bem claro para Deus e o mundo nas suas redes sociais. Bom, mas tudo isso está morto agora e espero que tenha valido a pena. Espero que ganhar o respeito, admiração e inveja de todo mundo que via a sua selfie no Facebook tenha lhe trazido o que realmente importa, de verdade. Que a sua mãe tenha ficado muito orgulhosa; que a sua avó te exhiba para as amigas; que você nunca mais ouça um pio do seu pai. Porque é isso, não é? Nunca mais ouvir uma crítica de alguém?

Acredite em mim, eu não sou essa pessoa que odeia as redes sociais e acha que elas eram uma abominação. Sem elas, você não sabia o que estava acontecendo com o mundo. Redes sociais podiam criar grandes oportunidades, era onde podíamos começar uma rebelião, contar histórias, ajudar. Comunicação tem esse poder. Então eu não estou dizendo para você se desconectar de todas elas, estou te perguntando que merda você está ensinando a si mesmo quando sua estima depende da admiração alheia. É

disso que eu estou falando. Desapegue-se de qualquer dependência, menos a que você não pode evitar. E a única dependência que você não pode evitar é a dependência de si mesmo.

Eu paro. Finalmente chegamos nas montanhas de concreto, e você tem que escalá-las porque não há um caminho entre elas. Preciso parar um pouco com a segunda lição para que a gente possa se concentrar.

Aqui estão as memórias despedaçadas, bem a nossa frente. Esses prédios derrubados carregam histórias. Essas pessoas soterradas carregam momentos. Elas existiram e estiveram aqui e agora sabem a verdade, sabem o que rola depois que você bate as botas. Mas eu te disse que não falaria mais sobre a morte, não é? Só que agora estamos prestes a pisar nas histórias e momentos como se não fossem nada, apenas algo que torna nossa jornada mais difícil. Bom, vamos lá.

Você tem que manter seu pé firme e o passo equilibrado para não escorregar em uma pedra e bater de cara em outra pedra. Estou indo na frente.

Mantenha-se atento para não pisar em alguém, porque a sensação é nauseante. Tente não olhar, também, a pele em decomposição não é bonita.

Estou escalando. Eu te ouço atrás de mim, o que meio que me ajuda. Quero te acalmar e dizer que vai ficar tudo bem, o pior já aconteceu.

Chegamos no topo. Daqui a gente anda um pouquinho e aí escorrega e escala o próximo, mas fico parada para contemplar a vista. Há fumaça em vários pontos da cidade, nem todas vindas por entre as árvores; nas comunidades, onde você imaginaria que alguém começaria uma fogueira.

Nem quero saber o que originou os outros incêndios. Há mais prédios também. Não vejo nada em movimento a não ser alguns pássaros, bicando por entre as montanhas de concreto e moscas. Temos muitos insetos agora.

Estamos em desvantagem daqui de cima, pois é possível nos ver de muitos lugares, mas não há nenhuma outra opção. Quem quer que nos veja, vamos só torcer para que não sejam muitos. Ou para que sejam amigáveis.

Volto a andar. Com essa superfície instável, eu preciso abrir os braços para facilitar o equilíbrio e finjo que sou um avião. Você faz o mesmo logo atrás de mim, e de repente imagino que somos duas crianças se equilibrando na extremidade de uma calçada na era antes da guerra. Temos cinco, seis, sete anos e somos cegos. Completamente cegos. O único terror para nós é quando nossos pais não nos deixam brincar com o que queremos brincar no momento. Na real, seja que nem uma criança. Crianças podem chorar por uma coisa, mas no segundo seguinte elas veem outra coisa que pode ser ainda melhor e mais divertida.

O que me leva de volta a sua segunda lição. É claro que é fácil te dizer para ser desapegado uma vez que não há mais nada do que eu possa me desapegar agora. Mas isso é perfeito, porque eu posso te dizer que não ter do que desapegar é simplesmente ideal. É claro, tudo e todos que eu conhecia morreram, o que me tira toda a essência. É por isso que me sinto morta, estou morta até encontrar o Bernardo. Sem meus amigos, sem minha família, sem algo acontecendo, eu não tenho ao que reagir. Como posso ser eu mesma se eu não tenho essa chance? Não há ninguém que eu ame por perto para que eu demonstre o quão atenciosa posso ser. Não tenho onde desenhar, coisa que eu amo fazer. Não posso ler. Não posso criar. O eco de quem eu sou não tem onde bater, então não volta. Logo, eu sou um vácuo.

Nessa brincadeira de fingir ser criança e pensar no Bernardo eu escorrego e caio de costas por uma descida, a mochila amortece a queda. Fico parada, meio deitada, apoiada nos cotovelos, olhando para o céu. Vejo os pássaros e as moscas. E, por um instante, você desaparece. Estou sozinha.

Acho que estou tendo um ataque de pânico, pois me sinto desesperada e não consigo respirar. Peguei uma doença? Olho para as minhas mãos para ver se as ataduras que fiz com a minha calça rasgaram. Não. Retiro minha bandana, mesmo que seja algo idiota para cacete. Preciso respirar. Estou olhando para os lados, um nó na garganta, quero muito, muito chorar. Volta. Volta. Você

precisa voltar agora.

E você não volta. Eu não consigo te trazer de volta de maneira alguma.

Pronto, estou chorando. Acredite se quiser, faz muito tempo que eu não choro e até que fico meio grata pelos filetes de água limpando o meu rosto oleoso, sujo e suado. Estou chorando, puxando o ar desesperadamente e olhando para os lados, incapaz de me mover. Me forço a pensar no Bernardo.

Mariana, se você não colocar a bandana agora, pode morrer. Só que eu não me importo em morrer, parte de mim quer muito desistir e descobrir logo o segredo que a maior parte do que era a população mundial já sabe, o grande segredo do que tem do outro lado. Mas eu o amo e preciso viver. Ele ficaria decepcionado comigo se morresse porque quis. Posso morrer se ele já tiver ido, prometo isso a mim mesma. Eu prendo a respiração e fecho os olhos.

Posso morrer se ele já estiver morto. Se eu encontrar seu corpo, posso me permitir morrer. Não vai ter mais nada.

Às vezes, quando eu acordava no meio da noite e o Bernardo estava do lado e eu estava completamente desesperada por algum motivo, olhar para ele

com calma me ajudava. Às vezes eu estava tendo uma crise de choro e ele tentava me acalmar e eu o mandava calar a boca e só olhar para mim e aquilo funcionava. Acho que o fato de ele estar vivo me fazia sentir melhor. Por isso, me forço a pensar nele.

O dia em que soube que amava o Bernardo foi há quatro anos, eu acho. Nós estávamos em um trem vazio depois da meia-noite, voltando da casa da minha melhor amiga, a Fernanda. Estávamos em silêncio, um de frente para o outro. Sua cabeça estava tombada para o lado, encostando na janela, os olhos fechados. Eu estava de pernas e braços cruzados, e ele havia aberto um pouco as dele para que as minhas encaixassem. Mordiscando o lado interno de uma das bochechas, eu avaliava a situação. Estava pensando: acho que eu te amo, imaginando o que diabos aquilo significava, porque amor nunca teve uma definição. Amor não é quando alguém faz alguma coisa. Amor nunca é, essa coisa só existe e a única pessoa que sabe quando é verdadeiro é quem o sente, porque amor não dá para se provar. Você não prova amor se casando, qualquer idiota pode se casar. Você não prova amor dando flores, qualquer idiota com dinheiro pode te dar flores.

Nem mesmo quando você ouve e ajuda alguém é amor em si, porque tipo... A TV e os filmes já nos mostraram como alguém supostamente apaixonado deve agir. Ela nos faz acreditar que estamos apaixonados e aí imitamos os gestos de quem está apaixonado, e ficamos nessa, imitando, imitando, imitando, dizendo coisas que já foram ditas, fazendo coisas que vimos em

outro lugar porque parece decente. E aí é só imitar, não é? Você vê esse cara jogando pétalas de flores no quarto de uma menina para pedi-la em namoro e imita, e qualquer idiota pode fazer isso. Se um cara quer te enganar só para te pegar e quer te envolver, é só ele imitar o último galã dos cinemas e pronto. E as pessoas criaram um padrão para amor, que é quando você faz isso, isso e isso e esquecem que as pessoas são diferentes e amor é só um elemento comum e a pessoa é outro totalmente diferente, então a reação química nunca pode ser a mesma. As pessoas reagem de modos diferentes quando você ama, e eu estava imaginando o que aquilo queria dizer para mim.

Mas como eu disse, amor não é, essa merda só existe, então eu só sabia que amava o Bernardo e não tinha um roteiro. O que eu tinha que fazer?

Dizer a ele? Beijá-lo? Enquanto eu percebia o sentimento, algo muito parecido com o ataque de pânico que estou tendo agora aconteceu. Eu estava completamente desesperada, com medo, até. Eu o queria desesperadamente, queria saber tudo sobre ele, o que falava sobre mim, o que tinha a dizer sobre todas as coisas, queria saber o que estava pensando, suas ambições; queria ele por inteiro e de todas as formas: clichê, profunda, previsível, superficial.

Engoli tudo aquilo na hora e me deixei distrair com o Bernardo em si, a pequena veia abaixo do seu pescoço, pulsando. A respiração dele, o cabelo, o pescoço, o queixo, os cílios, os joelhos encostando de leve nas minhas coxas.

Esse canalha.

E mais uma vez, bem nesse momento, enquanto eu volto a me levantar e coloco a bandana de volta, o Bernardo salvou a minha vida. Ele nem está aqui e nem você estava aqui.

Eu me viro. Você. Mas onde é que você estava? Pirou? Me deixou aqui sozinha! Eu quase morri!

Preciso respirar e expirar algumas vezes antes de voltar ao normal. Se tem uma coisa que eu aprendi (e essa você pode considerar como uma liçãozinha extra) é que não adianta chorar pelo leite derramado, mas essa você já deve ter ouvido, só tem que levá-la mais a sério. Aliás, eu te inventei.

Eu te fiz. O seu sumiço foi culpa da minha incapacidade.

Bom, isso não importa. Vamos continuar andando. Começo a falar em voz alta para não perder o fio da meada novamente.

— Então, desapego. Eu estava falando sobre o desapego consigo mesmo, não é? — estamos no topo de outra montanha. Dou um passo largo demais para evitar pisar em um corpo. — Antes da guerra, a pessoa que mais me torturava era eu mesma. Ah, eu era terrível. Era como se eu fosse a presidente e tivesse

que dar exemplo para cada ser humano na Terra, e me cobrava tanto que, no final, nunca fui exemplo algum.

Eu queria salvar todo mundo. Queria ser boa em tudo, da exata forma que todo mundo espera, mas é que nem aquela frase de Einstein. Não dá para julgar um peixe pela sua habilidade de escalar uma maldita árvore. Eu me sentia impotente por não conseguir boas notas na escola e não fazer ideia de que merda eu iria fazer na faculdade; me doava tanto para as pessoas que não tinha mais tempo para mim; me corroía por dentro toda vez que a minha tia brigava comigo por não arranjar um emprego, e eu não arranjava porque não queria trabalhar com qualquer coisa em um escritório e ficar infeliz.

Realmente me sentia inútil e mimada, tipo, todo mundo arranja um emprego miserável para comprar o que quer enquanto Mariana bate o pé até arranjar

algo legal. Mas ela não corre atrás de algo legal porque está deprimida e empacada e não consegue mover um dedo para fazer as coisas acontecerem.

Essas coisas que me deixavam miserável, essas pressões e estereótipos que deveríamos seguir, frases que terminavam com “todo mundo faz isso”, todas essas coisas que eu não seguia e me faziam sentir inútil por não seguir...

do tipo: “trabalhe e estude, todo mundo faz isso”, “baixe um aplicativo para arranjar um namorado, todo mundo faz isso”, “se mate de estudar para entrar na faculdade e abra mão do que você gosta de fazer, todo mundo faz isso”, e aí eu não fazia e me sentia muito, muito idiota e mimada por não fazer e agora estou pensando “meu Deus, por que eu me senti deprimida? Numa vida curta dessa, tá deprimida por fazer o que quer fazer?”. Entendeu? Às vezes é algo com a gente, e não com os outros. Os outros podem ser muito idiotas, mas é fácil tampar vozes. Um fone de ouvido aqui, uma série da Netflix ali e está feito. Mas quando você é o monstro... A única saída é mudança de perspectiva. Você não pode fugir da sua própria mente, só alterá-la.

Imagine a vida sem ligar para cobranças alheias. Imagine a vida sem se cobrar, sejam essas cobranças que você inventou ou cobranças que você está reproduzindo porque alguém fez isso com você. Imagine só relaxar e visitar o seu bom amigo Hagrid.

Eu paro e me viro. Estalo os dedos e aponto para você.

— É disso que eu tô falando! Somos todos monstros e não podemos evitar fazer uma crítica maldosa. Uma reação desesperada e carregada de ódio. Uma precipitação negativa — eu me aproximo e faço uma arma com uma mão, estendo o braço e encosto o cano em sua testa. — Chega disso para você. O mundo tá cheio de pessoas bacanas. Se não consegue achar uma, seja uma — eu vi essa frase em algum lugar da internet. Aperto o gatilho e a arma dispara.

POU. Acabei de matar seu monstro. — Aqui está sua dose de felix felicitis.

2.2 BERNARDO

São Paulo, 8 de maio. 14h01min.

Abro os olhos lentamente. Me sinto quente como se estivesse com febre alta, aquela sensação de corpo dolorido, cabeça doída e pele fervendo. Meus olhos estão ardendo e estou com um cobertor. Acho que devo ter levantado no meio da noite, pego um desses dobrados na mesa de professores. Me sento e olho para os lados, avistando você de pé perto da escada, olhando para os degraus com olhos arregalados.

— Que foi? — pergunto com voz rouca, e você rapidamente se vira e com um gesto me pede silêncio. Percebo que está com medo e lentamente me livro do cobertor e me levanto. Já estou com botas e com roupas diferentes.

Com certeza acordei no meio da noite e não me lembro do que fiz, mas pelo visto apenas troquei a roupa por algo mais quente e peguei o cobertor, então devo ter acordado de frio.

Com passos lentos e postura reta eu vou até você, e então percebo o que está acontecendo. Tem barulho no andar de baixo. Vozes, passos, aquela coisa que você sente quando alguém se aproxima, o som de coisas batendo e se movendo. Há pessoas aqui. Mais de uma. Olho para você e por um tempo ficamos nos encarando, pensando no que fazer. E então eu me viro e corro para o vestiário masculino; você me segue. Nunca encontrei uma mochila, mas encontrei uma mala de pano e isso vai nos servir. Eles vão subir e pegar minhas coisas, e estará claro que alguém mora aqui. Vão procurar por mim para que possam me matar. Precisamos pegar aquilo que mais prezo para que não seja levado. Fique de olho e me avise quando estiverem subindo. Você sai correndo. Primeiro, eu pego as máscaras de gás e os macacões. Quatro bombinhas de asma. Depois, água, salgadinhos e, então, facas. É muito difícil encontrar armas, por motivos óbvios. Nós não vendíamos armas em qualquer loja que se encontrasse, e quem tem só usa em casos muito especiais, porque, bem, você não pode mais comprar munição. Então é isso, voltamos ao bom e velho combate corpo-a-corpo. Já vi pessoas com espadas e arco e flecha.

Nossa evolução nos matou e agora estamos regredindo.

Guardo uma faca afiada e grande em meu bolso interno no casaco.

Estou suando e minha pele parece estalar de calor agora. Pego mais algumas roupas e mais um par de botas e fecho a mala, bem a tempo de você voltar e dizer para que eu me esconda. Nossa melhor opção é debaixo das arquibancadas, e é para lá que vamos. Estou ouvindo passos, vozes e risadas,

masculinas e femininas. Desaparecemos na sombra da arquibancada bem a tempo, pois então ouço o eco dos passos e vozes. Chegaram ao ginásio.

Consigo vê-los por uma fina fresta.

Estão em cinco. Um homem anda na frente; tem pele bronzeada, cabelos e barba grisalhos e parece muito cansado. Carrega um facão enorme em uma mão e uma bolsa ecológica vazia na outra, além de um guarda-chuva azul escuro. Um grupo mais jovem o segue, a fonte dos barulhos e risadas, pois o homem mais velho é muito calado e observa tudo com cautela.

Uma das garotas é alta e negra. Os cabelos rondam seu rosto como uma flor, acompanhados de olhos brilhantes e um sorriso largo. Outro garoto está usando roupas muito largas e tem cabelos em um tom claro de marrom quase do mesmo tom de sua pele. Esses dois parecem muito próximos e muito animados com a mina de ouro que acabam de encontrar. Eles correm diretamente para a mesa onde estão meus salgadinhos, abrindo muitos pacotes. Comem freneticamente. Há outro garoto, muito mais novo, com cabelos pretos e pele branca como a minha. Só que seu nariz é bem menor e ele parece ter, no máximo, dez anos. Ele leva um tempo olhando ao redor antes de correr para se juntar aos outros na mesa de salgadinhos.

A última garota não deve sentir tanta fome, pois corre para alcançar o homem mais velho e os dois começam a conversar em voz baixa. Ela tem longos cabelos encaracolados em tom de caramelo, pele bronzeada e estatura média. Fora o menino e o homem, os outros três parecem ter aproximadamente minha idade. O homem e a garota de cabelos de caramelo parecem concordar com alguma coisa e se separam. Ela vai até os livros e o homem em direção aos vestiários.

Olho para você e consigo te ver perfeitamente mesmo debaixo da sombra da arquibancada. A única coisa que consegue ver são meus olhos iluminados pela fresta. Lentamente, eu deixo a mala no chão e a ajeito entre os meus pés. Poderíamos atravessar a arquibancada até o outro lado, descer as escadas e nos esconder lá fora enquanto estão aqui, mas realmente não acho que seja necessário, então permaneço parado. Você confia em mim?

A garota negra se aproxima de sua amiga. Ela traz consigo um pacote grande de Cheetos sabor queijo e observa os livros.

— Acho que acabamos de encontrar o pote no fim do arco-íris — diz ela, de boca cheia.

A outra menina está com um livro em mãos, não consigo ver qual. Ela olha ao redor antes de responder.

— Você já checkou a validade disso?

— Validade?! — a outra pergunta, incrédula. — Quem liga para validade? Ainda tem o sabor e ainda é crocante, isso que importa.

A branca fecha o livro e o coloca de volta no lugar.

— Só acho bom demais para ser verdade. Alguém morou aqui, ou mora.

A negra começa a mastigar com menos ferocidade.

— Bom... — mas ela não completa o pensamento.

— E se saiu por um tempinho e agora estamos roubando as coisas deles? — a garota realmente parece assustada com a ideia de roubar, e eu começo a me preocupar menos com a possibilidade de ser morto por essas pessoas. Eles parecem ser do lado bom da força. Digo, Força. Com F

maiúsculo.

— Nós podemos perguntar para ele — diz uma voz rouca e alta. As duas garotas olham para o lado, em direção aos vestiários. — Ele está bem aqui.

Também olho para o lado e vejo o homem mais velho me olhando de volta da abertura da arquibancada. Agora percebo que usa galochas pretas e um casaco verde largo que vai até seus joelhos. Ainda parece cansado e é por isso que não saio correndo. Não parece querer me machucar, apesar do facão nas mãos, mas ainda não tenho coragem de me mover ou dizer alguma coisa.

O garoto de dez anos aparece ao lado dele, o rosto cheio de farelos amarelos. Parece animado. O resto do grupo pipoca ao lado depois, curiosos.

— Já está de saída? — pergunta o homem, sem se aproximar. Está olhando para a mala aos meus pés.

— Precaução — respondo. — Não pretendo sair.

— Nós não sabíamos que tinha alguém aqui — diz a garota negra. — A gente não é de roubar. — ela olha para as mãos amareladas de salgadinho. —

Desculpe por comer sua comida.

— Então vocês são um dos poucos — eu digo. — Quero dizer, do tipo que não rouba — duvido que me matem, mas roubo é uma questão definitiva de sobrevivência. Como Jean Valjean.

— E temos orgulho disso — talvez sejam os quatro jovens ao redor dele, como se ele fosse capaz de protegê-los com o facão e o guarda-chuva, mas o homem passa a sensação de segurança. Seu olhar calmo diz que ele é inofensivo.

Não encontro nada para dizer, então olho para trás para ver o que você está

achando disso. Vejo que também transmite calma, nenhuma preocupação, não parece nem um pouco alerta. Diz para mim que podemos confiar neles, que há uma criança no grupo, e crianças não roubariam ou matariam. Bom, você não vive na pós-guerra, mas acho que pode ter razão nesse caso.

A garota branca sussurra algo no ouvido do homem. Ele parece concordar e volta a olhar para mim.

— Você está tremendo. Se sente bem?

Franzo a testa e ergo uma das mãos, somente para ver que ele tem razão. Mas não estou com medo, faz muito tempo que não tenho medo de ser morto. Também não sinto frio algum.

— Eu sou um médico — continua o homem. — Quer que eu cheque isso para você?

Eu passo a mão pela minha testa e noto que ainda estou suando. Isso é estranho, pois me sinto bem. A única coisa que consigo pensar é que meu pai também era um médico e isso diminui minha confiança no homem. Você me empurra para frente, acha melhor eu dar uma olhada nisso. Se eu estiver doente, posso não sobreviver para ver a Mariana uma última vez. Isso me faz dar os próximos passos, e você traz a minha mala. Estou debaixo da luz de novo. O que ilumina o ginásio são janelas retangulares no alto. Dá para ver que o dia está ensolarado, quase sem nuvens.

— Eu sou o Doutor — diz o homem para mim. Nenhum deles se move, só o garotinho, que se encolhe para trás do Doutor. — Estes são Amora —

ele aponta para a negra, — o Índio — aponta para o garoto de roupas largas,

— Vênus — aponta para a garota branca e traz o garotinho atrás dele um pouco mais para a frente — e Atchim. E você?

Eu faço uma careta para os apelidos, mas acabo sendo honesto.

— Bernardo.

— Você precisa de um apelido — diz Amora. — Nós não somos mais as pessoas que costumávamos ser.

— A gente pensa em alguma coisa — diz Índio. — Você parece muito mal. Deixa o Doutor olhar isso.

Há uma pausa em que eu olho para eles, e eles para mim.

— Posso? — pergunta o Doutor.

— Pode — eu respondo.

— Sente-se na sua cama, por favor — ele aponta com o guarda-chuva para meu monte de colchões e o obedeço automaticamente.

Meus passos estão normais. Firmes, precisos, largos. Eu me sinto bem.

Me sento na cama e vejo você na ponta do colchão a preocupação estampada no seu rosto, mas estou relaxado.

O Doutor entrega seu guarda-chuva e facão para Vênus e se ajoelha ao lado da cama. Noto que ele não está com a bolsa ecológica que o vi carregar quando chegou. Não sei onde conseguiu aquilo, mas agora ele usa luvas grossas de lavar a louça e um lenço amarrado no nariz que também cobre sua boca.

— Não se aproximem demais — ele diz aos outros com voz abafada, e então abre uma pochete que eu não havia visto antes, coberta pelo seu enorme casaco. De lá, tira um termômetro. Não o digital, mas aquele de mercúrio, então me dá e pede para que eu coloque debaixo do braço, e eu obedeço. Depois, também escondido por seu casaco, ele pega um estetoscópio que estava pendurado no pescoço. O coloca em pontos estratégicos do meu corpo, sem fazer nenhum barulho. Eu olho para os outros, que estão me encarando como se realmente temessem pela minha vida. O Doutor me pede para abrir a boca, me faz perguntas. Estou com coceira? Como estou emocionalmente? Estou sentindo qualquer coisa? Eu digo que não, me sinto normal, como todos os dias. Neutro.

Depois, me pede para tirar o termômetro. Entrego a ele, e seus olhos se arregalam brevemente. Ele diz:

— Você está queimando de febre, Bernardo.

Isso me traz um déjà vu, que eu ignoro. Queimando de febre?

— Mas não estou sentindo nada — respondo.

— Há um chiado no seu pulmão.

— Eu tenho asma — eu digo, meio surpreso, pois não sentia a respiração pesar. Adrenalina, talvez.

— Você também está pálido, tremendo e suando — continua o Doutor, como se insistisse. — Sei o que é. Está doente como todas as vezes que já ficou na vida, mas acredito que esse seja um vírus modificado. Você tem os sintomas, mas não os sente e esta doença não pode ser combatida com os anticorpos naturais do corpo. Se seu corpo não o alerta, então você não faz nada, vai piorando e, assim, morre. Acho que essa é uma arma biológica que foi lançada para aqueles que estão sozinhos, como você.

Eles realmente nos queriam mortos.

O Doutor continua:

— A boa notícia é que não é altamente contagioso. É uma doença comum, então é só não ficar abraçado com ninguém, compartilhar copos, esse tipo de coisa — ele abaixa o pano que cobria seu nariz e boca. — A notícia ainda melhor é que temos plantas medicinais na nossa comunidade.

Posso curar você, se quiser.

Você me diz para aceitar.

— Tudo bem — eu digo, quase como um impulso.

— Ufa! — Amora grita. — Achei que não ia confiar na gente.

— Podemos levar os salgadinhos? — ouço a voz de Atchim pela primeira vez.

— Podem, como pagamento — eu respondo. Geralmente sou gentil com crianças, cheio de sorrisos, mas ainda estou atordoado e por isso sou meio seco. Por quanto tempo eu estive assim? Eu poderia estar morto em uma semana se não fosse por essas pessoas. Eu olho para o Doutor. — São quantos dias até a comunidade de vocês?

— Dois, no máximo — responde ele. Está guardando as luvas e o termômetro na pochete. O estetoscópio já foi guardado, e o pano agora está amarrado no seu pescoço. — Quer levar aquela sua mala?

Água, roupas, comida. É uma boa ideia, então faço que sim com um gesto.

— Vênus, pode pegar para mim, por favor? — ele diz à garota, e ela concorda e sai correndo. O Doutor se vira para Índio. — Deixei minha bolsa ecológica no vestiário. Use para pegar alguns salgadinhos — se volta para mim novamente. — Está certo de que não tem problema?

Eu digo que sim, que já tenho um monte. E aí Índio obedece.

— Você vai ficar bem andando por aí com asma? — o Doutor volta a fazer perguntas.

— Eu tenho bombinhas.

— Ótimo.

Depois ele se ocupa e todos estão em movimento, se preparando para sair e para me ajudar, enquanto eu fico sentado na cama com você ao lado.

Acho que não estou atordoado pela morte que estava me passando despercebida. Estou atordoado pela mais simples compaixão, bem aqui na minha frente. Nem antes da guerra alguém me tratou assim. Parte porque

nunca estive à beira da morte antes, e parte porque... Bom, você já conhece as pessoas, não é? E quando foi que se uniram para te ajudar, assim, como primeiro instinto? Nunca. Eu não conheço essas pessoas, mas acho que elas são a esperança da humanidade.

Amora se aproxima e se ajoelha na minha frente, ficando na mesma altura que eu. Nossos olhares se encontram. Ela coloca a mão no meu joelho, um toque suave como se ela estivesse tomando todo o cuidado comigo.

— Está confuso? — ela pergunta. — Achou que a gente ia te matar?

Eu concordo com a cabeça.

— Vão salvar a minha vida, ao invés disso.

Ela ri.

— Que reviravolta, não é? Mas eu quero saber o que você estava fazendo aqui sozinho. Não se sente solitário? Não quer ficar com a gente na nossa comunidade?

— Obrigado, mas estou esperando alguém — nego com a cabeça.

Achei que ela fosse fazer cara de pena, porque esperar por alguém nesse campo minado que é o planeta Terra é esperar para sempre, mas ela concorda.

— De qualquer forma, nós vamos te ajudar. Você é parte do grupo agora e eu quero te dizer uma coisa. Quem quer que você seja agora, o que quer que tenha feito, deixe isso ir. Esvazie-se. Faça isso até que você não seja mais nada. Faça isso até que se esqueça de quem você é. Uma vez que você não é nada, uma vez que não tenha mais nada para ver quando olhar para trás, você está livre para ser alguém novo. Respire o ar pela primeira vez. Não tente se transformar, apenas se crie. Essa é a nossa política na comunidade.

Nós não queremos ouvir suas histórias, não queremos saber quem você foi. A guerra lavou a humanidade e agora somos quem queremos ser. Você está de acordo?

Eu dou um sorriso fraco.

— Tudo bem.

— Ok. Já falei com todo mundo e nós resolvemos te chamar de Cheetos. Você sabe, por causa dos salgadinhos.

Dessa vez, eu dou uma risada.

— Sei. Tudo bem.

— Tudo bem — ela sorri e se levanta. — Vamos lá.

Você e eu nos levantamos. Queria te dar um apelido, mas não sei nada sobre você, só sei que é do passado. O que eu posso fazer com isso? Hum, viajante, talvez, como em viajante do tempo. Você está aqui, você está aí.

Pronto, Viajante. Agora não há mais nada no nosso passado e não contamos mais histórias. Acho que agora nós as criamos.

3.1 mariana

São Paulo, 08 de maio. 16h13min.

Depois do mar de carros, tem a comunidade que iremos assaltar.

Há a chance de eles serem legais e nos dar um pouco de comida, mas vamos ter que ficar observando por um tempo até tirar alguma conclusão. Se forem selvagens e desumanos, nos aproximamos, roubamos e vamos embora.

Caso contrário, pedimos licença e perguntamos com carinho. Se nos atacarem, saímos correndo e roubamos o que tiver na frente. Se tivermos sorte (rá), eles nos darão o que precisamos e quem sabe podemos ficar um pouco e descansar.

O que estamos fazendo agora é subir em carros e pular para o próximo.

Sobe, desce, pula. Sobe, desce, pula. Estamos no meio da rua, e há carros até mesmo nas calçadas. É como se estivessem correndo de algo e aí viram que a pé valia mais a pena e abandonaram tudo. Não tem nem espaço entre eles, é por isso que precisamos escalar. Minha barriga está roncando alto. Tomei mais um gole de água vindo para cá, mas é claro que isso não adiantou. Pelo menos o tempo está fechando e acho que pode chover. Isso torna a caminhada mais difícil, mas refresca muito. Estou pensando em dar apenas uma pequena mordida em uma maçã, por isso começo a falar em voz alta novamente. Te introduzir à terceira coisa que aprendi depois que eu morri vai me distrair.

— Uma vez uma amiga minha que fazia psicologia me perguntou quais são as três coisas que todo mundo devia fazer para viver em paz em sociedade. Eu precisei pensar um pouco, mas eu disse: ajudar, cuidar da própria vida e ter coragem — desço do teto de um carro e pulo para a traseira de outro. Falta pouco para chegarmos nas árvores. — Eu teria sido muito mais feliz se realmente seguisse a regra da coragem.

Tipo assim, aí está você. Você sabe o que quer, não é? Você quer aprender violão. Quer um cabelo ruivo cobre. Quer deixar a unha crescer,

quer fazer balé, quer aprender a andar de skate, fazer suas próprias roupas, visitar a Grécia. Mas você simplesmente não faz, não é? Você simplesmente não vai atrás. SIMPLEMENTE. Não há um motivo para não começar o projeto, você só não começa e a vida segue. Você que me perdoe, mas que

burrice. Digo isso para você e para eu-do-passado. Eu queria muito aprender violão. Vai saber as horas relaxantes que eu teria tocando e cantando comigo mesma, deixando a vida passar com a habilidade que sempre quis ter. Agora eu não posso. Nunca mais vi um violão na vida, e não tenho mais internet para poder aprender. As chances de encontrar alguém para ensinar são quase nulas.

E tipo, por mais que eu tivesse tempo livre antes da guerra, por mais que pudesse aprender algo só por aprender, eu não aprendia. Vai saber o que eu ficava fazendo. Um bando de coisas superficiais que me mandavam fazer e eu fazia. Uma boa nota no Ensino Médio. Cachos de praia no cabelo.

Terminar a série que todo mundo já terminou. Ler o livro que todo mundo já leu. Nossa senhora, só de pensar nisso eu quero me dar um tiro, tudo parece muito idiota agora. Tudo o que eu fiz que não fosse egoísta me pareceu não valer a pena. Eu paro e me viro para você de novo. Estamos no topo de um carro vermelho. Eu seguro seu rosto entre as minhas mãos.

— Seja egoísta. Seja egoísta — e aí eu ergo minha voz: — SEJA A PESSOA MAIS EGOÍSTA DO PLANETA.

Sei que estou exagerando, mas acho que você está captando a mensagem. Não preciso dizer que quero que pense nos seus amigos e em quem você se importa. Não preciso dizer que ainda assim quero que você ajude os menos afortunados. Só estou dizendo: você em primeiro lugar, está bem? Houve um tempo da minha vida em que eu não fiz nada. Nada. Porque eu estava deprimida e pensando que vamos todos morrer, que tudo vai acabar, que mesmo que eu salvasse o mundo, ele ainda iria explodir e não teria servido de nada. Bom, exatamente. Exatamente isso: isso não vai valer nada, nada vai valer nada, então faça. Não há motivo para não fazer. A não ser que isso machuque as pessoas. Será que eu preciso dizer isso? Eu acho que não. Não seja um idiota. Sei que isso é algo difícil de cumprir.

Eu aproximo meu rosto do seu até que nossas testas se tocam. Eu fecho os olhos e sussurro:

— Termine o que você começou, escreva o livro, fale com aquela pessoa, vá aquele lugar, junte o dinheiro, pinte o cabelo, aprenda. Não hesite,

não pense duas vezes. Acenda a faísca. Comece. O. Projeto.

— Ei.

Hã? Eu me viro. Tem um homem ao lado do carro, no chão, olhando para cima, para mim. Eu solto o seu rosto. Ele tem cabelos longos até os ombros e olhos muito verdes, parece ser pouco mais velho que eu. Tem uma máscara tampando seu nariz e boca. Apesar de segurar uma arma e a apontar para

mim, não parece ameaçador. Parece meio preocupado e assustado.

Claro, para ele eu estava falando sozinha.

— Vou ter que pedir para que se afaste — diz ele. — Não queremos que contamine nossa comunidade.

Começo a rir. Ele acha que estou com uma das doenças delirantes.

— Não estou doente — eu digo e viro o corpo para ele. — Estou falando com o meu amigo imaginário. Estou viajando sozinha e isso me conforta — ele ainda está apontando a arma, então eu digo: — Abaixa isso.

Você e eu sabemos que não está carregada.

A última frase parece convencê-lo, então ele o faz. Com isso fora do caminho, eu olho ao redor. Realmente, estamos a apenas dois carros das árvores. Era só atravessar a calçada e então a cerca de arame. Há algumas aberturas nela. Eu olho para baixo, para o homem que ainda não saiu. Bom, fui pega. Perdemos a chance de furtar.

— Preciso de comida — eu falo. — Vocês podem me dar alguma?

— Você não tem uma comunidade? — Ele parece estranhar muito aquilo. Eu sei porque e tem a ver com ser bonita.

Cruzo os braços.

— Não, na verdade estou procurando alguém.

— Nunca vi uma peregrina.

Esse é o termo para quem escolhe viajar. Tipo, o dinheiro e o governo morreram, hora de finalmente conhecer o mundo! Gente que, como eu, percebeu tarde demais que estava jogando a vida fora. Minha resposta é automática.

— Parabéns.

Por algum motivo, ele acha engraçado. Dá risada, olha para os lados e depois se volta para mim. Parece prestes a dizer alguma coisa, mas eu falo antes dele:

— Que tipo de comunidade vocês são?

— De nenhum tipo. Nós só estamos aqui.

Acho aquilo um pouco difícil de acreditar.

— Assassinos? Estupradores? Religiosos? Vegetarianos? Hum...

Necrófilos?

O homem nega com a cabeça.

— Você deve ter tido uma vida difícil depois da guerra.

Ele não faz ideia.

— E não tivemos todos? — meu sorriso parece sarcástico. Pelo menos, é o que você me diz.

Ele ignora aquela questão com um suspiro e diz:

— Nós não temos nenhum extremo aqui. Somos normais. Mas sobre a sua comida, você vai ter que falar com a líder.

Que palhaçada. Eu coloco as mãos na cintura.

— Líder? — é a primeira vez que eu vejo essa de líder. Tipo, acabamos de arrancar as cordas das marionetes que éramos e ainda assim as pessoas insistem em ser controladas. Oh, nos diga o que fazer, salve-nos. Será que é preciso um líder para impor regras e te impedir de fazer merda? — Se precisarem de algo em troca, eu não tenho nada a oferecer.

— Nada em troca — ele balança a cabeça em negação. — Ela só gosta de ter certeza de que está ajudando as pessoas certas.

Gente decente? Que surpresa. Mesmo assim, a faca em meu bolso de trás pesa mil toneladas de repente. Estou ciente dela mais do que nunca e pronta para usá-la se necessário.

— Tudo bem — dou de ombros.

Pausa. Aí ele diz:

— Você quer ajuda para descer? — ele estende uma mão para mim, mas eu tremo e me retraio. É automático. Dou um tapa no ar para afastá-lo, tomando o cuidado de não encostar, e digo:

— Não me toque — a voz é feroz e o tom é selvagem. O homem fica surpreso e tem uma parte de mim que não lamenta nadinha ter sido grossa. Eu tive um motivo, e, mesmo que meu coração esteja acelerado, eu suavizo minha voz e continuo, enquanto desço: — Mas o amigo imaginário pode precisar de ajuda.

Ele dá uma risada nervosa e constrangida, olhando esquisito para mim.

Eu desço do carro com um pulo e você me segue, sempre em silêncio. Não sei dizer se confia no que ele está dizendo ou não, mas nos dias de hoje, por mais incrível que pareça, mentiras são bastante raras. Nós não temos mais

motivo para esconder nada, ou pelo menos foi algo que eu percebi. Dessa vez, há espaço entre os carros o suficiente para podermos atravessar a cerca de arame, e assim o fazemos. Adentramos a floresta e outro cara se aproxima.

Ele é bem mais velho e tem barba e cabelo grisalho. Ele faz um aceno de cabeça e seu olhar deixa claro o que quer dizer. Que merda é essa?

O cara que está me escoltando diz:

— É uma peregrina, só quer comida.

— Vai levar para a Larissa?

— Vou.

— Ok, eu cubro para você.

Eles guardam os arredores da floresta, por isso me viram chegar. Eu também nunca tinha visto isso antes. Parece que ser controlado por alguém é sim um tanto quanto eficiente. O cara e eu começamos a atravessar as árvores, consigo ver cabanas bonitinhas organizadas em U. Abaixo a bandana e deixo-a pendurada no meu pescoço.

— E aí, qual é o seu nome? — eu pergunto, porque já estou cansada de me referir a ele como “cara” para você.

— Raul.

— Mariana.

Ouvimos só o barulho das folhas estalando debaixo dos nossos pés por uns segundos, e ele fala:

— Acho que a Larissa vai gostar de você.

— Ah, é? — atravessamos as árvores e passamos perto dos campos de plantações. Eu sempre imaginei como, de repente, todo mundo aprendeu a plantar coisas. Eu mesma não faço ideia de como fazer, e já estive em várias comunidades. Eu chegava e todo mundo já sabia plantar. — E por quê?

— Você parece uma versão menor dela.

Meu dia de sorte. Devíamos abusar.

Chegamos ao acampamento. Há pessoas sentadas, conversando, algumas comendo, outras ajeitando barracas. Não tem muito o que fazer em comunidades. Você come, dorme e conversa, basicamente esperando para morrer. Você imagina porque estou fazendo tanto esforço para encontrar alguém que nem sei se ainda está vivo. Todos estão olhando para nós, mas Raul os ignora e me direciona para uma mulher baixinha de cabelos lisos e negros, como uma índia. Está de braços cruzados e olha para mim com uma expressão séria. Parece já saber o que está por vir enquanto me avalia.

Paramos em frente a ela, aparentemente a tal da Larissa. Está de pé em um grupo com mais duas pessoas perto de uma barraca azul, tão grande que está

mais para uma tenda. Raul diz:

— Larissa, essa é Mariana, uma peregrina. Ela quer comida.

Larissa olha para o Raul por um tempo, parecendo quase suspeitar dele por algum motivo. Aí olha para mim de novo e diz:

— Você sabe que a arma está descarregada.

Ela não me assusta. Acho que está tentando, mas não está funcionando.

— Foi uma das primeiras coisas que eu disse a ele — rebati.

— Preciso revistar você. Diga agora se está carregando alguma arma.

— Uma faca no bolso de trás da calça e só.

Larissa se vira para as outras duas pessoas com quem estava conversando: uma mulher alta e um homem de uns trinta anos, e diz à mulher:

— Vá em frente.

A mulher se aproxima e tira minha mochila, começando a transformar o seu interior em uma bagunça.

— Já tem comida aqui — diz ela, olhando para o interior da mochila.

— Frutas, legumes e carne. Também tem bastante água.

— Continue — disse Larissa.

A mulher fecha a mochila e a entrega à Raul, que estava observando a tudo com certa tensão. Depois começo a ser apalpada e tenho que fechar os olhos. A cada toque eu sinto um calafrio. Fico olhando para o céu o tempo inteiro. Ela termina e diz:

— Só a faca.

— Não acho que ela vá fazer algum mal a nós, mesmo que tente — diz Larissa. Parece mais calma e dócil agora. — Pode deixar com ela.

Um voto de confiança.

— Tudo bem, então — Larissa continua, após um suspiro. — Vou conversar com ela. Obrigada, Raul. Já fique aqui e peça para Yasmin tomar o seu lugar, seu turno já acabou. Diga isso para o Tomás também.

Como será que ela sabe disso? Não temos mais relógios. Será que ela se orienta pelo sol? Eu fico olhando para o céu que nem uma barata tonta tentando dizer as horas só com isso, mas é impossível com o tempo doido de São Paulo. Podia ser uma ou seis da tarde. Nesse meio tempo todo mundo se dispersa e Larissa fica ali parada, me observando.

— Depois de tudo o que você passou — ela começa, seu olhar está firme em mim e me sinto obrigada a sustenta-lo —, por que está peregrinando?

Eu arregalo os olhos com uma expressão assustada. Você também se sente tenso agora. Vou te dizer que sim, andei passando por uma vida um pouco mais difícil do que a dos outros depois da guerra, mas não sei como ela percebeu. Será que acabei em uma comunidade de videntes psíquicos e agora ela vai ler meu passado, presente e futuro?

— Estou procurando alguém — eu falo, cuidadosamente. É difícil me assustar, viu.

— Eu vi como você tremeu ao toque da Raíssa. Fechou os olhos.

Respirou fundo.

Dou de ombros.

— E daí? Eu não gosto de estranhos me tocando — mas eu, ela e agora você sabemos que não é só isso.

— Se você está fugindo, pode ficar aqui com a gente. Ninguém nunca vai te achar.

Fecho a cara.

— Moça, eu estou procurando alguém.

Larissa faz um quê de desacreditada por curtos segundos. Como procurar por alguém em um mar de corpos, não é mesmo? Mas depois ela desfaz a expressão e assente. Aceita minha decisão idiota e não vai mais interferir. E aí ela me chama para a tenda azul e eu entro. É um lugar espaçoso, mas só tem uma cama, uma pilha de roupas e papel e caneta espalhados pelo chão. Tenho que tomar cuidado para não pisar em nada.

Larissa se recosta na cama, virada para mim.

— Tudo bem, então. Confio em você. Vou pedir para que separem um pouco de legumes, ovos e frutas para você, além de algumas sementes.

— Tudo bem — eu falo. E aí acrescento, com um pouco de esforço: —

Obrigada.

A mulher olha bem para mim.

— Mariana, quero te ajudar — ela fala como alguém que diz “vai, me diz o que tem de errado”. E como alguém que recebe essa pergunta, eu respondo:

— A comida já está de ótimo tamanho.

Ela fala um pouco antes de eu terminar a sentença.

— Eu também fui como você. Consegui fugir depois de um tempo, me acharam no meio do caminho e na segunda vez eu fui melhor. Agora eu vivo aqui.

Eu pisco, surpresa. Parece que não é uma comunidade de psíquicos, afinal. Pergunto:

— Como você virou a líder?

Ela dá um sorriso mínimo.

— Eu sugeri e então todos pareceram aliviados — o que me parece bem possível.

— Algum deles sabe sobre o que você passou?

— Só a minha mulher.

Justo. Por mim, apenas o Bernardo saberia o que vinha acontecendo comigo.

— É aquela mulher super alta que você mandou me apalpar lá fora?

— A própria — ela continua sorrindo.

Eu suspiro e fico um tempo avaliando o local abafado.

— E então? — eu finalmente pergunto. Tenho todo o tempo do mundo, mas quero chegar logo, mesmo que não haja nada lá.

Ela respira fundo antes de responder.

— Vou te dar uma arma carregada e te deixar tomar banho e dormir pelo tempo que quiser. Se dormir agora, vai acordar de madrugada, e é o melhor horário para viajar por aí. Ninguém que te procure vai atrás de você nessas horas. Vou te dar uma lanterna solar. E, por fim, eu fiz um mapa onde localizei as comunidades próximas. As boas e as ruins, espero que isso ajude no seu caminho.

Eu ergo as minhas sobrancelhas.

— Isso está bom demais para ser verdade.

Ela não dá a mínima.

— Para onde você vai? — pergunta.

— Zona sul. Morumbi.

Ela parece decepcionada agora.

— É muito improvável que algo ruim não aconteça. Aliás, o meu mapa não chega nem na metade do seu caminho.

Dou de ombros.

— Eu estava meio que esperando que vocês fossem o primeiro acontecimento infeliz. E você já está dando demais.

Larissa hesita. E aí ajeita a postura e diz:

— Eu sei que, pela sua experiência, você acha que todas as comunidades são ruins. A maioria, pelo menos. Mas eles são um número muito, muito pequeno. Você vai ver no mapa que eu fiz, os maus são muito poucos. Parece que o fim do mundo amansa as pessoas.

Eu realmente fico surpresa em ouvir isso, mas acho que faz sentido. Eu só tive a oportunidade de conviver com os sádicos. Por obrigação, é claro.

— Ok. Que bom — é tudo o que eu penso em dizer.

— Bom, durma um pouco. Aqui, na minha cama mesmo. Quando acordar, te levarei para tomar banho e colheremos sua comida. Você estará de volta poucas horas depois do anoitecer, ok?

Percebo que nem tive a chance de aceitar, mas meio que parece óbvio, não é?

— Ah — Larissa se abaixa e pega uma arma debaixo de sua cama. A entrega para mim. — Sei que é muito desconfiada. Você pode atirar em quem quer que tente uma gracinha, mas, claro, se certifique de que é isso mesmo.

Ela me ensina como destravar e então me dá privacidade. Eu me deito na cama, tiro minha mochila, posiciono a arma ao meu lado. Não tem cobertor, mas aí já seria um hotel de luxo. Percebo que estou muito, muito cansada. Também estou com fome, claro, mas parece que o cansaço está vencendo. Só para aquietar o estômago, eu abro minha mochila e finalmente me permito aquela maçã. Como lentamente, aproveitando cada mordida possível. Você se deita ao meu lado, estamos um olhando para o outro.

— Mal posso esperar para ver o Bernardo — eu digo, de boca cheia mesmo. Quando paro, penso nele. De resto, estou pensando em sobreviver e em como te ensinar a viver antes que morra. — Dá para acreditar? Que sorte.

Mas depois do que Larissa me falou, não acho que tenha sido sorte.

Nós só trombamos em uma das inúmeras comunidades com um senso de preservação da humanidade. Percebo que, mesmo depois de morta, continuo bastante pessimista. Ah, você queria o que? Nós estamos praticamente no maldito Tártaro.

Termino minha maçã. Fico olhando para você por mais uns segundos antes de decidir fechar os olhos.

Obrigada por estar aqui.

3.2 BERNARDO

São Paulo, 08 de maio. 17h.

Acho que estou vivo de novo.

Passei as últimas horas andando com essas pessoas e agora mal consigo sentir a asma. Às vezes é assim, a asma vai embora aos poucos mesmo sem a bombinha. Hoje é dia de toma-la, mas isso me incomoda tão pouco que acho melhor não desperdiçar. O Doutor sempre pede para pararmos vez ou outra para checar meus sintomas. Fora isso, ele e Vênus ficam calados, andando um ao lado do outro, nos guiando. Desde que saímos da escola ainda não ouvi Vênus dizer uma palavra. Sempre que tem algo a dizer, ela se inclina e sussurra para o Doutor e esse é o esquema. Ninguém parece se incomodar, então eu mesmo não me importo.

Fiquei andando atrás com Amora, Atchim e Índio. Amora e Atchim parecem ter uma relação de irmãos, ele segura sua mão o tempo inteiro.

Amora nunca reclama. Isso me faz pensar no meu próprio irmão naquela comunidade musical. Agora estamos em uma rua pouco afetada, um dos bairros chiques. Sei disso porque há muros altos e extensos erguidos para proteger mansões que ainda estão de pé. Acho que a única coisa que mudou por aqui foi o aumento significativo de poeira e sujeira e a morte das árvores e plantas. Há tantas folhas pelo chão quanto pó de concreto, que foi trazido pelo vento das ruínas mais próximas. Também não há nenhum corpo no chão, o que é muito, muito raro. Os ricos permanecem intocáveis. Estamos procurando um lugar para dormir para poder voltar a andar durante a madrugada, onde é mais seguro.

No momento, tentamos decidir qual mansão invadir. Índio quer muito saber o que há atrás de um muro vermelho, pois parece ser o maior. Não dá para ver nada além dele, e o portão é enorme e completamente fechado.

Amora está encantada por uma mansão branca que dá para ver através de portões forjados. Atchim, Vênus e o Doutor parecem não se importar nem um pouco, então Índio e Amora se viram para mim, elétricos.

— E aí, Cheetos? Qual você escolhe? E tem que ser um dos dois, para desempatar! — disse Índio. Ele e os outros estavam usando panos e bandanas para cobrir a boca. Eu uso minha máscara de gás, mas não mencionei o macacão pois não tinha o suficiente para todos. Nós todos usamos luvas amarelas de lavar louça para proteger as mãos.

Arrisco um olhar de escanteio para você. E aí, Viajante? Qual você está afim de ver? Já entrou em uma mansão antes? Mora em uma? Para mim, parece óbvio. Eu olho para eles novamente e digo:

— Nós já sabemos o que tem do outro lado do portão forjado, temos que descobrir o que tem atrás desse agora — e aponto para os muros avermelhados.

Amora faz um muxoxo, mas parece compreender. Índio dá um grito e ergue as mãos, fazendo com que o Doutor faça um “ssshhh” ríspido. Assim, nós andamos até o enorme portão cinzento.

Índio abre os braços.

— É como um enorme presente de Natal!

— Vai ver hoje é Natal — fala Atchim. Ele largou a mão de Amora já faz um tempo. — Feliz Natal.

Todos nós murmuramos feliz Natal de volta, meio tristes, meio emocionados, ou não sei. Eu me sinto um tanto abalado por uns três segundos, até que voltamos ao nosso objetivo, que é invadir essa mansão.

Índio se aproxima do portão, se abaixa e pega sua extremidade.

— Não tem segredo, temos que arrebentar. Todo mundo me ajuda.

— Você não, Cheetos — diz o Doutor, se aproximando enquanto usa seu guarda-chuva de muleta, mesmo que ele não seja manco. Imagino que sinta alguma dor. O facão fica dentro das galochas, lâmina para cima, é claro.

Eu observo todos eles, inclusive Atchim, tentarem abrir o portão, puxando-o para cima, grunhindo com a força. Ele cede uns poucos centímetros, e leva mais alguns longos segundos até que ouvimos barulhos altos, de metal batendo contra metal e o portão abre mais um pouco. Depois disso, conseguem abri-lo completamente.

— Bom trabalho, pessoal — diz Índio, com um sorriso satisfeito.

— Nossa — diz Amora, olhando para a enorme garagem. Se parece muito com a garagem de um shopping, só que menor, e quase todas as vagas estão ocupadas por carros caros, tão empoeirados que parecem foscos.

— Ok — diz o Doutor, se aproximando de um carro. — Vamos ver o que tem aqui. — Ouço um som de estilhaço e vejo que ele usou o guarda-chuva para quebrar as janelas do carro. Os outros começam a simplesmente

chutar janelas também; Amora segurando Atchim pelos braços para que ele usasse os dois pés. Depois, abrem as portas e começam a procurar por coisas que interessem.

Eu me aproximo de um carro azul e baixo. Olho para você. Vamos fazer isso juntos.

Nos afastamos e chutamos a janela, ponho toda a força que tenho, e isso é suficiente para espatifar o vidro e ele cair aos pedaços nos nossos pés.

Dou mais alguns chutes para tirar o que sobrou e abro o carro. Sento no banco do motorista e destranco as portas para você se sentar no do passageiro. Por algum motivo, coloco a mão no volante. Faz muito tempo que não sento em um carro, mas só dirigi algumas cinco vezes na vida. Foi o que deu tempo de fazer antes do mundo enlouquecer, e eu nem era muito bom.

— Nada aqui! — grita Amora. Eu começo a procurar no porta-luvas e pelo painel. Esse carro não tem banco de trás, mas procuro debaixo dos bancos. Nada.

— Nada aqui — diz Índio, e pelo vidro eu o vejo já quebrando outra janela. Só faltam mais dois carros. Amora e Atchim cuidam de um, e o Doutor de outro. Olho para o outro lado e vejo Vênus segurando um papel, parecendo ler alguma coisa. Está encostada no carro vermelho que revistou.

Eu saio do carro e vou até ela.

— Nada aqui! — grita Índio novamente.

— O que é isso? — eu pergunto à Vênus.

— Uma lista de compras — ela afasta o papel e o vira de um lado ao outro, como se procurasse mais alguma coisa. Então suspira e abaixa a mão.

— Sei do nosso juramento, mas gosto de saber sobre as pessoas. E o passado é parte delas.

Eu ergo as sobrancelhas.

— E se elas mudaram e o que foram não importa?

A resposta dela é rápida.

— As pessoas mudam porque algo dói, e se elas foram machucadas isso é importante.

Eu avalio bem a expressão no rosto dela. Está séria como quem se importa. Eu digo:

— Você se parece com alguém que foi machucada.

— Nós chegamos perto da extinção da humanidade, todo mundo está machucado — mas ela não consegue mais me olhar nos olhos. Está

olhando para a lista de compras.

— Amora, Atchim e Índio brincam e dão risada. O Doutor se concentra em proteger vocês e salvar outras vidas. Eles seguiram em frente. O que você

faz? — minha pergunta é em tom delicado e de intenção curiosa. Acho que Vênus é alguém legal que poderia aproveitar melhor o que sobrou da vida antes que ela acabe. Ela tem bons amigos e alguém que cuide dela, e isso é basicamente o que sobrou para se ter além de comida, água e um bom lugar para dormir. Mas ela ri baixo e dobra a lista de compras. Usa o elástico da calça para prendê-la a cintura.

— Eu sou a babaca com pensamentos suicidas — responde. Penso que já ouvi aquilo antes e não consigo lembrar onde. Isso me dá dor de cabeça, mas eu me lembro do que respondi quando me falaram isso.

— Então por que não está morta?

Ela olha para mim, parecendo surpresa. Hesita. E aí diz, com um sorriso se formando:

— Acho que estou esperando para ver se as coisas melhoram.

Isso é algo ao que se agarrar. É claro que eu não conhecia aquela garota, mas gostaria que ela permanecesse viva. Queria que ela ficasse feliz, sempre quis isso para todo mundo. Sempre fui aquele que, nas festas, observava se as pessoas estão verdadeiramente felizes ou não. Sempre fui aquele que foi falar com a pessoa afastada no intervalo da escola. Sempre fui aquele que tentava encontrar padrões em pessoas felizes, para poder descobrir o segredo. Às vezes me esforçar tanto para fazer as pessoas felizes me deixava miserável, pois era praticamente impossível. Geralmente desgastante.

Mas eu não sabia como parar, e acho que nunca pretendi. É isso que me faz uma boa pessoa. Sem isso eu sou somente um idiota que fica deprimido de vez em quando.

Bom, pelo menos agora sei que posso falar com Vênus sobre o passado.

De repente, estou curioso.

— Vamos subir — diz o Doutor, próximo demais, fazendo com que você, Vênus e eu tomemos um susto. — Acho que o dono nem chegou a usar esses carros.

— Ou dona! — grita Amora.

— Eu não quis dizer nada de mais com isso — rebate o Doutor, parecendo dar uma risadinha.

— Acho que é por aqui — Índio encontrou uma abertura arredondada que leva a uma escadaria. — Tomem cuidado.

Começamos a subir. Meus olhos já estão acostumados a escuridão, mas parece que estamos subindo para o ar livre, pois há uma luz que vai ficando

mais intensa a cada degrau. Finalmente vejo a saída, mais uma abertura arredondada que dá para um enorme jardim, se não um campo. Há metros e metros de grama e um caminho de pedras que levam à mansão em si, lá longe.

— Putz — diz Atchim. Eu e Amora damos risada.

— Será que vale a pena? — Vênus pergunta, soando desanimada.

— É pela aventura! — exclama Índio. — Nossa, olha lá — ele aponta.

Nós olhamos. Há dois cavalos remexendo em arbustos com o nariz.

— Cavalos! — grita Atchim, o que chama a atenção dos animais. Eles olham e um dos arbustos começa a se mexer muito. De lá, um enorme cachorro sai correndo e vem até nós. Parece animado e elétrico. Ele pula no peito de Atchim e o derruba, começando a cheirar todo o seu rosto.

— Coitado — diz Amora. — Como será que ele tem sobrevivido?

— E os cavalos — o Doutor olha pensativo para os animais.

— Será que ainda tem alguém aqui? — pergunto, olhando ao redor.

— Só explorando para saber — Índio está acariciando o cachorro agora, que está cheirando seus pés, parecendo nem se importar. Atchim está de pé novamente e também o acaricia.

— Vamos andando — diz Amora. — Longo caminho.

Começamos a andar imediatamente. O cachorro nos segue, o rabo abanando, a língua para fora. Acho que, se houvesse alguém aqui, ele não ficaria tão animado em ver pessoas.

— Vamos dar um apelido para ele — eu digo.

— Boa ideia! — diz Índio.

— A gente não sabe se é macho ou fêmea e acho que ninguém vai parar para olhar — diz Amora —, então tem que ser unissex. Tipo Taylor. Ou Robin.

Índio faz uma careta.

— Robin é de homem.

— Tem a Robin de How I Met Your Mother — diz Vênus.

— Ah, é. Vai ser Robin, então — e então ele se vira e faz carinho na cabeça de Robin. — Oi, Robin. Oi. Oi!

— A gente pode levar com a gente? — pergunta Atchim.

Todos ficam em silêncio, olhando para o Doutor. É engraçado o fato de que ele quase nunca muda a expressão, sempre entediado, como se nada o

surpreendesse. Acho que agora está ponderando a possibilidade. Aí fala:

— Se o dono não estiver aqui, tudo bem. Mas não podemos levar os cavalos.

Desde a guerra, é muito difícil ver animais. Pássaros são comuns, mas qualquer outro tipo ou é morto para comer a carne ou já foi morto. Os únicos que já vi manterem vivos eram vacas e galinhas, por motivos óbvios. Então, simples assim, adotamos um cachorro.

Fico pensando como vai ser quando eu voltar para a escola e tiver que deixá-los. Faz muito tempo desde minha última interação humana, tirando essa aqui. Foi em uma incursão em que eu acabei encontrando um cara e nós ameaçamos matar um ao outro, pelo mais simples susto. Fico imaginando o que acontece se a Mariana nunca chegar. Vou ficar lá esperando para sempre, o que eu já concordei em fazer, mas sei que vai ser mais difícil agora que encontrei pessoas que se importam. É sempre mais difícil recusar o que está na sua frente, o que é momentâneo. Nós sempre queremos resolver o problema mais rápido o possível, os atalhos e os esquemas. Mas eu me conheço, e eu a amo mais.

Agora estão todos discutindo a chegada de Robin à comunidade deles.

Começam a falar de outras pessoas que vão adorar, e outras que vão rejeitar.

Uma boca a mais para alimentar, cercas para proteger a comida e com quem ele vai dormir. Atchim parece estar ganhando essa, está disposto a abrir mão de duas camisetas para lhe fazer uma cama. Estou avulso, então olho para você. Acho que também se sente mais feliz, agora que estamos em boa companhia. Explorar é melhor do que esperar, algo para passar o tempo.

Quase me faz pensar que aqui não é tão ruim. Que agora podemos fazer o que bem quisermos, e tudo que fazemos é por nós e para nós, sem nada em troca.

Começo a imaginar se estávamos condenados antes, e não agora.

O que você acha? Você ainda está aí, Viajante. Você nasce e é obrigado a estudar e todos te convencem de que a educação é o melhor para você, mas só porque é o único modo de entrar na faculdade e conseguir um emprego e então uma promoção, e no final nada muda para ninguém. Aqui, nós não temos nenhum objetivo. Não há nada que nos faça querer acordar amanhã a não ser quem nós amamos. Os que se mataram fizeram isso porque estavam apegados ao passado e à uma grande linha de expectativas e o chefe de todos:

“eu joguei minha vida fora. Eu estudei, eu malhei, eu trabalhei e agora tudo isso passou e acabou”. Bom, era o que você diria a si mesmo na sua casa após a sonhada aposentadoria de qualquer maneira. Mas tem muito mais do que isso. Quem você amou? O que você fez por si mesmo? Pelo o que você

batalhou e em que você acreditou? Pare de ser como eles e comece a focar em outras coisas além da porcaria monótona que todo mundo faz. Você tem que trabalhar para continuar vivendo, alguém tem que ser o cara que faz o seguro dos carros. Mas o que você faz depois do seu expediente? Você está condenado porque está preso em um sistema, não pode sair dele. Você tem que ganhar dinheiro, senão você morre. O que eu estou dizendo? Que aqui não é tão ruim assim. Que talvez você esteja ansioso para sair daqui e voltar para o conforto da sua casa e não correr o risco de pegar uma infecção a qualquer momento e morrer, mas aqui não é tão ruim assim.

Sei disso agora. Queria que Mariana estivesse aqui para descobrir isso também. Nós provavelmente perceberíamos isso em um diálogo. Boa parte do que eu sei é porque cheguei à conclusão com ela.

Eu tento não pensar em onde ela está. Tento não pensar na possibilidade de estar sofrendo, ou sendo atacada, ou muito, muito pior. A maioria das comunidades são boas, mesmo que nem todas queiram ajudar, mas há alguns que estupram e matam. Já vi tráfico sexual. Garotas sendo trocadas por sementes, água, colchões, cobertores, barracas.

— Cheetos?

É Amora. Eu olho para frente, e vejo que acabei ficando para trás.

— Oi — eu falo. Está claro que eu estava com a cabeça em outro lugar.

— Estamos falando que você também é bem-vindo na nossa comunidade.

Eu dou risada.

— Tanto quanto um cachorro? Fico feliz.

— Não exagere — Amora rola os olhos. — Não tanto quanto Robin, claro.

Agora estamos a apenas alguns passos da enorme mansão. Tem paredes amarelas e detalhes brancos.

— Alô! — Índio começa a gritar e bater palmas. — Tem alguém em casa?

Nós paramos para ouvir. Silêncio. Agora estamos na varanda da frente.

— Vamos ver... — diz Índio. Ele gira a maçaneta de uma porta dupla.

A porta se abre. — Ah, que bom. Acho que concordo, muros de quatro metros já são o bastante para a segurança.

Assim, nós entramos em uma enorme sala com piso de madeira. Robin parece muito feliz em entrar, pois sai farejando tudo e pula nos móveis. Há quadros, estátuas e colunas por tantos lugares que demoro para encontrar os sofás e a enorme TV. Também há uma mesa de sinuca e um bar.

— Minha nossa — Vênus se joga no sofá branco e baixo — um estofado de verdade.

Amora se junta a ela.

— Olha, um notebook.

Na mesa de centro a frente delas, Amora pega um notebook fechado e prateado. Abre e aperta o botão de ligar. Estou atrás do sofá antes que eu perceba. A tela liga.

— Meu Deus! — ela grita.

Uma tela brilhante. Faz muito tempo que não vejo uma dessas. A área de trabalho se abre para nós.

— Não tem senha! — exclama Vênus. Fico satisfeito em vê-la mais animada.

— Olha a bateria! — diz Índio. Não o vi sentar ao lado de Amora. O

Doutor também olha, de pé ao meu lado, e Atchim se senta no colo de Vênus.

— Vinte por cento — Amora suspira. — Vamos aproveitar e descobrir de quem é esse casarão.

— Vou dar uma olhada nos quartos, acho que aqui é o lugar — o Doutor se vira e eu olho. Logo além há uma cozinha, mais uma sala e uma escada. Ele sobe as escadas. Quero segui-lo, mas a bateria do notebook está acabando e quero olhar mais um pouco. Me sinto ridículo, mas não estou no luxo de negar nenhum prazer, então eu me viro de volta e os observo abrir todos os programas possíveis.

— Vou abrir o bloco de notas e fingir que estou no Twitter — diz Amora. Índio começa a gargalhar.

— Não! — Vênus protesta. — Abre as fotos. Vamos ver o que tem aí.

— Deixa eu mexer? — pergunta Atchim. Ninguém consegue recusar.

Atchim abre a pasta de fotos. O que vemos é um homem de cabelos grisalhos e sorriso branco. Ele tinha uma esposa ruiva e jovem e um filho magricela de cabelos escuros. Nós ficamos observando sua viagem para a Disney, foto por foto. Parece inútil de uma forma inocente, como uma

brincadeira de criança. Imagino como a Disney está agora. Índio já perdeu o interesse e se levanta para olhar a coleção de videogames no hack abaixo da TV.

— Cara, como eu queria que a energia voltasse — disse, avaliando um Nintendo 64. — Eu era doido nesse quando era criança.

Eu também, mas volto minha atenção para as fotos. Agora são outras, dele com amigos e com seus animais. Descobrimos que seu nome era Fernando. Ele parece sempre muito feliz e bem acompanhado. Gosto de pensar que tinha uma boa relação com sua esposa e seu filho, que não deixava o dinheiro entrar no seu caminho e que, mesmo com todo esse espaço, eles nunca ficavam separados. Fico tentando imaginar onde ele está agora, o que me lembra outra história.

Uma vez eu tive uma namorada chamada Camila. Nós estávamos deitados no quarto dela assistindo TV quando de repente eu perguntei para ela se ela achava que a gente ia queimar no inferno. Era domingo à noite. Ela riu: “meu Deus, Bernardo”. Era uma pergunta esquisita para se fazer no meio de Uma Linda Mulher.

Quando eu perguntei a mesma coisa para a Mariana, enquanto ela me fazia sua torrada especial, ela também riu. Ela disse: “você é tão idiota, a gente já está nele”, então continuou dizendo que estar preso em um lugar como a Terra era a pior coisa que poderia acontecer a qualquer um. Nós estamos nesse lugar em que as melhores e piores coisas acontecem, então que merda você tem que fazer? A única maneira de não se afundar na depressão é se afundar na distração. Dançar, cantar, ler, escrever, assistir, transar; nós fazemos qualquer coisa para esquecer a verdade, a da crueldade ao nosso redor. A vida é aquele momento quando você estaciona em um shopping, pensando nos bons livros que vai comprar, ou o fastfood saboroso que vai comer, e as letras de marcação do estacionamento são as iniciais de alguém que desapareceu, e há dois tipos de pessoas. Aqueles que não ligam e passam direto por essas pessoas que estão sofrendo ou morreram de um modo violento e aqueles que ficam tristes, mas, assim que entram no shopping, se esquecem facilmente sobre isso.

É claro que também há gente como Mariana e eu. Nós passávamos por aquelas fotos tentando memorizar os rostos. Eles importam. Onde eles estão?

O que aconteceu com eles? Nós ficamos com medo.

Onde eles estão?

O

Que

Aconteceu

Com

Eles?

Nós estamos com medo. Eles importam. Nós vamos acabar nesses

estacionamentos? Eles não pensaram que iriam. Agora estão. Nós começávamos a pensar que vamos morrer e quando aquilo seria e de repente o shopping e o capitalismo soavam estúpidos. Nós íamos embora.

Agora não há estacionamentos o suficiente.

Foi como eu disse, aqui não é tão ruim. Mas é.

4.1 mariana

São Paulo, 08 de maio. 22h37min.

Eu acordo e estranho o fato de estar de noite, mas claro. Meus olhos não precisam se acostumar. Olho ao redor e noto que há a luz de uma fogueira do lado de fora. Parece grande e forte, pois até mesmo aqui me sinto quentinha.

Estou abraçada à minha mochila, a arma logo embaixo. Eu a seguro como se estivesse pronta para me levantar e atirar na cara de alguém, mas não quero ser essa pessoa, e me assusto com o quanto meu medo me tornou violenta.

Solto a arma dedo por dedo, e finalmente te vejo e me sinto aliviada em não estar sozinha.

Eu não te chamei antes para cá porque não quis que visse tudo o que eu passei. Não por vergonha, é claro que não. Nada do que rolou foi culpa minha. Eu só não o fiz... Para te proteger. Preferi que você fosse a criança burra, e te contar é melhor do que te mostrar. Nesse caso. Mas há lágrimas ameaçando vir e vejo que ainda não estou confortável para falar sobre isso.

Precisamos de mais momentos juntos. Aliás, estamos cercados de pessoas agora, e não vou conseguir disfarçar para a Larissa que estive chorando.

Aquela mulher sabe como ler uma maldita linguagem corporal.

Agora quero ficar sozinha por um tempo. Estou fedendo e com fome, mas não quero ver ninguém ainda, então abro minha mochila e bebo água.

Dessa vez, me permito dois longos goles. Quero lhe contar uma história, tem uma coisa na qual estive pensando. Está na hora de voltar no tempo de novo.

Bom, para mim, é claro, talvez estejamos indo para o presente no seu caso.

Eu fecho os olhos — eles estão pesados e ainda sonolentos, como quando eu costumava ficar quando dormia demais e não tinha nenhuma preocupação.

Estou fazendo questão de reviver cada detalhe para que você sinta que está lá comigo.

Sabe como cada casa tem o seu cheiro? E você sempre se pergunta se a sua casa tem um cheiro, mas você nunca sentiu. Bom, a casa de Diana Fetter tinha cheiro de produto de limpeza de lavanda em azulejo. Assim, bem específico.

As paredes eram amarelas, mas os quartos eram brancos. Era uma segunda-feira à tarde depois da escola. Eu estava em casa quando ela me chamou por mensagem, dizendo que era muito, muito urgente. Quando eu cheguei em sua casa, só havia ela, que usava aqueles aventais de cabeleireiro ao redor do pescoço quando atendeu a porta. Eu falei:

— Tá maluca?

Ela disse:

— Em sã consciência — e me deixou entrar.

E aí nós fomos para o quarto branco dela. Ela tinha posicionado um espelho longo em uma das paredes ao lado da TV e uma cadeira a frente. Eu percebi uma máquina zero de cortar cabelo na cama e uma extensão.

— Me chamou para cortar cabelo?

Ela se virou para mim.

— Mariana, eu preciso que você raspe a minha cabeça.

Ela disse aquilo como se fosse a melhor ideia do planeta. Como se fosse o dono do Google anunciando um aparelho inovador, ou como se quisesse que meus olhos brilhassem, ela falou com inspiração. Eu ri.

— Para quê?

— Você tem que raspar e depois eu conto.

Eu concordei e ela sentou de pernas cruzadas nessa cadeira alta e marrom que pertencia à mesa de jantar que ficava na sala ao lado de uma janela. Eu peguei a máquina zero e conectei na extensão, olhei para o nosso reflexo no espelho. A Diana era magrinha e geralmente usava roupas largas.

Tinha um cabelo preto e brilhante, liso, curto e jogado para o lado em pontas repicadas. Era lindo. Mas eu mesma, que tentava ao máximo não ligar para aparências, depois do que eu vi o que as pessoas fariam por e para um rosto considerado bonito, não contestei. Eu não disse “mas Diana, o seu cabelo é tão lindo”, nem “você fica melhor com cabelo” ou qualquer merda assim.

Eu liguei a máquina e perguntei:

— Pronta?

Ela só fez um sinal impaciente para que eu andasse logo com aquilo.

Foi uma boa sensação tirar todo o lindo cabelo dela. A Diana olhava o tempo todo para o espelho, nunca tirava os olhos do próprio rosto, nunca olhava para o lado ou para mim. Ela se olhava e eu não sabia o que estava pensando.

Mesmo quando terminei e havia cabelo no chão e no avental dela, ela permaneceu em silêncio. Achei que estava em um tipo de meditação ou oração consigo mesma e não quis interromper. Retirei seu avental e fui buscar uma vassoura para varrer todo aquele cabelo brilhante do chão.

Demorei um pouco para encontrar, o que eu acho que deu a ela um pouco de tempo, porque quando eu estava voltando a encontrei na sala colocando a cadeira no lugar. Eu parei.

— E aí?

Ela me olhou e arregalou os olhos. Estava muito diferente agora.

— Você não precisa varrer não, menina. Deixa isso para lá — ela se aproximou e tirou a vassoura e a pá das minhas mãos. Encostou-as na parede ao nosso lado. — Vamos lá, você merece uma explicação.

Só de cortesia, eu respondi:

— Você não precisa me explicar nada — mas eu queria muito saber.

— Não, boba, contar faz parte da magia. Eu só... — ela começou a olhar ao redor, rodando no próprio eixo. — Vamos... Senta lá na mesa.

Aí ela e eu nos sentamos. Ela na ponta e eu na cadeira mais próxima, de frente para a janela. Acho que ela estava tentando fazer da vida dela um filme, dizendo as coisas certas, escolhendo um bom cenário. É um modo inspirador de se viver, se for me perguntar. Nós nos sentamos e eu fiz força para não olhar para a cabeça raspada dela. Fiz questão de olhar nos olhos e eles pareciam alertas e elétricos. Empolgados.

Uma coisa que você tem que saber sobre a Diana é que ela, como eu, não fazia ideia do que queria fazer com a vida dela, mas eu ainda tinha a desculpa de ainda estar no Ensino Médio e ela havia saído há um ano naquela época. As pessoas já caem em cima de você se você não sabe o que quer fazer, imagine quando você fica um ano parada e tem um estilo diferente, como o dela. A Diana se vestia diferente, andava diferente, falava diferente.

Os pais dela não gostavam dela perto do irmão para não o influenciar. Ela era lésbica.

— Eu tenho lido uns livros sobre psicologia, sabe — começou ela. —

Eu li sobre uma coisa chamada crise da subjetividade privatizada. É quando nós percebemos que não somos livres de verdade. Tipo... Como quando você quer muito fazer uma coisa, tipo raspar o cabelo, mas sabe que isso não vai ser bem olhado pela sociedade, e que vai restringir algumas coisas.

Difícilmente vou conseguir um emprego assim. Alguns pais podem afastar os

seus filhos de mim. Eu vou ouvir um monte da minha família.

Eu soltei um palavrão. Aquilo era verdade. Ela continuou:

— Eu te chamei aqui, Mari, porque eu sei que você sabe que aparência não importa. Eu sabia que você faria sem me criticar e eu acho que se alguém me criticasse eu acabaria cedendo. Sabe, a única coisa que eu gostava em mim era o meu cabelo. A única. E eu não quero que seja assim, então eu raspei ele para poder aprender a observar outras coisas sobre mim.

Silêncio. Eu disse:

— Você tem olhos bonitos — eram pequenos, castanhos e brilhantes.

Ela sorriu.

— Tem uma coisa que eu quero fazer agora. Sentir o vento na nuca.

E aí nós duas pegamos a bicicleta dela e saímos, deixando a bagunça do quarto do jeito que estava. Enquanto andávamos até a ciclovía, as palavras dela se tornavam reais: as pessoas olhavam estranho, cochichavam sem vergonha alguma, se afastavam. Olhei para Diana para ver o que ela estava sentindo. Ela olhava para a frente e erguia o queixo de orgulho. Eu estava orgulhosa dela também.

Na rua, fui pedalando a bicicleta, e ela atrás, de pé, se apoiando nos meus ombros. Comecei devagar, tentando me acostumar com o peso extra.

— Mariana do céu, eu quero vento na nuca e não brisa — reclamou.

— Calma! — eu dei risada.

Depois de um tempo fui pegando velocidade. A ciclovía estava praticamente vazia. A Diana abriu os braços e começou a gritar. Eu senti a necessidade de ir ainda mais rápido. Ela sentiu a necessidade de gritar ainda mais. E aí ela começou a apontar para os carros enquanto passávamos por eles, gritando “FODA-SE A PORRA DA SUA OPINIÃO” e mandando eles cuidarem da própria vida além de ir viver em si. Acho que ela estava apenas fazendo o que queria fazer há anos, colocando as pessoas no lugar delas. Eu a

entendo. As pessoas podem ser sufocantes.

Às vezes o último sinal fechava e deixava um pedaço de rua sem carro algum. Nesses momentos eu tirava a bicicleta da ciclovía e girava pela rua até que alcançássemos outros carros. A Diana me chamou para fazer um trabalho e eu estava tentando fazê-lo direito. Depois, quando ela me pagou um sorvete como agradecimento e ficamos sentadas no meio da praça de alimentação do shopping, recebendo todos os olhares furtivos, ela se perguntou em voz alta porque não havia feito aquilo antes. Dizia que estava experimentando um lado

secreto da vida, que o ventinho na careca trazia a sensação de liberdade, que havia superado a sua crise.

— Você tem que encontrar o seu cabelo, Mariana — ela disse. — Tem que encontrar a coisa com a qual você mais é apegada e se livrar dela. Essa coisa está tampando os seus olhos.

Ela não estava se referindo a nada em particular, mas eu sabia que eu também tinha que encontrar essa coisa.

Não sei o que aconteceu com a Diana, se está morta ou se sobreviveu, mas estou feliz que tenha vivido a vida dela do modo que ela queria. E

quando eu saía da ciclovía e roubava o lugar dos carros, eu também estava fazendo exatamente o que queria. Ela havia me dado aquilo. Não sei por que lembrei disso, acho que acabei sonhando com essa memória. Bom, não importa. É uma boa história.

Penso que está na hora de me levantar porque Bernardo não pode mais esperar e é isso que eu faço. Você me acompanha. Coloco a mochila nas costas e pego a arma. Depois, saio da barraca.

Há um amontoado de gente ao redor de uma fogueira realmente enorme. Não consigo ver o que estão queimando — ninguém mais queima madeira nos dias de hoje, não temos mais o luxo de queimar árvores. A gente nunca teve, na verdade. Enfim. Todos parecem comer legumes cozidos, arroz e feijão, outros comem frutas. Olham para mim com ar de estranhamento por alguns segundos e aí voltam a conversar. Larissa não demora a correr para o meu lado.

— Mariana — diz ela, com um sorrisinho discreto, como se guardássemos um segredo. Bom, tecnicamente, sim.

— Oi — eu digo de volta.

— Vou mandar encher a piscina para você — ela diz, e imediatamente se adianta quando eu a olho surpresa: — Uma piscininha de plástico, de criança. Mas dá para o gasto.

— Como um banho de banheira. Um luxo grande demais — respondo, forçando um sorriso. É muito difícil sorrir, eu juro, não faço ideia do motivo.

Mas estou falando de um sorriso de verdade, não os sorrisos sarcásticos ou tristes que geralmente lanço.

— Exatamente. Enquanto isso... Vem comer com a gente — ela se vira e eu a sigo. Passamos por algumas pessoas que não disfarçam o olhar e paramos em um grupo que se fechou em uma roda, comendo com os legumes espetados

em garfos. Não pude deixar de notar que essa comunidade tem muitos privilégios. Armas, munição, garfos, uma piscininha. Devem ter se arriscado muitas vezes em incursões. Larissa se aproxima de um homem alto de cabelos claros. — Yago, enche a piscina para nossa convidada, por favor?

Yago olha para mim, faz um aceno de cabeça e eu retribuo. Depois, ele olha para a Larissa e fala:

— Tudo bem, eu aviso quando estiver pronto.

— Obrigada — responde ela, e então se vira para ir embora. Quero agradecer ao cara também, mas não consigo e acabo seguindo a Larissa em silêncio.

Nós vamos para perto da fogueira e pegamos um garfo dentro de um saco de papel para mim. Ao lado, há outros sacos de papel com frutas e legumes prontos para que eu escolha, além de umas panelas com arroz, feijão e outros grãos cozidos. Pego uma cenoura e a coloco para assar na fogueira.

Há outras pessoas ao redor dela assando suas frutas e legumes, conversando.

A Larissa pega uma banana e fica ao meu lado. Ficamos em silêncio até o Raul, o cara que me viu falando com você e achou que eu estava doente, se aproximar enquanto assa seu brócolis.

— E aí, Mariana — diz ele. Está sorrindo e seu rosto brilha de suor.

— Oi, Raul — eu falo. — Anda muito ocupado ameaçando pessoas com uma arma vazia?

Ele dá risada.

— Você deveria ficar aqui com a gente.

Eu neguei com a cabeça.

— Não pode haver duas Larissas no mesmo lugar. É contra as leis da natureza.

— A gente chuta a nossa Larissa para fora — brinca ele, e Larissa o fulmina com o olhar de brincadeira.

Por um momento, tenho vontade de chorar. Você é de muito bom tamanho, mas não está aqui de verdade. Eu senti falta de interações amigáveis, mesmo que não gostasse muito do toque.

— Onde você estava? Achei que tinha ido embora — continua Raul.

Acho que ele está dando em cima de mim, o que borbulha uma pequena ira dentro de mim. Digo a mim mesma que não é culpa dele, que não faria isso se soubesse do Bernardo ou do que tem acontecido. Ele conheceu uma garota

bonita que não tem medo de dizer o que pensa e está meio atraído. Vou embora daqui a pouco e isso vai acabar.

— Bom, agora você sabe: se não consegue me encontrar, estou dormindo — me forço a manter meu humor.

— Não importa, porque você não vai ficar — o brócolis dele já terminou de assar. Ele tira do fogo e começa a assoprar.

— Não seja pessimista — eu rebato. Tiro minha cenoura e Larissa tira a banana. Nós nos afastamos e eu sigo a Larissa. Raul vem atrás. Entramos para uma nova roda de conversa, mas eu só observo. Aqui a maioria são adultos, Raul é o único com a idade aproximada a minha. Mesmo assim, ele não encontra dificuldade para conversar. Acho que é ele que anima e salpica as conversas, arrancando risadas. Estão falando sobre uma incursão recente em que encontraram uma galinha bicando um corpo.

— Aí o Jorge — disse um deles, apontando para um cara musculoso ao lado dele que devorava uma maçã — se aproximou cuidadosamente dela... —

ele estava encenando tudo. Havia um espaço na roda no meio só para que ele andasse, imitando o Jorge se aproximando da galinha. — Ele estava pronto para atacar. Aí a danada da galinha se virou, do nada! Cacarejou e se afastou dois passos. Depois, os dois ficaram se olhando, bem assim.

O cara arregalou os olhos para o nada. De repente, Raul pulou na frente dele e imitou uma galinha que o encarava de volta, desafiadora. Todo mundo riu e eu acabei acompanhando.

— Era o Jorge contra a galinha. A vantagem estava para a galinha — o Jorge estava rolando os olhos e sorrindo lá atrás. — Aí eles se encararam tanto tempo que eu mesmo pulei para cima da galinha e peguei — ele desfez a postura e deu de ombros.

Todo mundo riu de novo.

— Que final decepcionante — disse a mulher da Larissa, logo ao lado dela. Observei que elas não se tocavam.

— Pelo menos você tem ovos agora, garota — o homem fala, e ele e Raul voltam aos seus lugares na roda. — E, quando ela estiver velha, um pouco de frango assado.

— Vai ser uma luta por esse frango assado — diz uma outra mulher de cabelos curtos e escuros.

— Eu já estou planejando tudo — diz Larissa. Já havia terminado de comer.
— Vai ser tudo uma questão de crédito. Quem ajudar mais terá mais chances de conseguir um pedaço.

— Jorge já perdeu — fala Raul, e todo mundo ri de novo. Eu fico observando o rosto de cada um deles enquanto pareciam... Verdadeiramente felizes. As pessoas certas sempre te fazem esquecer o que te faz sofrer e essa é uma roda de pessoas certas. Eles estavam cercados de morte e não tinham nada, e mesmo assim haviam encontrando um meio de rir. Estou pensando em como as pessoas ficam bonitas quando então rindo, e como parece que elas nasceram para se divertir. Estou aqui nessa roda com você e essas pessoas e estou pensando que a vida faz mais sentido assim.

Então eles continuam a contar aventuras da incursão e Raul sempre sai e volta com um legume ou uma fruta assada para mim. Nós não conversamos mais, ele está muito distraído tirando sarro das outras pessoas. Depois, aquele cara com quem falamos mais cedo, o Yago, volta e diz para Larissa que o meu banho está pronto. Ela agradece e se vira para mim:

— Pronta?

Eu falo que sim. Estou doida para ir embora, mesmo gostando dessas pessoas. Eu a sigo e nós entramos em uma cabana. Lá dentro, tem um varal improvisado com toalhas e uma piscina de criança cheia. A fogueira ilumina um pouco do interior.

— Pode ir — Larissa está parada na entrada. — Vou ficar aqui de vigia

— aí ela sai.

Certo, vou tirar a roupa, vire-se. Não olha agora, fica olhando para a silhueta da Larissa na entrada. Ok. Só vire de volta quando eu disser que pode.

Você ouve um barulho leve de água se movendo. Continua aí, não olha.

A piscina só cobre até o meu umbigo. Está bem frio, mas a sensação é única.

Você não sabe o poder de um banho. Tem um pequeno potinho aqui para que eu jogue a água pelo corpo. Eu me inclino para frente e lavo o cabelo. Não tem shampoo, é claro, ou um sabonete, mas isso já vai ajudar muito.

Depois, você não ouve mais nada. Eu fecho os olhos. Te expulsei por um tempo, agora quero ficar sozinha. Estou pelada e sentada nessa piscina de criança e, obviamente, antes da guerra isso me deixaria muito desconfortável, mas nesse momento é tudo o que eu preciso. Dobro os joelhos e os envolvo em um abraço. Apoio o queixo neles. Fico encarando o tecido da barraca, que parece verde, levemente iluminado. Escuto o barulho das pessoas conversando e o fogo estalando. A sensação de segurança. Aqui, há boas pessoas. Aqui há comida e cama e banho. Eu luto contra a vontade de ficar aqui, penso no Bernardo de novo. Às vezes eu te imagino como o Bernardo.

Às vezes ele é o meu amigo imaginário.

Abro os olhos e o vejo na minha frente. Está pelado, mas nudez nunca foi para mim o que é para os outros. Para mim é algo... delicado, como se ele estivesse confiando em mim. Totalmente exposto. É claro que ele não diz nada, Bernardo tem uma personalidade que eu nunca poderia reproduzir. Ele é gentil, e altruísta de uma forma que acaba com ele. É triste como eu jamais poderia ser — minha tristeza é egoísta. Eu afasto tudo e todos para tentar melhorar. Eu já o afastei inúmeras vezes. A sua tristeza anseia por deixar alguém feliz afim de curá-lo. É por isso que nos damos tão bem. Ele encontrou alguém que vai precisar eternamente de uma cura. Minha cura é ele.

Clichê, Mariana. Você está sendo idiota.

Dane-se. É a merda da verdade.

Não posso reproduzir sua personalidade, mas posso desenhar cada detalhe do corpo dele. Há duas pintinhas pequenas perto do lado esquerdo do maxilar, abaixo da orelha. Seu rosto é de um quadrado meio arredondado. Os lábios são finos, mas de um lindo desenho. Sua pele é branquinha, macia. A ponta do nariz é meio redonda, e os olhos são pequenos e de um castanho bem claro. Ele sempre me olhou com um enorme carinho, mesmo antes de se apaixonar por mim. Os olhos dele são os mais sinceros do mundo, eu soube exatamente o momento em que começou a me amar. Estava escrito em cada variação da cor da íris. O fato é que ele sempre se importou muito com as pessoas e todo mundo podia ver isso pelo modo que as olhava. Às vezes os outros se aproveitavam disso.

Eu olho para ele. Está olhando para mim. Não consigo reproduzir o que estaria sentindo, então ele está um tanto quanto inexpressivo. Meus olhos estão cheios de água agora. Estou com saudade. Eu sinto sua falta pra

caralho. Eu te odeio por me manter nesse mundo. Quero ir embora, mas não vou sem você.

Eu te trago de volta antes que comece a chorar na segunda vez no dia.

Ou não, talvez tenha passado da meia-noite. Está onde te deixei, olhando para a silhueta da Larissa na entrada. Eu saio e pego uma das toalhas. Me seco.

Me visto. Pode olhar. Uma lágrima acaba descendo pela bochecha, mas eu seco rapidamente. Preciso encontrar esse homem. Esse é um modo bem miserável de viver.

Suspiro. Digo:

— A quarta coisa que aprendi depois que eu morri é que pessoas valem a pena.

4.2 BERNARDO

São Paulo, 09 de Maio. 01h12min.

Sinto algo pesado batendo na minha bochecha.

— Hã...

Abro os olhos. O Doutor estava me acordando batendo o guarda-chuva na minha cara. Olho para ele, confuso. Por que faria aquilo? Fico esperando que ele me dê uma explicação, mas ele só diz:

— Hora de ir.

Se estou tão doente que não pude ajudá-los a abrir o portão, não faço ideia do porque ele iria me acordar com um golpe, mas, embora minha bochecha esteja latejando agora, não vou ficar reclamando.

Depois que a bateria do notebook acabou, nós exploramos o resto da casa. Havia uma piscina coberta, mas estava suja e cheia de fungos. De resto, enfeites e nada que pudesse ser aproveitado sem energia. Havia quartos o suficiente para cada um, então fomos dormir. Sinceramente, eu não queria dormir sozinho agora que havia companhia, mas não contestei. Fiquei em um quarto que parecia ser de hóspedes, já que não havia nenhum pertence pessoal e o closet estava vazio.

Me levanto. O Doutor espera com suas luvas, pano cobrindo o nariz e estetoscópio para me examinar. Eu noto que minha asma parece ter piorado, pois há um peso no meu pulmão que me força a respirar com mais força. Isso é normal quando eu acabo de acordar. Deixo que o Doutor faça seu trabalho.

Índio entra no quarto no meio do processo.

— Trouxe água.

— Espere — diz o Doutor. Mais alguns segundos e se afasta, guardando o estetoscópio. — Vamos tirar sua temperatura.

Ele tira o termômetro da pochete e me dá. Eu o coloco debaixo do braço e, com a outra mão, aceito a água que vinha em uma garrafa de quinhentos mililitros.

— Quanto eu posso beber? — pergunto.

— Três goles.

É o que eu faço. Depois que entrego a garrafa de volta, procuro pela minha mala debaixo da cama.

— Não se mova tanto — fala o Doutor, e eu paro.

— Dormiu bem, cara? — pergunta Índio.

Eu faço que sim, mas me lembro do quão escuro está e digo:

— Tudo bem. Como estava no seu quarto?

Ele havia dormido no quarto do filho do dono dessa casa. Dava para ver pelos pôsteres de Star Wars e os brinquedos, além da cama pequena demais em forma de carro, mas ele insistiu em dormir lá.

— Ótimo. Meu antigo quarto era muito parecido.

Temendo a regra sobre não falar do passado, eu não faço perguntas, mas também costumava ser um grande fã de Star Wars. Eu só nunca tive o dinheiro para as figuras de ação.

— Já está bom — diz o Doutor, estendendo a mão para que eu entregue o termômetro. Assim eu o faço, e ele dá uma olhada rápida. Casualmente, ele fala: — Temos que nos apressar — abre a pochete e guarda o objeto.

— Tudo bem aí? — pergunta Índio.

— Estamos prontos! — Amora, Atchim e Vênus aparecem na porta. —

E boas notícias: encontramos bastante papel higiênico. Já enchi as bolsas.

Eu não quero entrar em detalhes sobre como fazemos as nossas necessidades agora, então não me faça perguntas sobre isso. Te ouço soltar uma risada. É mesmo nojento, por isso tenho que prender minha risada também. É rir para não chorar. O Doutor aproveita essa deixa para sair sem responder à pergunta do Índio. Nenhum de nós se importa em insistir. É

óbvio: estou piorando.

Eu me levanto e me estico. Sinto cada membro do meu corpo

completamente indolor, à vontade. Estou morrendo e nem assim consigo sentir. Estava demorando para que eu finalmente ficasse dormente às coisas a minha volta. Com essas pessoas, na verdade, eu estive distraído com as maravilhas da interação social. As risadas, o sentimento de que nos encaixamos, o sentimento de ser importante para alguém. As pessoas destruíram o mundo, mas são elas que estão o salvando agora. Elas são o entretenimento, a sobrevivência e tudo o que tínhamos dado nas mãos da evolução. Estou pensando que deveria ter dado mais valor a isso antes. Às pessoas, eu digo.

Você sabe o quanto você evita falar com as pessoas. Sabe o quanto evita sorrir para elas, agradecê-las ou as pedir desculpas. Sabe o quanto recorre ao celular para não olhar para ninguém, ou o quanto as deixa para depois porque suas mensagens sempre estarão lá. Pensar nisso me enche de pânico. Me viro para

eles.

— Pessoal — eu os chamo e todos olham para mim, meio preocupados.

Estou parado e minha voz está assustada. Pigarreio e falo com mais convicção: — Obrigado.

Vejo eles sorrirem. Índio, que está mais próximo, me dá um abraço de qualquer jeito. Eu tento retribuir mas, por mais esquisito que seja, acho que esqueci como dar um abraço. Minhas mãos param no meio de suas costas de uma forma que não me parece certo, mas ele não reclama. Se afasta e me dá um tapa no braço.

— Estamos felizes de ter te acolhido, Cheetos.

Amora se aproxima. Está me olhando como uma mãe orgulhosa.

— Nós temos que permanecer unidos, Cheetos — e aí ela me abraça.

Acho que retribuo melhor dessa vez. Quando nos soltamos, Atchim está mais próximo, me encarando. Ele diz:

— Ainda não sei se gosto de você.

Nós rimos. Eu falo:

— Sem problemas.

— Mas você gosta de mim?

— Sem sombra de dúvida.

— Eu te aviso qualquer coisa.

— Eu gosto de você, Cheetos — diz o Doutor. — Por isso o quero vivo. Então temos que continuar andando.

— Eu pego sua mala — diz Índio. Ele já tem uma mochila enorme nas costas, mas eu não digo nada. Estou meio apavorado e só falo:

— Obrigado.

Então nós todos vamos andando, saindo no quarto. Só então noto que Robin vai andando aos pés de Vênus, sempre com rabo abanando e a língua para fora.

— E você, Vênus? — pergunta Amora. — O que está achando do Cheetos?

Ela está na minha frente, então não consigo ver que cara está fazendo, mas hesita antes de dizer:

— Acho que ele salvou a minha vida.

Isso é algo muito estranho para dizer, mas só eu pareço achar aquilo esquisito. Será que isso foi sobre nossa conversa mais cedo? Talvez ela tenha sido sarcástica. Ou talvez só eu tenha entendido por causa da conversa e os outros tenham achado sarcástico. De qualquer modo, pelo o que eu observei, Vênus sempre diz coisas que não fazem sentido para as outras pessoas.

Nós descemos as escadas. Robin derrubou algumas coisas, mas mesmo assim a visão escura e quase intocada do primeiro andar vazio me deixa triste.

Tento imaginar as coisas que aconteceram aqui que nem histórias puderam virar, já que estão todos provavelmente mortos. Ninguém vai contar e passar para frente sobre as coisas que aconteceram aqui dentro. As brigas, as descobertas, a criança que cresceu. Torço para que estejam vivos. Torço para que essa viagem esteja te fazendo crescer de uma forma positiva. Que te faça perceber que tudo vai acabar e que tudo também é magnífico. Que você está aí agora e isso é tudo o que você precisa.

— Vou sentir falta desse lugar — diz a Amora, enquanto passamos pela sala com a coleção de videogames.

— Eu achei que nunca fosse dormir em um lugar como esse — diz Índio. — Foi bom ter o privilégio de saber.

— Imagine como era acordar aqui, descer e tomar o café da manhã — responde Amora, encantada. — Depois andar de cavalo.

— Jogar os videogames... — suspira Índio. Passamos pela porta e estamos de volta ao campo aberto. Os cavalos não estão à vista.

— Eu preferiria estar com vocês — diz Vênus. Nós todos olhamos para ela, surpresos. Ela explica: — Não sabemos se estavam em boa companhia.

Essas coisas não seriam divertidas se as pessoas não fossem divertidas.

Silêncio.

— Vênus... — começa Amora, cautelosamente. — Você está dizendo que nós somos divertidos?

Vênus dá um sorriso sarcástico.

— Vocês fazem um cenário pós-guerra parecer um parque de diversões.

— A gente faz mesmo, não é? — Diz Atchim, animado.

Índio se vira para mim, andando de costas.

— Uma vez o Atchim disse que o sonho dele era andar na neve, e aí a gente arranjou uns pedaços de madeira em uma incursão, amarrou no pé e saiu esquiando em uma montanha de roupas para lavar — e aí ele olha para os

outros e eles começam a rir. Até Vênus dá um sorriso, embora não se permita exibir os dentes. Fico pensando no perigo em que se colocaram em uma incursão só para deixar Atchim feliz.

No começo, era difícil fazer uma incursão, com tantos pedaços de corpos espalhados por aí. É uma coisa ver gente morta em filmes, videogames e séries. Outra era ver aquilo na sua frente, com o cheiro, as moscas e tudo. A primeira vez em que eu vi um corpo não foi somente um, foram vários. Minha família e eu estávamos saindo de um abrigo após um dia de bombardeio. As bombas estavam um tanto longe, mas o som era tão alto que parecia estar logo ao meu lado. Passei a noite toda em claro, e por incrível que pareça eu fui um dos poucos. Acho que estava todo mundo muito cansado, mas como eu poderia? Aquele era o som de pessoas morrendo. O

som do mundo acabando. A trilha sonora não é uma sinfonia emocionante como nos filmes; é sufocante e é tudo o que você pode ouvir. E no dia seguinte, lá para as quatro da tarde segundo os relógios de pulso que ainda tinham bateria, nós saímos para ver o que ainda estava de pé. As ruas estariam desertas, não fossem pelas pessoas que haviam ficado sem casa.

Haviam poucas ambulâncias, com as luzes desligadas. Nas calçadas, estavam colocando corpos um ao lado do outro. Não havia nada para cobri-los. Havia um saco preto enorme que continha membros separados. Um braço, um tronco. Eu queria correr, mas sabia que não havia nenhum lugar que eu fosse que não tivesse um corpo. O cheiro vinha de todo lugar, e eu vomitei ali mesmo. A parte positiva é que, por um tempo curto, o vômito encobriu o cheiro de fumaça e morte e desespero.

Eles continuam a falar de esquiar em roupas até descermos de novo para a garagem. Vênus e eu acabamos andando lado a lado. Ela tira um papel

da lateral da sua calça e fica olhando.

— É a lista de compras — diz ela.

— Por que você guardou isso? — pergunto.

Ela observa o papel por um tempo. Eu dou uma olhada: pão de alho, pão doce, frios, ovos de codorna... não vejo nada de mais que valha à pena a lembrança.

— Eu não tenho certeza — responde.

Estamos a poucos passos da saída. Índio já está levantando o portão quebrado, que agora se abre com muita facilidade. Ele usa apenas uma das mãos.

— Não me leve a mal — eu começo, lentamente — mas por que você está me dizendo isso?

Você também está achando estranho? O pior é que o tempo todo parece um déjà vu. Parece que já tive essas conversas e já vi essas expressões. Está ficando tão recorrente que estou começando a me acostumar.

— Porque você é como eu — responde ela. Percebo que ela fica envergonhada. Acho que ela vai explicar, mas acaba ficando quieta. Sei que ela está certa.

Não sei quantos tipos de pessoas há no mundo, mas sei que há pessoas como Vênus e eu. As pessoas que sentem que não pertencem a lugar nenhum.

Embora a gente possa se dar bem com muitas pessoas e situações, nós nunca vamos sentir como se encaixássemos completamente. Nossos amigos nos fazem felizes, mas não confiamos neles completamente, e não é algo sobre eles, é algo sobre a gente. Quem pode saber os pensamentos que temos e não se assustar? Nós pensamos sobre morte e avaliamos os padrões e ligamos os pontos e entendemos as pessoas cedo demais. E mesmo que nós sejamos iguais, por mais que ela saiba como eu me sinto quando tento muito estar totalmente presente em uma situação mas não consigo, que sou muito melhor sozinho, mesmo que ela saiba bem cada desespero da sociedade de tanto observar e queira muito evitar o fim que todos têm, nós nunca vamos nos sentir encaixados. Ela nunca vai confiar totalmente em mim e vice-versa. O

máximo que vai acontecer é que eu saiba mais dela do que os outros amigos dela.

Só para que ela fique ciente, eu falo:

— Eu sei, sim.

À nossa frente, Atchim, Amora e Índio estão conversando alegremente.

Agora estamos saindo da rua chique de folhas no chão que estalam sob nossos pés. O Doutor anda sozinho logo atrás. Eles todos já colocaram suas luvas e cobriram o nariz, menos Vênus, que só usa luvas e tem a sua bandana vermelha presa no pescoço para poder subir o pano a qualquer momento.

Acho que o fato de eu ter perguntado para Vênus porque estava me dizendo aquelas coisas (e eu digo, sendo cruamente sincera comigo) tenha a feito se identificar menos comigo. Ela está se afastando, olhando para o chão.

Talvez ainda esteja envergonhada. Talvez esteja se dizendo que foi um erro confiar em mim para saber que ela tem pensamentos suicidas e atitudes estranhas pois é meio que apegada demais às coisas pequenas. Talvez eu esteja errado sobre isso, mas talvez eu a conheça. Sou um bom observador.

— Posso te contar uma coisa do meu passado? — pergunto, e ela imediatamente para para que eu mate os dois passos de distância que está de

mim. Voltamos a andar.

Ela fala:

— Tudo bem.

— Uma vez eu estava no psicólogo e eu contei a ele que costumo pegar coisas pequenas e sem sentido nenhum. Coisas que geralmente não vão dar falta, mas que guardo para mim.

Vejo que ela fica vermelha por algum motivo. Eu continuo:

— Um cleptomaniaco com sentimentos. Você é a babaca com pensamentos suicidas e eu sou o cleptomaniaco com sentimentos.

Ela dá um sorriso tão mínimo que penso que posso ter imaginado.

— O que o psicólogo disse? — pergunta.

— Ele disse que eu tenho vontade de me sentir especial e de fazer parte das coisas, então pego objetos e os levo comigo.

Ela balança a cabeça.

— Eu deveria ter ido ao seu psicólogo. O meu disse que eu tenho um problema e tentou tratá-lo. A pior coisa em ter um problema é que são as pessoas que decidem ou não se é um. Tipo, eu estou indo bem longe aqui...

— ela dá uma pausa para suspirar. Estou olhando para o seu rosto, mas ela não me olha. — Quando as pessoas ficavam psicologicamente doidas tentando alcançar a beleza, e aquilo não era um problema, era a mais pura vaidade. Que pessoa vaidosa. Mas quando nós deixamos as tarefas de lado em um dia ruim, quando faltamos o trabalho só por nos sentir tristes ou a escola... Isso é um problema. Todo mundo decidiu que é um problema

quando você não engole e aceita uma merda dessas — o rosto dela estava cheio de emoção e raiva, mas aí aquilo some e fica quase inexpressivo. —

Mas... é claro... isso já passou.

Quero perguntar se ela sempre pega coisas inúteis das incursões para guardar, mas há algo maior puxando minha orelha.

— Você já sentiu que, apesar de todo o desastre, nós tivemos sorte?

Ela sorri. Nunca sorria de verdade, sempre um sorriso triste ou sarcástico. Este era o triste.

— É como quando Deus mandou aquele dilúvio para purificar a terra.

A Terceira Guerra Mundial é a merda do nosso dilúvio.

Dou risada.

— Talvez tenha algum maluco por aí que avisou e nós não ouvimos.

Ela completa:

— E ele está em uma bela fazenda com comida e eletricidade.

— Por que uma fazenda?

— Para os animais.

Então, pergunto o que eu queria perguntar antes.

— Você sempre pega coisas pequenas nas suas incursões?

Ela faz que sim.

— Meu quarto é cheio deles. Eu durmo com a Amora e o Atchim no mesmo quarto.

— Quarto?

— Nós moramos em uma casa no meio do mato. É uma dessas casas, que sei lá... São meio chiques e estão cercadas de natureza.

Quando a Mariana chegar, vou buscar o meu irmão e é para lá que vamos. Está decidido. Eu não digo isso porque nunca faço promessas em voz alta que talvez um imprevisto me impeça de cumprir, então eu arregajo minha manga e puxo a luva para cima para expor o meu pulso. Lá tem uma pulseira feminina, dourada e muito fina, com pequenas pedras brancas em intervalos grandes. Vênus ergue as sobrancelhas, mas não diz nada.

— Eu gostava muito de pegar coisas pequenas antes — eu falo — mas parei depois da guerra. Essa foi a única coisa que eu peguei. É uma história macabra.

Ela ri pelo nariz e balançou a cabeça.

— Você pegou de um corpo?

Eu faço que sim.

— Já fiz isso — ela dá de ombros, mas continua com o risinho.

Eu estava fazendo minha primeira incursão depois de ter chegado à escola da Mariana. Havia uma mulher no pico de uma das montanhas de concreto. Como havia um alto prédio bem próximo, acho que ela se matou.

Estava horrível de se ver, mas a pulseira estava ótima e intacta. Eu peguei e coloquei no pulso, por medo de perder.

— Já conheci um cara que só usava coisa que roubou de corpos —

disse ela. — Ele disse que era para mantê-los vivos as pessoas que ele roubava. E também porque aquilo não era de se desperdiçar.

— E o risco de se infectar? — algumas das doenças não estavam claras na pele ou davam algum sinal externo, assim como a minha.

Ah, é. Eu penso. Estou morrendo.

— Ele nunca se importou.

Às vezes eu penso nas pessoas que se mataram, mas geralmente penso na Sylvia Plath. Mariana uma vez me deu A Redoma de Vidro de presente, fora de época mesmo, quando ela estava na metade do livro e muito empolgada, porque Sylvia era como a gente. Eu disse para ela:

— Mas a Sylvia Plath se matou.

Ela rolou os olhos e disse:

— Não nesse sentido.

E então eu li e durante a leitura de todas as páginas eu me senti muito triste por ela ter se matado. Porque ela era como Vênus e eu, e a Mariana. Ela se sentia triste porque era uma observadora e nesse mundo há boas coisas a serem observadas, mas há um número muito maior de coisas ruins. Ela era brilhante e fazia coisas egoístas que não prejudicariam a ninguém como mentir para o seu professor para não precisar fazer química na faculdade e mesmo assim se sentia mal. Ela realmente queria pedir desculpas para o professor dela, ao invés de se sentir vitoriosa de alguma forma e aproveitar.

Eu queria estar lá por ela, mas além disso, além de me sentir profundamente triste de ela ter partido, eu penso que ela foi corajosa. Eu nunca teria a coragem de me matar, sou muito medroso, embora algumas vezes eu quisesse estar morto. Você já quis morrer mas ao mesmo tempo tinha medo? Sylvia Plath trancou seus filhos nos seus quartos com as janelas abertas, tampou as frestas das portas e deixou comida para eles. Depois, foi para a cozinha, tomou um monte de antibiótico, ligou o gás e ficou deitada com a cabeça na porta aberta do fogão com uma toalha embaixo.

Fico imaginando o que deveria estar acontecendo na cabeça dela enquanto ela esperava. O que ela estava pensando? Do que se lembrava?

Minha mãe já me disse que tentou suicídio várias vezes, mas nunca se matou porque pensava em mim e no meu irmão. Será que Sylvia pensou nos dois filhos que estava deixando para trás? No seu marido que a traiu? Não pensou nos seus livros e poemas e o que ainda tinha a dizer? Nos anos que passou trancada em casa estudando? No seu pai que morreu quando ela era muito nova? Ou nas coisas pequenas que todo mundo vê e sente? O cheiro da chuva,

a sensação de estar apaixonado, quando alguém te abraça, o que levam as pessoas a sorrirem involuntariamente. Eu acho que pensaria nisso.

Acho que foi por causa disso que peguei a pulseira. Eu estava pensando em Sylvia Plath e porque ela se matou mesmo que fosse tão fantástica e não fazia ideia do privilégio que é perceber as coisas, pois assim nós temos a chave para viver uma vida melhor. Nós percebemos os problemas, mas o problema é que nem todos de nós os evita. Eu não sei como evitá-los.

Mariana não sabe como evitá-los. Mas não consigo imaginar ser levado a me matar, mesmo com tanta percepção sobre o mundo. E aí eu peguei a pulseira imaginando que a mulher fosse como a Sylvia Plath, magnífica sem saber e por ser magnífica ela podia viver uma vida magnífica, mas a tristeza bruta a cegou. Estou usando essa pulseira por causa da Sylvia Plath e para me lembrar que eu sou magnífico. Fantástico. Eu não me identifico com nada, mas me identifico com os retalhos de todo o resto. Pedacos de coisas e pessoas que os outros não percebem. Estou bem. E quando não estou, vou ficar.

5.1 mariana

São Paulo, 9 de maio. 03h21min.

Ai, meu Deus.

Você tem que ver isso. Conheço esse lugar e nem acredito que ele está intacto. Digo, à sua maneira. Vim aqui algumas vezes com os meus amigos.

Não é o melhor dos lugares, mas continua bonito. As flores, plantas e a grama estão mortas, mas consigo vê-lo como eram antes tão perfeitamente que é quase como se nada tivesse acontecido. O Parque da Luz. É simples, mas eu gosto. Acho que o fato de estar aqui e não ter sido destruído me faz pensar que gosto dele mais do que jamais gostei. O portão está semiaberto e quando eu o afasto um pouco mais para poder passar, ele range. Não sei se você já esteve aqui e eu espero que sim. Não vai parecer nada bom para você se não o ver como eu já o vi.

Estou usando a lanterna que se carrega com a luz do sol que a Larissa me deu. Todas as outras coisas dela já estão comigo. Levei um bom tempo para parar de reproduzir o burburinho de pessoas por perto na minha cabeça, até que meu ouvido ficasse zumbido por conta do silêncio mortal depois de tanto barulho constante. Fiquei lá por mais tempo que esperava. Depois do banho, fiquei conversando, ou melhor, ouvindo a conversa do grupo em que estava antes, depois passei um tempo recolhendo as frutas e legumes que queria, a sós com a Larissa. Rapidamente, ela me ensinou uns golpes de defesa. Depois, fiquei um tempo tentando memorizar o mapa para não precisar parar

e abrir aquela enorme folha de novo no meio do caminho.

Minha mochila está mais pesada e tenho uma arma carregada nas mãos.

Estou me sentindo meio perigosa com essa bandana tampando o nariz e a boca e a arma na mão, mais corajosa do que jamais poderia ser. Estava duvidando que teria coragem de usar a arma até lembrar que sou humana e tenho instintos e faria qualquer coisa por medo e sobrevivência.

Como tento não pensar muito nos meus amigos mortos, penso nas vezes em que estive aqui com o Bernardo. Foram duas, mas a mais memorável foi quando trouxemos o irmão dele, Diego. Diego e eu somos meio café com leite, não sentimos nada um pelo outro. É meio difícil para mim me relacionar com pessoas que não tenham a mesma idade que eu, porque parece que elas sentem a minha essência. E a minha essência diz exatamente quem eu sou: meio bipolar e bastante problemática. Os adultos nunca gostavam de mim, minha tia vivia recebendo reclamações de seus amigos dizendo que era bom me endireitar e que eu vivia fazendo cara feia para as coisas e era meio mal educada. Acho que as crianças se assustavam com a tal cara feia que eu vivia fazendo. Quando falei disso para o Bernardo, ele disse que era verdade. Era como se eu fosse um animal que estivesse muito abaixo na cadeia alimentar e tivesse medo de todo mundo, aí me reprimia e me encolhia esperando que ninguém falasse comigo. Acho que aquilo era verdade.

Eu tinha problemas para fazer amigos, não sei dizer com certeza o que

mudou a partir dos quinze anos e as pessoas passaram a me aguentar. Meu palpite pessimista é que ninguém resiste a um rostinho bonito, arrogante e problemático. Eu tinha medo de que isso era tudo que eu podia ser.

Uma coisa engraçada é que antes dos quinze anos eu não era bonita. Eu era gorda, tinha muitas espinhas, era muito peluda, blá, blá, blá. E aí eu passei um ano obcecada em ficar bonita. Eu me lembro de não querer sair na rua, nem para ir na escola, tentei ter estudos em casa. Lembro que eu não olhava diretamente para ninguém, não falava com garotos sob nenhuma circunstância e sempre me diminuía antes que alguém pudesse fazer isso. As pessoas são maldosas com você quando você é gorda. Elas são. Fazem comentários e cuidam da sua vida e dizem que é para o seu bem. Ai de você se achar ruim. Ai de você se chorar. Se você é gorda ainda nova, os amigos dos seus pais vão olhar para você com pena e dizer “ah, mas cresce e emagrece, não é?”. Eu sempre fui muito estressada e ansiosa. E aí eu passei um ano inteiro fazendo dieta, exercícios, além de outras coisas como tratando a acne, dourando os pelos como uma louca, etc. Eu sei que lendo assim, tão simples, parece uma daquelas histórias de superação em que a pessoa passa a se cuidar e BUM, mudança de vida. Mas aquele foi um ano terrível, e depois disso só piorou.

Não estou dizendo que se cuidar é ruim. Eu me senti bem muitas vezes, quando vi os resultados. Mas, porra, eu estava fazendo aquilo pelos motivos errados. Eu queria aprovação, queria calar a boca de todo mundo, queria conquistar o mundo e aquilo acabou com a minha mente. Acho que foi aí que eu comecei a ser infeliz e meus surtos começaram. Porque quando eu ia para escola e via aquelas garotas, senti que nunca na vida iria ser amada. Eu senti que nunca ia ficar bonita e que elas eram muito melhores, queria poder reiniciar minha vida inteira para não ter que lidar com aquilo e fazer tudo certo. E aí eu me perguntava: aquilo era por minha causa ou por causa dos outros? Eu me perguntava se eu estava triste porque era gorda ou porque todo mundo me rejeitava por ser gorda. Me perguntava se eu acharia aquilo ruim se as pessoas simplesmente calassem a boca e me tratassem normalmente. Eu ainda me acharia feia? Eu ainda me sentiria um completo lixo? Eu ainda iria sentir que falhei, assim tão nova, e continuaria querendo morrer porque estava pensando que nunca iria conseguir nada?

Para os outros, era só fechar a boca e emagrecer. Para mim, parar de comer besteira nem era a pior parte. A pior parte era me sentir um lixo do

jeito que eu estava naquele processo tão lento, olhando para outras garotas, me sentindo burra e impotente por ter feito aquilo comigo mesma, e depois me culpar e dizer para mim mesma que estava sendo idiota e não tinha feito nada de errado, que estava ligando demais para o que os outros diziam e aí eu me lembrava de todas as vezes em que os meninos da sala faziam uma lista das meninas mais feias e eu estava no topo.

Até hoje eu não sei se fiz o certo ao emagrecer. Não sei se fiz isso por mim ou pelos outros. Posso te dizer que as pessoas queriam ser minhas amigas e os garotos davam em cima, mas eu só conseguia pensar que não fariam aquilo se eu fosse gorda. É por isso que estou sempre amarrando a cara para os outros. Eles não eram tão legais comigo quando eu era gorda, e olha que eu era uma criança. O mais engraçado é que não importa quão grossa eu seja, eles acham que é engraçado e charmoso e continuam por perto. Eu era muito bacana quando era gorda e, mais importante, não tinha nenhum problema psicológico. Eu era só uma criança que não se sentia amada.

E por mais engraçado e impossível que seja, parecia que os adultos e as crianças conseguiam perceber que eu não prestava mais e só queria afastar todo mundo, então eles mantinham a distância e diziam para seus filhos para não andarem comigo. Meus professores sempre assumiam que eu era arrogante, mas nunca reclamavam porque eu mantinha minhas notas. Mas o Diego tinha só onze anos quando eu o conheci, uma criança elétrica, mas que sempre ficava calado quando eu estava por perto, olhando para mim como se tivesse medo. E aí quando Bernardo e eu começamos a namorar, ele quis que

a gente se aproximasse e nos levou para o Parque da Luz. Enquanto vou caminhando, consigo ver cada momento daquele dia na minha mente, querendo que tudo voltasse.

Acho que ele já tinha doze anos na época, o Diego. Eu subo as escadas aqui, no presente, e subo as escadas na minha memória, no passado. Bernardo e Diego estão no passado, você está aqui comigo no presente. As duas coisas vão se fundindo de uma forma que não consigo explicar. Eles vêm e vão como a luz de uma lâmpada mal encaixada. Os cenários vão piscando e se alterando, com o mesmo ângulo. A memória está clara, repleta de verde e barulho. O presente está silencioso e escuro. Chegamos a uma espécie de sacada. Está velha e empoeirada e eu não encosto, mas a eu-do-passado faz isso junto com o Bernardo. Diego está pequeno demais.

Ele diz:

— Não é tão legal.

A eu-do-presente finge que ele está ali e olha para ele com um sorriso meio irônico. O modo que você olha pra crianças tipo “que abusado engraçadinho”. O Bernardo, que sempre foi muito bom com crianças, diz que ele não sabe daquilo ainda. Os dois têm um skate na mão cada. Sempre pensei que o Bernardo seria um ótimo pai, o que era uma pena porque eu não pretendia ter filhos. Achava que ser a responsável por outra pessoa era pedir demais quando eu havia falhado tantas vezes comigo mesma e ainda não fazia ideia de como consertar a merda que eu era. Às vezes eu ficava tão cansada que queria apagar quem eu era e me afastava de todo mundo, inclusive do Bernardo, e eu não queria fazer isso com uma criança. Eu era egoísta demais e provavelmente seria como Marilyn Monroe se um dia ela tivesse sido mãe.

Eu me imaginava ficando de saco cheio, pegando meu carro e deixando o bebê sozinho com o Bernardo por uma semana. Me imaginava deixando o bebê berrando no tapete de sala enquanto eu ficava sentada no sofá, tampando o rosto e chorando, completamente esgotada. Me imaginava gritando com o bebê para calar a boca depois de uns vinte minutos tentando descobrir porque estava chorando. E mesmo no parto, eu imaginava o médico se aproximando e perguntando se eu queria segurar, e eu respondendo não, virando o rosto e só pensando em ir dormir porque, se eu tivesse um filho, seria só para fazer o Bernardo feliz se ele quisesse muito, mesmo sabendo que eu deixaria a criança de lado por tanto tempo que aquilo o amargaria e o faria ver que eu sou uma pessoa ruim que não consegue resolver os próprios problemas, e amaria seu filho mais do que a mim, e aí me deixaria.

Isso era antes, é claro. Hoje em dia, se eu tivesse um filho, o amaria e diria as coisas que eu te digo. Me preocuparia com ele como eu me preocupo com

você. Quando você perde tudo, você vê que tudo que te deixava triste é uma tremenda besteira e você poderia ter se esforçado mais. Que poderia ter tampado as vozes e simplesmente ter feito o que te fazia feliz. Mas é sempre mais fácil falar do que fazer.

O caso é que o Bernardo havia aprendido a andar skate só para ensinar o irmão dele. Eu tinha medo de quebrar a perna então resolvi ficar na minha.

Os pais deles viviam brigando e fazendo as pazes o tempo todo, deixando-os de lado, então Bernardo já era praticamente o pai do irmão, tirando que o dinheiro não vinha dele, e sim dos pais. Mas, na realidade, só faltava isso.

Naquele dia, meu maior problema era como convencer o Diego de que eu era legal e que ele não tinha que sair do cômodo quando eu entrava. As prioridades de antes e depois se batem. Hoje em dia não sei se Bernardo ou Diego ou mesmo os pais deles estão vivos e estou na esperança de Bernardo estar na minha escola esperando por mim. Uma parte de mim se sente idiota por achar isso. Ele estaria se colocando em perigo se me esperasse lá. E se a escola foi destruída? Mas é minha única esperança, pois caso contrário não sei como achá-lo. Fico pensando que, não importa o que tivesse acontecido, ele teria dado um jeito. Talvez deixado um recado sobre onde encontrá-lo nos destroços.

Não posso mais pensar nisso, então desço para ver a que fim se deu a caverna e a cachoeira falsas que têm aqui. A lanterna na minha mão tem a forma de um enorme pote de vidro e a seguro para cima por uma alça de aço.

A arma na minha outra mão é pesada e a mantenho para baixo, de modo que há bastante sangue na minha mão agora. Ela parece inchada e, se movo os dedos, eles rangem, tão acostumados a segurar a arma. Larissa me disse para mantê-la à vista, assim, quem pensar em me atacar vai ter que pensar duas vezes. É a mesma coisa com o Raul. Eu sabia que a arma dele não estava carregada porque o que valia era a ameaça e balas não eram de se gastar. Mas ela me deu um pente de um pequeno estoque e me desejou boa sorte.

Na minha mente, além de você, tem o Bernardo e o Diego. Eles estão avaliando o perímetro para ver onde é melhor usar o skate, mas tem muitas árvores e é difícil dizer. Se você quer saber da cachoeira e da caverna: não corre mais água por essa cachoeira, a caverna que praticamente a abriga parece suja e muito fantasmagórica. Eu me lembro da animação do Diego ao ver isso aqui, a melhor parte do parque para ele. Eu concordei com ele, porque além daquilo não tinha nada muito novo para ver, só o bom ar que um ambiente repleto de árvores oferece. Eu me viro e vou andando. Está tudo morto por aqui e isso explica porque o parque está intacto e vazio. Caso contrário, com certeza haveria uma comunidade aqui, e penso que esse seria

um bom lugar para morar.

Depois de dar uma olhada ao redor, o Bernardo e o Diego começam a andar de skate pelos caminhos de pedra que há entre a grama. Demora um pouco para que eu consiga entrar na bolha deles, depois deixo o Bernardo e até o Diego tentarem me ensinar alguma coisa, mas eu sou muito medrosa e

pulo para fora do skate antes que eu tenha a chance de tentar andar com ele de verdade sem o pé no chão. Hoje em dia eu teria realmente tentado. Pela experiência e o aprendizado e porque já passei por tanta coisa que andar de skate parece ser mole. Vou andando pelos caminhos que eles andaram, o presente seguindo a memória deles, querendo que eles esperassem por mim.

Como eu já disse: você é muito boa companhia. Mas queria alguém de verdade aqui. Você acha que quer ficar sozinho no mundo até ficar. Daí para frente é só derrota.

E aí eu paro de segui-los e os deixo ir até que eles desapareçam por entre as árvores, e nem a eu-da-memória está com eles. Eles estão sozinhos na bolha deles, tentando praticar manobras, tipo pular do skate e deixar que ele gire debaixo de você. Eu fecho os meus olhos para tentar controlar as lágrimas. Eu digo:

— Sabe, eu deveria ter amado mais.

O Bernardo e o seu irmão. Eu e o meu bebê imaginário. Passei grande parte do meu tempo mais odiando do que amando. Odiei a minha mãe por me deixar de lado e tentar fazer de mim o que ela queria ser. Odiei o meu pai por ser o primeiro a me quebrar em mil pedaços. Odiei as pessoas que me tratavam mal por ser gorda e depois odiei as pessoas que me tratavam bem por ser bonita. Às vezes eu não amava o Bernardo, às vezes eu o odiava.

Ficava pensando comigo que ele não me amaria se tivesse me conhecido antes de ter emagrecido. Ficava pensando que ele podia conseguir alguém melhor do que eu. Às vezes eu o odiava quando cometia erros que eu cometia, como se sentir depressivo por coisas pequenas e então eu o dizia para calar a boca e engolir e seguir em frente, porque queria que eu fizesse aquilo. Eu tinha raiva de tudo e todos. Nem posso começar a dizer do peso que me livre quando isso foi embora e tudo o que eu posso fazer agora é amar e voltar para a pessoa que eu amo.

Lembra quando eu te falei que eu não sabia o que fazer depois que descobri que amava o Bernardo? Quando eu finalmente fiz alguma coisa...

Foi uma das poucas coisas das quais eu não me arrependo. Uma coisa que eu fiz do modo certo. Algo que uma amiga me dizia muito é que instinto era real e você tinha que o seguir, e eu fiz isso. Uma das poucas vezes que segui meu

instinto foi quando Bernardo tinha se esforçado muito em fazer um jantar na casa dele. Tinha convencido os pais a viajarem para tentarem se resolver e mandou o Diego dormir na casa de um amigo. E aí ele tinha ligado velas,

feito a mesa e o jantar. Eu odeio essas merdas, mas o apreciei por se esforçar tanto.

E aí no meio das velas e da playlist pronta do Spotify (ele tinha até mesmo assinado premium para que as músicas não fossem interrompidas), mesmo antes de começarmos a comer eu estava lhe dizendo:

— Você sabia que o meu maior medo é não viver o suficiente para ver o homem colonizar outros planetas? Como eu posso viver comigo mesma sabendo que no futuro as pessoas viverão em Marte e eu ficarei presa neste mundo minúsculo? Eu sei que é verdade. Nunca viverei para ver as maravilhas do futuro. Mas quer saber de uma coisa? Se eu não tivesse nascido nesse tempo, nunca teria te conhecido e estou feliz por isso. Você me deixa menos apavorada. Como... Se houvesse um sistema solar dentro de você, e é aí que eu quero viver agora.

Não queria dizer que o amava porque aquilo não provava nada. Contar para ele o meu maior medo era um modo de provar que eu confiava nele. E

por isso eu o amava. Ele sorriu de um modo que eu nunca vou esquecer.

Acho que ficou surpreso. A melhor parte foi depois, quando começamos a comer e ele me fez mil perguntas sobre como eu achava que ia ser a vida humana em outros planetas.

O Bernardo sempre foi muito bom em amar as coisas do jeito que se deve. Ele amava a vida e as pessoas. Dizia oi para elas quando entrava em um elevador e sorria. Se via alguém chorando no ônibus, ia perguntar o que tinha acontecido. Uma vez ele estava em uma biblioteca fazendo seu cadastro quando ouviu a balconista falando para uma menina que tal livro tinha sido emprestado, e aí ele chegou na menina e falou que tinha o livro e que podia emprestar se ela quisesse. Outra vez, ganhou ingressos para um show em uma rádio que acabaram sobrando, e aí simplesmente deu para um casal para poder vê-los felizes. Outra vez estava subindo uma rua e ofereceu água para uma mulher que parecia estar voltando do trabalho e muito cansada. Ele pegou cada animal que encontrava na rua, abandonado. Ele perdoava os seus pais toda vez que eles pediam, mesmo que voltassem a fazer a merda de deixar alguém tão incrível quanto ele de lado de novo. Eu ficava olhando tudo aquilo e era por isso que as vezes eu o afastava.

Eu deveria ter amado como o Bernardo amou. Tudo e todos. Se você ama e fica de boa, o resto é problema das outras pessoas. Eu deveria ter sido gentil e

sentido empatia pelas pessoas que eu rejeitava só por deduzir alguma coisa. Deveria ter dado chances para todo mundo. Salvado o cachorro, dado os ingressos. Amar, sem esperar nadinha em troca.

Ele se preocupava com a saúde mental das pessoas. Foi assim que nos aproximamos. Por algum motivo eu o contei quão deprimida estava e ele ficou com receio de que eu fosse morrer. Ele mal me conhecia, mas não me queria morta. Não sei como você vai fazer isso, amar os outros. Eu, de verdade, ainda tenho muita dificuldade em praticar esse conselho, mas espero que não seja tarde para você. Não sei se já viu ou leu O Clube da Luta, mas tem essa parte em que Tyler Durden simplesmente pega um cara que tem um emprego péssimo, aponta uma arma para cara dele e pergunta o que ele quer ser da vida. Ele diz veterinário. Aí, só para resumir, o Tyler diz para ele que é bom ele dar o fora dali e começar a correr atrás de ser um bom veterinário, e que se não fizesse aquilo ele iria atrás dele e meteria uma bala no meio da testa dele. Aí ele pega a carteira de motorista só para provar que aquilo era verdade e que ele poderia achá-lo e manda o cara para casa.

De verdade, antes eu tinha ficado horrorizada, mas aí Tyler disse:

“amanhã vai ser o melhor dia da vida daquele cara. Ele vai ter o melhor café da manhã que já teve”, e acho que é mais ou menos isso que estou tentando te dizer. Provavelmente aquele cara que estava vivendo uma vida infeliz em um emprego de merda passou a viver a vida como deve ser vivida. Ou não, tem gente burra para todo tipo. Mas talvez ele tenha começado a dar oi para as pessoas quando entrava no elevador, pensando que elas importavam e tinham problemas e desejos. Talvez ele tivesse começado seus estudos o mais cedo o possível e aproveitava cada visão que tinha. Talvez ele se certificasse de que aproveitasse cada momento, até mesmo quando estava no transporte público.

Ele colocava os fones e ouvia sua banda preferida enquanto olhava para as pessoas e tentava ver como elas estavam vivendo, até que ele visse algo adorável como um bebê e sua mãe ou dois amigos conversando e sorrisse só de ver outras pessoas felizes. Aí quando ele chegasse em casa e sua mãe brigasse com ele por algum motivo, talvez ele a deixasse falar do modo que desejasse, se levantasse, beijasse sua testa e agradeceria pelos esforços que ela fez por ele, e aí ia se deitar, pensando no que iria se preparar no café da manhã seguinte.

Não estou dizendo que todo mundo é feliz sempre. Mas ninguém também é triste sempre. Estou dizendo para amar. Ou valorizar. Ou... Eu juro para você que nada é o fim do mundo até o fim do mundo de verdade. Nem a

Terceira Guerra Mundial foi o fim do mundo.

Eu abro os meus olhos e espero que você tenha levado esse conselho a sério, porque é clichê e eu não consegui explicá-lo direito. Sinto que falta muito mais sobre ele.

— A quinta coisa que aprendi depois que eu morri é que: o passado é o passado. Eu fiz coisas ruins, fiz coisas autodestrutivas e mesmo quando eu tentava recomeçar, dizia a mim mesma que era tarde demais e desejava com todo o coração que eu reiniciasse a vida para fazer tudo de novo. Deixe as coisas irem, caso o contrário você morre.

Eu dou um suspiro e aí meia volta, para poder ir embora. Estava empolgada quando cheguei, mas agora me sinto vazia e bem melancólica.

Não consigo mais convocar a lembrança que eu tinha aqui, nem mesmo da primeira vez em que vim, com a minha tia. Tem uma parte de mim que quer apontar a arma para algum lugar, nem que seja o chão, e dar três tiros, mas isso vai chamar muita atenção e gastar uma munição preciosa. Então eu começo a correr, com a arma e a lanterna nas mãos até estar fora dali.

5.2 BERNARDO

São Paulo, 9 de maio. 05h01min.

— Já deu — diz o Doutor. — Me dê aqui.

Eu entrego o termômetro para ele. Fizemos outra pausa para ver como eu estou. Por mais que eu tente, continuo esquecendo que estou morrendo.

Acho que a ficha ainda não caiu. É uma daquelas coisas que a gente olha e pensa que não vai acontecer. Mais uma vez ele suspira e guarda o termômetro sem dar um veredicto. Agora está todo mundo olhando para ele, ansioso.

Acho que devo estar horrível. Olhe para mim. O que você acha?

Você diz, com olhos levemente arregalados, que estou pálido como um fantasma. Não branco como eu sou, mas um pálido azul e doentio. Meus olhos estão fundos e minhas bochechas estão côncavas. Pareço quase um esqueleto um pouco mais cheio. Meus lábios estão rachados e meus cabelos perderam o aspecto quase saudável que tinham. Bom, não me admira que ninguém tenha dito nada. Eu olho para minha mão e procuro o tom azulado

que você mencionou, mas a cor parece boa para mim.

— Eu estava guardando isso como último recurso — suspira o Doutor, um comprimido branco e minúsculo entre os dedos. — É meu último analgésico. Dos antigos, de farmácia. É para dor de cabeça, não vai fazer milagre.

Não quero que ele gaste seu último analgésico, então falo:

— Não estou com dor de cabeça.

— Está, sim. Índio, pegue uma garrafa de água dele.

Índio, que ainda é quem está levando minha mala, a deixa no chão e a abre. Estamos de pé no meio de uma rua larga completamente destruída.

Todos me olham como se eu estivesse a poucos segundos da morte. Robin é o único que está feliz, farejando as pilhas de concreto e corpos. Por um momento, eu me ocupo me preocupando com Índio achando os macacões que têm na minha mala, e aí acabar me perguntando porque não emprestei para eles ou usei um, mas ele só pega a água, fecha a mala e entrega a garrafa para o Doutor me entregar.

Eu pego a água e o comprimido, depois o engulo com um gole muito pequeno.

— Vamos ter que achar um lugar para você dormir, Cheetos — diz o Doutor. É a primeira vez que o vejo meio triste. — Se nos apressarmos, podemos te matar. Você precisa descansar.

Silêncio. Eu olho para você, que está bem do meu lado. Me sinto mal por atrasar essas pessoas e por dar tanto trabalho. Eu me pergunto se elas estão arrependidas por terem escolhido me ajudar, mas Amora diz:

— E se vocês se abrigassem e a gente fosse buscar o que você precisa?

Podemos ir e voltar em um dia, sem descanso.

O Doutor olha para ela com uma cara muito preocupada.

— Nós sabemos nos cuidar — diz Índio, parecendo se animar. — O

Cheetos pode ir descansando.

— Eu não quero incomodar — eu digo, baixo demais.

— Sua morte vai nos incomodar — vocifera Amora, ficando brava. —

Não seja o herói. No mínimo, não seja um idiota. O Doutor fica com você e nós podemos ir.

— Vou ficar com você também — diz a Vênus, se aproximando. —

Vai precisar de alguém para poder conversar.

— E você é a melhor escolha? — brincou Índio.

— A gente tem se dado bem, até — eu a defendo.

— Certo — diz Amora, impaciente. Está batendo o pé e olhando para o Doutor. — Podemos? É o melhor a se fazer.

Lentamente, o Doutor faz que sim com a cabeça.

— Sim... sim, é verdade — sua fala sai arrastada e meio morta. Parece estar sem esperança alguma. Meu coração acelera. Acho que a ficha pode estar caindo. O Doutor estava agindo indiferente antes, como se pudéssemos resolver e acho que por isso não estava muito preocupado, mas agora ele parece de certa forma desolado. Se o médico está completamente perdido, eu estou completamente perdido.

E a partir disso as coisas começam a acontecer muito, muito devagar.

Não estou ouvindo mais ninguém, mas sei que estão começando a separar suas coisas nas bolsas e mochilas para que possamos tomar caminhos diferentes. Eu olho para Amora, Atchim, Índio e Robin, pensando que posso nunca mais vê-los. Me sinto desesperado, mas não consigo dizer nada para eles. Eles se aproximam, me dão abraços, sacodem meus ombros e me dizem que vou ficar bem, que vão chegar antes que eu perceba. Olhe para mim e me diga o que estou fazendo, porque eu mesmo não sei.

Você diz que estou sorrindo de um modo quase assustador e robótico, que meus olhos parecem vazios e que eu digo “vejo vocês daqui a pouco”.

Diz que Atchim, Amora e Índio parecem tristes e assustados. Que Amora está tentando ao máximo disfarçar o choro. Que eu pareço prestes a chorar também, mas juro para você aqui que não estou lutando contra nada, que as lágrimas rolariam se realmente quisessem. A última vez em que chorei foi a última vez que eu vi os meus pais. Estou pensando neles agora.

O motivo de eu não ter falado quase nada dos meus pais é que eles são... Bem, idiotas. Eu passei a infância inteira com um pai ausente, que aparecia três vezes na semana em casa, e somente lá para as uma da manhã.

Eu costumava ficar muito feliz quando ele chegava, corria para a porta para dizer oi, mesmo até os quinze anos. Eu lhe fazia perguntas porque queria saber sua opinião sobre as coisas, queria que ele conversasse comigo, mas ele só me dava respostas curtas e cortava o assunto.

Se eu insistisse, ele diria que eu estava sendo irritante e perguntava se tinha algo de errado comigo. Eu via minha mãe chorar e às vezes eles brigavam até três da manhã.

Houve uma vez, eu tinha oito anos, que minha mãe, chorando, me

chamou no quarto dela segurando um travesseiro cheio de fios de cabelo, e disse: “não fica triste, Bernardo, mas acho que o seu pai está com alguém”.

Não lembro o que eu disse ou fiz. Quando eu tinha catorze anos, percebi a minha mãe ligando para um monte de gente, até sair de casa e me deixar sozinho com meu irmão dizendo “seu pai está numa boate, vou pegar ele” e

voltar três horas depois com o meu pai sem conseguir olhar para mim ou para o meu irmão. Depois ouço minha mãe gritando no quarto e pela primeira vez meu pai está no mais completo silêncio. Para resumir para você, meu pai traía muito. Já teve namoradas e é por isso que quase nunca voltava para casa.

Apesar dos episódios anteriores, foi uma surpresa para mim quando nos contaram, juntos. Eu gostava de ser burro e cego nessa questão e seguia com a minha vida, criando problemas psicológicos sem perceber. O choque maior ainda foi quando eu soube que a minha mãe também traía muito e tinha muitos namorados, mas porque meu pai fazia aquilo desde o primeiro ano de casado e queria se vingar. Não que isso justifique alguma coisa. E quando meu pai descobriu que minha mãe tinha uma longa ficha criminal, ele enlouqueceu. Entrou em depressão, segundo ele, chorou como um louco. Mas mesmo assim eles resolveram se perdoar e tentar ficar juntos de verdade. Nós mudamos de casa e começamos a almoçar juntos nos domingos. Rá.

Eu passei meus últimos dois anos antes da guerra a começar tendo que ser o pai do meu irmão, porque meus pais estavam muito ocupados um com o outro. Eles brigavam muito, e, quando não brigavam, estavam em uma viagem para reatar. Meu irmão e eu não falávamos com o meu pai, não porque o culpávamos por destruir a família, mas porque ele era muito bruto e não tinha nenhum amor para dar. Apesar disso, ele queria que a gente o engolissem e o amassem. Me lembro de uma vez em que minha mãe e meu pai tentaram terminar e ele até mesmo se mudou para um apartamento. Foi ótimo, mas aquilo só durou um mês. Em uma manhã, eu e o Diego acordamos com um barulho muito alto, de coisas quebrando e alguém gritando. Quando nós descemos, nossos pais estavam brigando na área, debaixo de todas as roupas que estavam secando e do lado da máquina de lavar. Meu pai estava gritando e havia acabado de jogar o celular da minha mãe no chão. Mande o Diego ficar na cozinha enquanto eu ia até lá.

— O que está acontecendo?! — Eu interrompi os dois e quase pisei no celular quebrado, com alguns pedacinhos dele em volta. Àquele ponto, eu já havia aprendido a usar um tom totalitário e falar com os dois como se fossem crianças.

— Entra, Bernardo — gritou o meu pai, de volta.

— Pai, você não mora mais aqui — eu disse para ele.

E aí meu pai começou a gritar sobre minha mãe ter beijado um cara, o único cara que ele pediu para ela não beijar. Eu fiquei calado, mas fiquei pensando na diferença que aquilo fazia, se eles estavam separados. Depois disso eu não consegui dizer mais nada, porque eles voltaram a gritar um com o outro. Então eu decidi voltar e ficar com o Diego, que estava chorando. É

claro que dali dava para ouvir tudo perfeitamente. Eu não chorei porque queria estar ali para o meu irmão, então fiquei ouvindo meu pai chamar minha mãe de vagabunda e minha mãe chorando. Depois eles entraram na cozinha e começaram a culpar um ao outro para nós, tipo:

— Sua mãe já beijou o Saul! — Saul era um amigo do meu pai. Não resisti e disse, calmamente:

— Pai, você já transou com duas pessoas da família da minha mãe.

E aí a minha mãe gritou:

— Ele já transou com um traveco também!

Meu pai, que tinha todos os preconceitos que você pode imaginar como se fosse alguém da Idade Média, disse de volta:

— Ela deixava vocês sozinhos na sexta-feira para dar pros outros!

Realmente, toda sexta-feira minha mãe me deixava com o Diego em casa para “fazer um trabalho da faculdade”. No dia seguinte, ela nos dava alguma recompensa. Nunca me ocorreu que era porque ela estava se sentindo culpada, mas então eu pensei que o meu pai nos deixou sozinhos por toda a vida.

A coisa engraçada mesmo é que, enquanto arrumava as malas para sair de casa um mês antes, meu pai disse que tinha começado a trair porque achava que um dia ia simplesmente parar, voltar para casa e minha mãe ainda estaria ali pra ele. Eu fiquei calado, observando-o fazer as malas, enquanto ele dizia que minha mãe era muito pior porque traía por vingança. Eu fiquei louco de raiva, e achava que, se falasse alguma coisa, ia perder o controle e tentar enforcá-lo. Não que eu fosse forte o suficiente, mas eu definitivamente gostaria de vê-lo sofrer um pouco por conta própria ao invés de colocar a culpa nos outros pelas suas próprias desgraças.

E depois de eles nos contarem cada uma das traições, meu pai foi embora e minha mãe ficou chorando conosco na cozinha. Digo, ela e o

Diego. Eu fiquei olhando e só consegui sentir raiva. Ela faltou no trabalho naquele dia. À noite, meu pai voltou com um pastor e, sem contar para nós, sem nos avisar e nem nada, voltou para casa, mesmo que tivesse chamado minha mãe de vagabunda e quebrado o celular dela. E uma semana mais tarde ele brigou comigo e com o Diego por não olharmos na cara dele e não sermos gratos.

O fato é que isso continuou mesmo depois da guerra. Meus pais ficavam brigando e se separando, meu pai acusando minha mãe de dormir com um dos caras da comunidade em que vivíamos. Era uma comunidade perto de onde morávamos, em um prédio antigo, e era muito lotada. Aí um dia, no meio da

noite, enquanto todos dormiam, o Diego me acordou e disse que queria ir embora. Eu disse, meio sonolento, que ele tinha que dizer aquilo para os nossos pais, e ele respondeu:

— Só eu e você.

Aquilo me acordou na hora. Era como se fosse três da tarde, de repente.

Eu olhei para ele e não pensei em recusar.

— O que foi? — perguntei.

— Estou cansado — a voz dele falhou e eu percebi que ele estava chorando.

— Ouvi o papai ameaçar a mamãe de morte.

Não era a primeira vez.

— Para onde você quer ir? — eu comecei a me sentar. Estava dormindo debaixo de um lençol muito fino, sem cobertor ou travesseiro.

Meus pais estavam dormindo logo ao lado.

— Vamos procurar a Mariana, que nem você me disse que queria fazer.

Eu sempre quis achar a Mariana, mas não podia deixar a minha família, e a minha família de verdade era só o Diego. Se ele queria ir, eu iria. Nos levantamos e roubamos algumas coisas do estoque da comunidade. Nem todo mundo estava dormindo, mas os que estavam nem olharam para nós. Tinha tanta gente que muitos saíam e entravam a todo momento. Nós enchemos uma mala de salgadinhos, água, panos para tampar a boca e luvas de dentista.

Já tínhamos algumas roupas e Diego tinha um boneco de ação do Peter Quill de Guardiões da Galáxia. E então nós saímos, não olhamos mais para trás. E

enquanto a gente caminhava para longe daquela comunidade lotada e dos nossos pais, eu comecei a chorar. Pelo meu irmão, que aos 14 anos já estava tão machucado que queria se afastar, e por mim, pelo mais completo alívio.

Tinha acabado e eu não tinha mais que ouvir os dois.

Você não sabe o quão melhor eu posso respirar agora que te contei isso.

A Mariana acompanhou esse caos de perto, menos a parte da guerra, e já contei para alguns psicólogos, mas você... Parece que você era a pessoa certa.

Eu dou um sorriso e parece que finalmente estou chorando. Acho que é de alívio de novo.

— Cheetos? — Vênus me chama. Parece que eu comecei a chorar há alguns minutos e eles me deixaram quieto. — É melhor a gente ir agora.

— Ok — eu respondo. Me levanto e seco o meu rosto.

— Nós vamos para Paulista agora — diz ela. Parece estar tentando me animar e, realmente, isso chama um pouco o meu interesse. — Tem um prédio residencial lá que é seguro.

Quero ver como a Paulista está hoje em dia, mas não digo nada porque perdi a vontade. Vou morrer e não vou poder pedir perdão aos meus pais por fugir e levar o segundo filho deles comigo. Vou morrer e não vou poder me despedir da Mariana. O único lado bom é que talvez haja uma chance de que eu encontre meus amigos que já se foram. Penso em como a Fernanda vai agir quando me ver, provavelmente sorrir e dizer: “finalmente”. Há uma parte de mim que estou tentando abafar que quer que a Mariana já esteja morta para que eu a veja também. Ela diria: “opa, quase te confundi com Jesus”.

Enquanto eu vou seguindo a Vênus e o Doutor, vou imaginando a primeira coisa que cada um dos meus amigos diria quando eu os visse.

6.1 mariana

São Paulo, 9 de maio. 7h22min.

Houve uma troca de tiros na Liberdade.

Caso você não conheça a Liberdade, é um bairro japonês muito famoso aqui em São Paulo. Tem luzes japonesas em postes vermelhos, restaurantes japoneses, uma bandeira japonesa do lado da do Brasil, várias lojas que vendem coisas diferentes, etc., etc., etc. Foi aqui que eu vim com o Gustavo quando ele quis me comprar uma camiseta do Kingdom Hearts. Estou passando em frente ao Jardim Oriental neste exato momento, onde eu alimentei uns peixinhos que não devia com a minha tia. Depois do último

episódio no Parque da Luz, eu não quero nem entrar. É difícil pensar na minha tia e em como ela morreu quando foi sair para pegar comida para gente. Você já se sentiu solitário quando não tem literalmente ninguém perto de você? Quando você não tem um telefone por perto, ou um parente do outro lado da sala? É horrível. É ainda mais forte. Eu fico ainda mais maluca.

Você fica ainda mais real e eu consigo ouvir a risada da minha tia pelos portões vermelhos.

Fecho os olhos com força, sem parar de andar.

— Isso é ridículo — eu falo, em voz alta.

Continuando, agora há tanques gigantescos parados eternamente no meio da rua, barricadas e muitos, muitos corpos. Há corpos de gente vestida de militar, há corpos de crianças, corpos de idosos, blá, blá, blá. Devem ter atacado em um final de semana bem cheio para ter tanta gente assim. Ao longe, tem até mesmo um helicóptero aos pedaços. O engraçado é que eu não vejo nenhuma

arma, devem ter passado por aqui e pegado todas. Mesmo assim, fico atenta. Armas nunca são demais.

Nós vamos precisar atravessar esse mar de corpos, mas estamos perto do nosso destino agora. Vou falando enquanto isso. A esse ponto, você já deve ter se acostumado com o som abafado da minha voz pela bandana. É

claro que sim.

— Eu sei que eu mal falo da minha tia para você — eu resisto olhar para o Jardim Oriental mais uma vez. Tenho medo que você se transforme nela e eu fique presa em outra memória. — Mas ela é como o Gustavo para mim. Ela é muito, muito boa. Tipo... Ela salvou a minha vida.

Não literalmente, porém chegou bem perto. Só que não importa quão boa você seja, você ainda assim pode acabar morta por uma arma biológica enquanto vai buscar comida para a sua família.

Mas por mais que eu evite falar sobre ela para que eu não pare e chore e comece a arrancar os meus próprios fios de cabelo, tem uma coisa que eu não posso deixar acontecer: não posso deixar a memória dela morrer assim.

Você provavelmente já se perguntou porque eu fui criada pela minha tia, e não pela minha mãe. E já se perguntou, há poucos segundos, como diabos ela salvou a minha vida. Bom, querido amigo imaginário, por mais que você esteja na minha mente, tem muita coisa que eu não te permito ver. Não posso jogar toda a tragédia assim para cima de você, porque avalanches matam. E, na real, eu estive me preparando bastante para te contar sobre isso. Você tem que entender, eu amo muito a minha tia. No presente. No futuro. E às vezes acho que não o suficiente no passado.

Quem quer que tenha te criado, por mais que essa pessoa te faça passar raiva, como você não poderia pensar nas coisas que já fez por você e não ficar todo mole? Agora imagine essa pessoa morta enquanto se arrisca para te ajudar.

Eu solto uma risada amargurada. Que merda. Sério.

Como ela acabou morta e eu continuo viva? Que justiça. Parabéns aos envolvidos.

O caso, amigo imaginário, é que tudo começou no Natal de sei lá que ano que eu não vou fazer conta nenhuma agora, quando eu tinha doze anos.

Eu ainda morava com os meus pais, e nós: a minha tia que me criou, Magali, o marido dela Roberto e o meu primo Mateus viajamos até São Bernardo, que era onde a minha outra tia Patrícia morava, a mãe do Gustavo. O Gustavo ainda estava vivo e o irmãozinho dele, Lucas, ainda não tinha nascido. Então os pais dele ainda estavam juntos. Sei que é muito confuso, mas, como os

professores mandam, é só ler muitas vezes que uma hora você pega. O caso é que lá fomos nós em uma viagem bem exaustiva para São Bernardo. Eu fui no carro da tia Magali porque o Mateus tinha um PSP novo e eu queria muito jogar, e porque não queria ficar todas aquelas horas em silêncio com os meus pais. Ah, bem, isso não é importante.

O caso mesmo é a grande véspera do Natal, quando estávamos todos reunidos, arrumados e tal na casa nova da tia Patrícia, que para mim era só a casa nova do Gustavo, porque a mãe dele era muito, muito chata e o pai dele não cheirava e nem fedia. Era por isso que estávamos passando o Natal em São Bernardo: a bendita casa nova da Patrícia. Enfim, eu não estava presente na cena que estou prestes a contar a você, então vou só dizer o que eu acho que aconteceu.

Dez minutos depois da meia noite, estavam todos reunidos na mesa de jantar nova da Patrícia para comer a ceia. Todo mundo já desejou as devidas boas festas, tudo de bom e todas essas coisas que a gente também deseja no aniversário, tudo pronto para comer, quando então a tia Magali olhou em volta e perguntou:

— Onde estão a Mariana e o Timóteo? — sendo Timóteo o nome do meu pai.

As pessoas olharam ao redor e estranharam o porque. Afinal, me abraçaram há poucos minutos, e então a Patrícia disse:

— Eu vi eles subindo as escadas. Acho que quiseram ver os quartos.

Porque tudo o que me importa mesmo, quando finalmente é Natal, é ver os quartos novos dela. Realmente. Enfim, aí o Raul, que era o pai do Gustavo (o mesmo nome do cara da comunidade, eu percebo agora), gritou:

— Timóteo! Ceia!

Mas ele não obteve resposta.

Era uma casa grande, sabe, então ninguém estranhou. E aí as pessoas se entreolharam, enquanto o Raul e o Roberto ficaram gritando, esperando que a gente ouvisse. Eu imagino o Gustavo sentindo algo bem ruim se aproximando, sabendo que a resposta pra “onde eles estão?” não era nada boa, mas em total silêncio. Minutos antes da virada para o Natal nós estávamos jogando videogame no quarto dele, eu, ele e o Mateus, e agora eu não estava mais ali. Ah, bem.

Aí depois de um tempo a tia Magali ficou tão de saco cheio que se levantou e disse:

— Eu vou lá.

Todo mundo ficou encarando toda a comida na mesa em silêncio, observando-a esfriar por nossa causa. A tia Magali subiu as escadas impaciente, ela que sempre gostou muito de comida e principalmente do Natal, então ela suspirava e subia as escadas como uma criança que foi colocada de castigo.

Como se ela soubesse, ela não disse nada enquanto andava pelos corredores. Ela não falou os nossos nomes, ou qualquer outra coisa assim. Ao invés disso, ela chegou na porta do quarto dos meus tios, que estava fechada, e ouviu o barulho. Ela pensou “não é possível”. Disse a si mesma “não pode ser isso”. E, mais esperta do que o resto dos adultos que eu já conheci, ela não bateu na porta. Ela não nos chamou. Ao invés disso, girou a maçaneta em silêncio e olhou para dentro, e era exatamente o que ela estava pensando. É

exatamente o que você está pensando.

E enquanto o meu pai fazia aquilo, ele ia me dizendo “feliz Natal, Mari, feliz Natal”. Ele tampava minha boca e as minhas lágrimas rolavam pela mão dele.

Desculpe. Entrei em muitos detalhes?

A coisa é que a minha tia deu um berro e meu pai parou na hora. Mas ela não parou. Foi gritando para ele “meu Deus! A sua própria filha!

Mariana! Mariana!” e enquanto meu pai estava subindo as calças dele, minha tia se aproximou, levantou a minha calcinha e abaixou a saia do meu vestido.

Ela me abraçou e eu comecei a chorar ainda mais, porque por mais que o que o meu pai estivesse fazendo comigo doesse e me confundisse, eu não fazia ideia do que era. Sei que a maioria das crianças com doze anos sabia, e muita gente beijava e até transava nessa idade, mas eu juro para você que sempre que ouvia falar em sexo, para mim era algo totalmente diferente do que o meu pai estava fazendo comigo. Porque todo mundo queria e diziam que era muito bom e eu só pensava “então não é isso”.

E aí, é claro, todo mundo da família subiu e, enquanto a minha tia, sempre agarrada a mim, gritava o que o meu pai estava fazendo, cada um teve uma reação diferente.

O Raul e Roberto bateram no meu pai. Muitos socos, que me deixaram ainda mais assustada. A Patrícia xingou muito, arrancando os lençóis da cama dela e tirando o colchão para lavar. Minha mãe saiu correndo para o banheiro e se trancou lá, ninguém foi atrás. O Mateus ficou parado olhando ora para a porradaria, ora para mim, e o Gustavo veio para o meu lado também e começou a me fazer um monte de perguntas. Eu estava bem? Há quanto tempo aquilo acontecia? Ele nem sempre sabia o certo a fazer, porque eu só

queria que todo mundo ficasse quieto e me deixasse em paz.

Além de tudo, queria que me explicassem.

Mas o que aconteceu a seguir foi que a minha tia pegou o carro e aí eu, ela, o Roberto e o Mateus voltamos para São Paulo na mesma hora. As horas passaram voando para mim, e até mesmo os dias seguintes. Eu fiquei uma semana na casa da minha tia, sem saber muito bem o que ia acontecer. Levei anos para saber o que estava acontecendo naquela semana, mas foi mais ou menos isso: todo mundo da minha família foi contra a minha mãe quando ela disse que não ia se divorciar do meu pai, e foi aí que a minha tia começou com a história de lutar pela minha guarda. Ela passou a semana convencendo todo mundo a testemunhar.

Depois disso eu voltei para a casa dos meus pais. Levou tipo uns três meses para a minha tia conseguir, mas nesses três meses nem a minha mãe e nem o meu pai falavam ou tocavam em mim direito. A minha tia estava sempre lá em casa, e se não ela, o Gustavo ou o Roberto, só para garantir que ninguém ia fazer nada. Isso até o dia de eu me mudar para a casa dela. O

engraçado é que meus pais não se opuseram, eles aguentaram em silêncio exatamente como alguém sentenciado em um tribunal. Não discuta, se não vai conseguir algo pior.

Suspiro. Fim da história.

Eu sei que você pensa que é por isso que, lá na comunidade da Larissa, eu não gostava de ser tocada, mas não é. Por mais que os meus psicólogos costumassem dizer o contrário, o que o meu pai fez comigo não foi o maior trauma. O maior trauma foi ele nem sequer pedir desculpas, não dizer mais nenhuma palavra e me deixar ser levada daquela forma. Tipo, não que eu não seja grata à tia Magali. Sou aliás grata a todo mundo que testemunhou para que ela conseguisse a guarda, até a Patrícia, mas ele só ficou em silêncio.

Nem mesmo no fim do mundo veio falar comigo, coisa que até a minha mãe veio fazer.

Não. O motivo de eu não gostar de ser tocada é outro. É bem pior.

Espera aí.

Olha só para esse lugar. Eu olho para você de olhos arregalados. Olha só para esse lugar.

Sim, tem bastante corpo morto por aqui. Mas você está ouvindo isso? É

o som de moscas furiosas. Olhe para os corpos. Estão abertos e mutilados e pela metade, tecnicamente. Tiros não fazem isso. Tem bastante mosca por aí sim, mas não nesse número enorme. Olha. Olha só!

Vou te contar uma coisa. Preste atenção. Canibais existem. Agora que mal temos animais ou sei lá onde eles se enfiaram, estão em número ainda maior. Os canibais, eu digo. E tem uma coisa sobre gente que virou canibal: eles aprenderam a apreciar a carne humana. E não tem nada como carne humana fresca. Sabe onde tem carne humana fresca? Eu bato na minha coxa.

Bem aqui.

Sabe onde mais?

Eu me viro e mostro o dedo do meio da mão que não está segurando a arma para o alto, para quem quer que esteja vendo. Aqui também, ó.

Ninguém vai foder com a minha jornada agora que estou tão perto.

Então eu me viro de volta e começo a correr. Temos que sair daqui logo. Agora estou pisando em corpos, tentando manter o passo firme para não escorregar e dar de cara com vísceras e moscas, o que um dia foi a Liberdade correndo por mim, até mesmo torcendo para mim. Esse lugar pelo qual eu já passei tantas vezes com tantas pessoas que eu amava, torcendo para que eu fique viva. Que pelo menos eu fique viva.

Mas sabe, eu nem acho que eu vá ser atacada ou coisa do tipo. Me sinto tão tranquila que estou falando com você enquanto corro. O que a Larissa disse ficou na minha cabeça: eu só presenciei coisas ruins e por isso eu acho que só tem isso mundo afora, mas não é verdade. Eu só tive uma pitada de azar pelo caminho. É verdade que eu sou meio pessimista e eu ainda não encontrei uma cura para isso. Eu não sou realista. Eu sou pessimista. Eu odeio gente que responde essa coisa de ser realista, porque sempre soube que eu só via o lado ruim das coisas. Gente pseudo-realista é a pior gente do mundo.

Desculpe se você é um...

Algo me derruba e eu caio de cara em um braço em decomposição. O

gosto entra na minha boca e eu faço uma careta, principalmente pela dor. O peso em cima de mim me pressiona tanto e o calor é inconfundível. Um humano.

Eu faço o que eu posso para girar o corpo e tirar a pessoa de cima de mim, mas ela é bem mais pesada e forte do que eu. Nós dois gritamos e arfamos. É claro, sendo um canibal ele consegue bem mais proteína que eu jamais conseguiria. Para extravasar eu grito e me contorço e remexo como uma louca, a boa notícia é: eu ainda estou com a arma na minha mão. Acho que fiquei tão assustada que recorri a ela e me agarrei ainda mais. A outra boa notícia: consigo dobrar o braço. Então enquanto o homem grita em cima de

mim dizendo algo em inglês que eu entendo sendo como “Peguei! Peguei!”, eu aponto para cima do meu ombro e atiro.

O som estoura o meu ouvido esquerdo, e a partir daí tudo o que posso ouvir é o zumbido que toma a minha mente e tudo em volta se torna uma trilha sonora distante, abafada e distorcida. Acho que solto um grito. Você, agora, deve ouvir por mim.

Foi um ato de desespero, mas o homem nem tem tempo de gritar. O

corpo para de me pressionar contra o chão e, com esforço, eu o tiro de cima de mim.

Eu nem tenho tempo de ver o corpo que acabei de matar. Estou ocupada olhando para os outros três que se aproximam: duas mulheres e um homem. O caso é que uma delas corre até mim, mas para e se ajoelha perto do homem que acabou de morrer. Ela diz:

— David! — e vai dizendo outras coisas em inglês enquanto chora.

A outra mulher avança contra mim, correndo e berrando, e o meu instinto é atirar. Eu erro. Começo a correr, mas a pouco atrás de mim, bem perto. Sei que ela vai me derrubar de novo e pegar minha arma e me matar, então eu me viro e acontece que ela já está perto demais.

Ela agarra as minhas mãos para tirar a arma delas e eu seguro a arma com mais força, dando mais dois disparos. Se é sem querer ou de propósito, não sei muito bem. Ela tem o cuidado de manter o rosto afastado, mas o primeiro disparo a assusta e ela avança. O segundo vai para o seu queixo, de baixo para cima, e ela morre.

Gente, como o ser humano é frágil. Chega a ser uma piada a facilidade com a qual podemos ser mortos.

Eu olho para o outro homem, que também estava correndo na minha direção, mas aí o corpo da outra mulher caiu e ele para, em choque. Percebo seus olhos assustados a outra mulher chorando um pouco mais além. Vejo tudo isso e me viro, começando a correr porque preciso muito sair. Vou pulando por cima dos corpos, algumas moscas batendo na minha cara, segurando bem a arma contra o meu corpo. Acho que estou chorando, mas não posso perguntar para você porque você também está correndo assustado ao meu lado.

Pelo tempo que eu corro, nada passa pela minha cabeça. Não sinto mais nada. Tudo é automático, e eu só reajo. to mais nada. Tudo é automático e eu só reajo.

Eu paro pelo mais simples cansaço. Minha respiração está tão falha que eu

não pude deixar de perceber. Olho ao redor e percebo que já saímos da Liberdade há muito tempo. Não sei onde estamos, exatamente, mas acho que já estive aqui antes, quando eu fui ver Ian Somerhalder em um hotel com uma amiga e nós viemos andando da Paulista. Eu me viro e entro em uma loja.

Acho que também houve um tiroteio aqui, embora tenha muito menos mortos. A loja parece intacta, tirando o tanto de poeira que tem aqui. É uma daquelas lojas de eletrônicos fajutos, cheio de MP3 de dez reais e fones de ouvido que quebram em dois dias, mas que custavam tipo uns cinco reais.

Eu entro, pulo o balcão e me sento no chão. Levanto os joelhos e abraço minhas pernas.

Não consigo pensar.

Não sei se você ainda está aí.

Não sei o que acabou de acontecer.

Vou correndo e me perguntando se sou monstro ou humano. Monstro ou humano, monstro ou humano, monstro ou humano. Sei que sou capaz de coisas terríveis e sei que as fiz, mas também sei que posso ser a pessoa mais sentimental do planeta. Posso ser boa e posso amar e posso sentir dor e isso me faz humana, certo? Fico pensando no meu pai e na sua vergonha que era tão grande que não conseguia mais olhar para mim ou falar comigo. Vou juntando as peças e aprendo algo inédito enquanto você está comigo.

Todos os monstros são humanos.

Faz sentido, não é? Você precisa sentir para ser um monstro. Precisa ser movido por alguma coisa. Fui movida por medo, e ser humana me tornou um monstro. Não é aquela história? Vai ver Hitler só precisava de um abraço?

Estou rindo. Rindo e correndo. Pensando em todos os monstros que conheci na vida e como as coisas seriam se eu tivesse os tratado como humanos.

Como seria se as pessoas tivessem me tratado como humana todas as vezes em que tive um ataque e as machuquei para afastá-las.

Nossa, muita coisa faz sentido agora.

6.2 BERNARDO

???????, ??????, ????????

O dia em que eu conheci a Mariana é uma boa história.

Ela tinha quinze anos e eu, dezesseis. Era uma festa de um amigo meu, o Michael. Eu não havia o conhecido na escola, que é como todo mundo geralmente faz amizade nessa idade. Tínhamos virado amigos quando eu fui

visitar meu pai no trabalho e ele é o filho do chefe de cirurgia do hospital, com o qual meu pai estava tendo uma reunião, então eu estava esperando por ele no corredor. Até que o Michael se aproximou e disse que tinha um coração sendo mantido vivo em uma caixa de vidro na outra sala e perguntou se eu queria ver. Eu disse sim. É muito difícil ver um coração batendo em uma caixa de vidro com alguém e não criar um grande vínculo.

O cenário da festa era assim: a casa dele era enorme, embora não chegasse a ser uma mansão. Era uma noite fria, mas nem dava para perceber

dali. Tinha tanta gente que estava abafado e alguém havia inventado de encher todo o andar de baixo com gelo seco. Tinha ainda mais gente do lado de fora, na área da piscina.

Havia música alta, luzes coloridas que piscavam e te deixavam tonto, gente pulando, se beijando, bebendo. Eu mesmo estava sentado no bar, mas virado para a festa. Eu nunca gostei de coisas que tirassem a minha consciência.

Fumar, beber, anestesia geral... Essas coisas me deixavam apavorado. Ficar no meio das pessoas e dançar estava provocando a minha asma, então eu estava respirando pela boca, a única pessoa a ouvir o chiado baixo que tinha no meu pulmão, olhando para todo mundo e tentando achar os pontos em comum daqueles que pareciam realmente felizes para que eu pudesse juntar as peças e ser feliz eu mesmo.

Aí uma garota se jogou na bancada do bar ao meu lado e bateu o ombro no meu braço. Ela estava encharcada da cabeça aos pés, vestindo shorts, tênis e uma camiseta larga. Pelo visto, foi jogada na piscina, mas não parecia se importar nadinha. Estava claramente bêbada. Era tão bonita que o bartender que Michael havia contratado ignorou todos os outros que tentavam chamar sua atenção e olhou diretamente para ela. Ela abriu um grande sorriso e pediu uma caipirinha. Eu fazia uma grande força para não olhar para ela, porque por algum motivo parecia impróprio, mas aí ela olhou para mim e disse:

— Ei, você é o Bernardo!

Eu olhei de volta, meio surpreso.

— Você me conhece?

Ela negou com a cabeça freneticamente, quase como se estivesse dançando com a música de repente.

— Não, mas o Michael me falou de você quando eu cheguei. Ele acha que a gente pode se dar bem.

Ela era bonita, conseguia a atenção de qualquer um e estava aproveitando essa festa de um modo que eu nunca conseguiria. Não consegui ligar os pontos.

Achei que talvez Michael estivesse apenas tentando me arranjar alguém para poder beijar e não parecer um idiota, já que eu só conhecia ele e ele não podia se preocupar comigo o tempo inteiro.

A caipirinha dela chegou, e ela agradeceu e bebeu um pouco pelo curto canudo preto, sem tirar os olhos de mim. Não parava de sorrir, como se tentasse me convencer de alguma coisa, como uma vendedora. Pensei comigo que Michael não podia ter me arranjado alguém pior. Ela era uma daquelas garotas que são meio escandalosas e ciumentas e tiram fotos com a bunda empinada para colocar como capa no Facebook.

— Porque ele achou isso? — perguntei, tentando não fazer nenhuma careta.

— Ele disse que nós somos do mesmo tipo de esquisito.

Fiquei me perguntando que tipo de pessoa Michael achou que eu era quando aceitei ver o coração com ele. Ele faria melhor se tivesse tentado me acertar com Hannibal Lecter.

— Ah — foi a única coisa em que consegui pensar.

— Você não bebe? — ela perguntou. Eu fiz que não com a cabeça e, me forçando a ser legal, fiz com um ar de quem pede desculpas. — Sei. Você tem medo de perder o controle, ser como as outras pessoas e tal. Realmente tem muita gente que cai desse precipício. Mas eu gosto de ficar sentada ali, com as pernas no ar como se eu fosse cair a qualquer momento.

Apesar do bafo de bebida, eu me perguntei se ela estava mesmo bêbada. Talvez só estivesse feliz por estar ali. Teve uma coisa que me disse que me chamou muito a atenção: medo de ser como as outras pessoas. Medo de ser um tipo de cara. Eu nunca havia pensado naquilo, mas soube na hora que era aquilo que eu tinha. Eu disse:

— Sei, adrenalina.

Ela sorriu.

— Exato, adrenalina. E dançar, você dança?

Nessa hora eu estava um pouquinho mais interessado.

— Não assim, eu tenho asma.

Ela balançou a cabeça.

— Você não bebe, você não dança. Tem asma, então não deve fumar.

O que veio fazer aqui, então?

— Vim pelo Michael, eu acho — respondi, de pronto. — Ele sempre me

pareceu sozinho.

Ela riu de novo, e olhou para algum lugar além do meu ombro. Eu acompanhei seu olhar e me virei, dando com Michael em um canto ficando com duas garotas ao mesmo tempo. Eu me virei de volta na hora, achando que estava vendo algo que não deveria, mas ela disse:

— Ele sempre me pareceu muito sozinho também, e gente sozinha é muito esperta. Foi por isso que confiei no julgamento dele de que a gente se daria bem — ela afastou o canudo da sua boca e colocou perto da minha. —

Quer se sentar comigo no precipício?

Pensei que um gole não faria mal algum e aceitei. Eu já havia bebido antes só para experimentar, mas mesmo assim eu fui surpreendido pelo gosto.

Não era ruim, mas era muito forte. Ela reagiu à minha careta com um riso, se aproximou do meu ouvido e sussurrou:

— Essa é a pior caipirinha que eu já tomei.

Acho que ela fez isso porque o bartender ainda estava de olho nela e se mantinha por perto, a gente tinha que gritar para dizer alguma coisa e ela não queria ferir seus sentimentos. Ela foi me ganhando aos poucos. É por isso que quando me perguntou se eu queria me juntar aos seus amigos eu disse sim, e fui levado para uma mesa redonda ao lado da piscina onde estavam todos molhados dos pés à cabeça, dando risada e bebendo. No caminho, ela me disse:

— Meu nome é Mariana.

— Bernardo — eu disse de volta.

Ela se aproximou e me apresentou para todo mundo. Percebi que julguei muito mal a Mariana, só porque ela estava bebendo e se divertindo de um modo que eu não tinha coragem para fazer. Percebi que eu era um idiota por não estar aproveitando e ela era muito mais esperta do que eu. Os amigos dela me receberam com gritos e brindes, todos encharcados como a Mariana, e a Fernanda Galvão estava lá. Ela e eu éramos amigos desde que estudávamos na mesma escola quando pequenos, mas havíamos perdido o contato há um ano. Nós nos entreolhamos e acenamos um para o outro em silêncio. Depois de nos sentarmos, os outros voltaram ao que estavam fazendo: imitações de filmes clássicos. Nós havíamos interrompido Fernanda de uma imitação perfeita da personagem principal de *Patricinhas de Beverly Hills*. Eu nunca vi esse filme e por isso não estava entendendo nada, mas a Mariana se voltou para mim e nós voltamos a conversar. Ela disse:

— Então esse é o seu medo? Ser que nem todo mundo?

Eu dei um sorriso, porque me senti muito mais confortável.

— Um deles.

— Não vou te contar o meu maior medo — disse ela, devolvendo o sorriso.

— Mas posso dizer um deles em troca, já que descobri um seu.

Tenho medo de matar alguém de tédio.

— Impossível — alguém acabou nos ouvindo e assim passamos um bom tempo discutindo medos superficiais. Depois, alguém observou que eu

era o único que não estava molhado no grupo e fui jogado na piscina. Todo mundo se jogou de novo, só para ficarmos encharcados da mesma forma.

Mas o tempo inteiro aquela garota se mantinha próxima e, mesmo quando acabávamos nos separando para conversar com outro alguém do grupo, quando voltávamos nós dizíamos um fato pessoal um para o outro.

— Eu amo bebês, mas não quero ter um — disse ela.

— Eu odeio tomate — eu disse de volta, e aí sempre dávamos um jeito de continuar o assunto até sermos interrompidos de novo.

— John Green é um dos melhores escritores do tempo moderno e não é justo ele ser odiado só porque escreveu um livro que conquistou todo mundo

— disse ela.

— Esse não é um fato sobre você, Mariana — eu sorri.

— Eu acho que John Green é um dos melhores escritores do tempo moderno e não é justo ele ser odiado só porque escreveu um livro que conquistou todo mundo.

— Eu adoro o John Green — eu disse de volta.

— Minha coisa preferida no mundo é sushi — eu disse. — Note que eu disse coisa, e não comida.

— Eu amo videogame.

— Eu sei desenhar muito bem — ela disse.

— Eu sou viciado em séries.

— Eu quero muito te beijar agora — ela disse.

Eu paralisei. Fiquei olhando para ela e percebendo o quão ela era bonita. Não do modo que eu havia a visto antes: ‘aqui está uma garota bonita que era completamente vazia’. Agora eu a via cheia e completa, pensando em todos os fatos que havia me contado sobre ela e todas as coisas que havia observado

sobre o mundo, e aquilo se completou com os olhos grandes, as sardas, a pele bronzeada e o cabelo dourado. Para mim ela se parecia com a garota mais bonita do mundo, dizendo que queria me beijar. Pensei: “não”, como se fosse uma armadilha, e então lembrei como achei que ela era muito mais inteligente do que eu ao aproveitar, e resolvi aprender com o que ela havia me ensinado sem saber.

Nós estávamos de pé perto da piscina. Seus amigos estavam espalhados por todo canto. Eu peguei seu rosto entre as minhas mãos, enquanto ela levantava o queixo para me alcançar e de algum modo eu achei que isso era a coisa mais adorável do mundo. Ela fechou os olhos, mas eu quis olhar para

ela o máximo de tempo que eu pudesse antes que a beijasse. E aí eu disse o meu fato:

— Eu vou te beijar agora.

E, sem poder esperar, ela avançou e agarrou meu pescoço, me trazendo o mais perto que podia.

No dia seguinte, eu descobri que o motivo da Fernanda Galvão ter voltado a falar comigo com grande interesse (ela sempre vinha para o meu lado puxar assunto quando a Mariana não estava por perto) era porque ela sabia que, se dependesse da Mariana, ela passaria a vida inteira sem nunca mais falar comigo de novo.

Eu e a Mariana trocamos os números, mas ela nunca respondia as mensagens. Até que um dia, no domingo, eu recebi uma dizendo:

Tá ocupado?

E eu, desesperado e já meio apaixonado, respondi depois de uns três minutos olhando para a tela:

Não. Tudo bem?

O quão longe vc tá do shopping Morumbi?

Uns 20 minutos.

Na verdade, era quase o dobro.

Trinta pra mim. Me encontra lá, do lado da Applebee's. Rápido.

E aí eu desliguei meu videogame, me arrumei e fui. Só que quando eu cheguei lá, a Mariana não estava. Quem estava era a Fernanda, esperando por mim de braços cruzados. Ela se aproximou antes que eu pudesse parar e olhar em volta, procurando pela Mariana.

— A Mariana não vai vir — disse ela. — Quem te mandou a mensagem fui eu.

Eu fiquei tão confuso que fiquei calado, esperando pela explicação. E aí a Fernanda me contou que a Mariana podia ser a garota que ela era na festa

no dia em que eu a conheci, mas ela não era. A Mariana era muito confusa e cheia de problemas e, em geral, muito triste, e era por isso que não estava respondendo as minhas mensagens.

— Ela me disse que você era ótimo, e por isso merecia alguém muito melhor e que estava te fazendo um favor. Só que ela ainda não teve coragem de te bloquear como geralmente faria, e fica olhando as suas mensagens o tempo inteiro — ela me contou, quando estávamos dentro da Applebee's, no bar. — Eu acho... que você pode fazer bem para ela. Eu já sabia disso desde a festa, porque você foi o único dos caras que ela já conheceu que não... — ela suspirou, e vi que ela estava prestes a contar algo pessoal. Permaneci quieto.

— A Mariana é linda. Mas ela não gosta de ser linda. Tipo, ela gosta, mas ela acha que as pessoas gostam dela só porque ela é bonita, então ela odeia que deem em cima dela. E você não tocou nela até que ela pedisse. Não ficou em cima dela o tempo inteiro como se só quisesse saber de sexo, você fez amizade com a gente também.

Eu nem tinha pensado naquilo, para dizer a verdade. Eu só estava tentando observar e ser feliz. A Mariana foi um adicional à noite.

Percebi imediatamente que aquilo era mentira. A Mariana fez a minha noite inteira.

— Então... E agora? — perguntei. Me sentia meio lisonjeado.

— Eu só... Quis te avisar para que você não desistisse dela. Eu vi que você também estava muito feliz. Só me dá um tempo para convencê-la.

E aí eu e a Fernanda trocamos números, conversamos, meio constrangidos, sobre os velhos tempos e fomos para casa. Três dias depois ela me chamou de

madrugada e disse:

Acho que consegui. Onde você mora?

Àquele ponto, é claro que a Mariana sabia que a Fernanda tinha me chamado para o Applebee's, por causa das mensagens do celular dela.

Pra quê?

Confia em mim!!!!

Eu dei o endereço e, dois dias mais tarde, minha mãe entrou no quarto e disse:

— Tem uma menina aqui para te ver — e, enquanto eu levantava e ia trocar de roupa, ela disse: — Se estava esperando alguém, por que não se arrumou antes? Olha esse quarto. Eu teria feito alguma coisa para comer.

— Eu não sabia — eu disse, colocando uma calça. Depois vesti uma camiseta limpa, arrumei o cabelo, coloquei o tênis mais fácil e fui até a sala.

Eu achei que fosse a Fernanda, mas a Mariana estava sentada no sofá, o meu irmão olhando para ela da porta da cozinha como se ela fosse um bicho muito curioso. Eu olhei para ele e ele rapidamente entendeu que era pra ir embora e saiu para o quarto dele.

— Então, você é uma amiga do Bernardo? — minha mãe chegou e disse algo antes que eu pudesse fazer isso. Eu fiquei de pé me sentindo um idiota enquanto a Mariana, que permaneceu sentada, disse:

— Isso só depende dele — ela disse, esboçando um sorrisinho superior.

Aquilo pegou minha mãe de surpresa e ela olhou estranho para Mariana.

— Vocês querem comer alguma coisa? — perguntou, forçando-se a ser educada.

A Mariana negou.

— Nós já vamos sair.

Minha mãe assentiu.

— Qualquer coisa estarei na cozinha — e se foi.

Eu fiquei de pé, olhando para ela, que fazia o mesmo.

— Então você tomou uma decisão.

— Eu fui convencida — ela deu de ombros. Eu estava meio puto com ela. — Eu quero que você saiba que eu não sou nada do que você pensa.

Eu ri.

— E o que é que eu penso?

— Que eu sou uma pessoa ótima, muito divertida e esperta, que tem bons amigos e é uma boa observadora. Que é honesta e sempre diz o que pensa.

Aquilo estava um pouco errado, mas eu respondi:

— E o que é que você pensa de mim?

— Penso que está cometendo um erro gigante pensando em mim.

— Pelo menos você acertou em uma coisa. Eu estou pensando em você.

Acho que ela tentou conter o sorriso que acabou me dando. Eu disse:

— Você disse que a gente ia sair?

— Só se você quiser — ela se levantou. Notei que estava usando uma mochila azul claro nas costas. — Está pensando duas vezes? — Eu estava.

Mas aí eu olhei para ela e percebi o quão triste ela estava, de uma forma quase desesperada. Percebi que ela estava pedindo por ajuda, de uma certa forma. Lembrei-me do que a Fernanda disse, que ela podia ser a garota que eu conheci na festa.

— O que você tem na mochila? — perguntei.

— Piquenique — ela disse. — E arminhas de água.

— Arminhas de água? — fiquei instantaneamente interessado.

— Vamos para um canto do parque Ibirapuera, no meio das árvores.

Ninguém nunca vai lá.

Então nós fomos. Ficamos o caminho inteiro de metrô silenciosos, mas encostando um no outro o tempo inteiro, meio que de propósito. Eu estava morrendo para beijá-la de novo. O caminho para a floresta também foi silencioso, até que achamos um lugar afastado de todo o barulho do parque que vivia lotado e ela começou a tirar as coisas da mochila. Estendeu uma toalha vermelha e tirou a comida. Não havia o que você geralmente come em um piquenique, era comida japonesa. Olhei surpreso para ela.

— Então você lembrou.

Ela sorriu, orgulhosa.

— Tem coisas sobre mim que você não sabe. Uma delas é que eu penso em você também — ela foi falando e montando tudo. Eu tentei ajudar, mas ela sempre dava um tapa para afastar as minhas mãos. — Sou capaz de escrever um livro sobre o dia da festa, tudo sobre você. Lembro cada gesto, cada fala... — e aí ela suspirou e se virou para mim. — Sei que fiz uma bosta não

te respondendo.

— Você fez — eu respondi, com as mãos nos bolsos. Encolhi os ombros. — Eu sou ótimo.

— Você é! — ela sorriu e se aproximou. Já havia terminado de arrumar as coisas. — Bernardo, eu adorei te conhecer. Não vou te ignorar mais, mas quero que você saiba que eu tenho dias ruins. Dias péssimos — ela havia se aproximado ainda mais e agarrado a gola da minha camiseta. Estava puxando para baixo e me trazendo mais próximo dela.

— Você pode me contar sobre todos eles — eu disse, sussurrando sob um feitiço. Estava quase fechando os meus olhos, mas queria olhar para ela também. Era como receber anestesia quando você quer muito ficar acordado, como cair no sono quando ainda tem trabalho a fazer.

— Você fala como se você fosse perfeito.

— Eu sou péssimo. Uma bagunça.

— Isso melhora — ela sorriu.

— Eu sei. É por isso que eu vou te entender.

E aí ela me beijou e eu senti um grande peso sair dos meus ombros. Eu era Atlas livrado da sua maldição de segurar o peso do mundo. Depois disso a gente se sentou, comeu sushi e simplesmente conversou. Ela me contou sobre morar com a tia dela, como era ter um meio-irmão, embora não tivesse falado dos seus pais. Eu contei dos meus, mas a loucura das traições ainda não tinha começado, então só falei do meu pai ausente e da minha mãe triste. E aí foquei no meu irmão. Depois eu contei para ela que me sentia triste e separado das coisas o tempo inteiro, como se eu visse coisas que ninguém visse e estivesse em uma dimensão paralela o tempo inteiro. Aí ela sorriu, se aproximou e começou a me beijar, sussurrando que lamentava muito que alguém tão lindo ficasse tão melancólico.

Isso começou no anoitecer, e ficamos nos beijando e sussurrando coisas um para o outro até o céu ficar muito escuro. Ela disse:

— Vamos viver na floresta, que nem Adão e Eva — mais um beijo lento e desajeitado, como se ela estivesse bêbada. — Vamos criar um mundo novo. Eu prometo que eu nunca vou morder uma maçã, vai ser só a gente.

Eu senti que estava completamente ferrado, porque havia me esquecido das arminhas de água.

7.1 mariana

São Paulo, 9 de maio. 15h06min.

Você não tem certeza de nada nessa vida. O que quer que você pensa que sabe, pense duas vezes. Eu nunca mataria uma pessoa. Nunca cogitei a possibilidade mesmo depois do fim do mundo, nem mesmo quando Larissa

me entregou a arma. Achei que uma arma na minha mão fosse suficiente para assustar quem quer que pensasse em me atacar. Mesmo se eu a usasse, no máximo um tiro para o alto para alertar que eu tinha balas e não hesitaria em gastar. Eles se afastariam. Eles recuariam. Esse é o protocolo.

Eu estou no exato mesmo lugar que antes. Não consegui sair daqui, mas agora eu me levanto e começo a chutar as prateleiras como uma louca.

Estou enfurecida com aquele grupo imbecil de canibais, que viram uma pessoa viva andando entre eles e não avaliaram a situação.

Agora é minha culpa estarem mortos. As prateleiras são de vidro e espatifam fazendo um enorme barulho. Foram burros como estou sendo agora: isso pode atraí-los até mim. Sério. Francamente. Vou quebrando os fones e os aparelhos eletrônicos vagabundos, reduzindo-os a pedaços de plástico vagabundos. Eu mesma me sinto uma completa vagabunda. Uma pessoa completamente barata que, depois de ter perdido tudo, achou que poderia dar um bom conselho a qualquer um.

Saia daqui. Cai fora! Vai embora! Eu não tenho absolutamente nada para te ensinar. Eu só me arrependo de tudo o que fiz e não posso fazer nada sobre isso. Você realmente acha que o que eu tenho para dizer deve ser ouvido? Realmente acha que eu mereço ter alguém que se importe, alguém que me ouça, alguém que esteja aqui comigo? Eu estava tagarelando sobre ser um ser humano e sucumbir às idiotices e acabei sucumbindo. Isso daqui é uma grande estupidez. É o que eu estou te dizendo: somos animais com a maldição do conhecimento. A maldição da total consciência. Se você a ignora, você é um monstro. Se você não a ignora, ela te consome.

Eu me abaixo e pego a arma que acabei deixando no chão. Ajoelhada, eu ergo o queixo e a posiciono abaixo dele. O cano encosta na minha pele e ele é muito, muito frio. Começo a tremer.

Se Bernardo estiver vivo, está melhor sem mim. Eu nunca poderia contar isso a ele. Eu nunca mais poderia tocá-lo de novo. Sinceramente, você que ainda não foi embora, eu estou no meu limite. Não posso aguentar mais.

Não posso mais estar ciente de cada sujeira nesse corpo. Eu fui tocada pelo meu pai, fui tocada por inúmeros homens que me clamaram como sua propriedade, eu não valorizei a minha vida e passei os meus dias deprimida.

Eu matei duas pessoas. Obviamente, eu deveria ser parte do enorme número de mortos da guerra. Eu não sei porque lutei tanto para sobreviver, mas agora

eu posso ir embora. Não preciso mais estar alerta a cada segundo, não preciso mais pisar nos destroços de uma civilização que era iludida, mas feliz sob a ilusão. Preciso sair daqui.

Olho para cima. O teto dessa loja é de um roxo muito forte. Que péssima escolha. Eu fecho os olhos, para o negro aconchegante e chamativo.

Meu dedo vai se pressionando no gatilho, é irresistível. Você já quis fazer algo ruim pela curiosidade? Já sentiu vontade de enfiar o garfo na tomada só para ver como é? Já sentiu vontade de deixar a mão no fogo de uma vela?

Estou curiosa. Morro na hora? Vai doer? O que vem depois? Prendo a respiração e estou pronta, mas algo machuca minha mão e a arma cai. Isso doeu bastante. Eu me viro e você está me olhando com muita fúria, como se tivesse absorvido o meu ataque de raiva segundos antes. Eu ofego. Me surpreendo com a leveza no meu peito e nos meus ombros por não ter atirado.

Meu coração está a mil. Mesmo assim eu me viro para você, furiosa também e grito:

— Que merda foi essa?! Eu te falei para ir embora!

Mas você não foi. Nós somos amigos agora e você se importa.

— Que merda! — eu berro. Mas secretamente estou aliviada e muito grata. É claro que você sabe disso. Você está na minha mente.

Você se abaixa e pega a arma. Esvazia-a. Diz que eu não vou matar mais ninguém, especialmente a mim mesma. Agora essa arma é só para assustar e, se decidirem atacar mesmo assim novamente, eu darei um jeito.

Você também pede a faca que eu tenho guardada no meu bolso de trás. Eu pego e te entrego. Você diz que só vai me dar em emergências, e quando me convencer de que é a coisa certa a fazer e que vou prometer não deixar as coisas saírem do controle novamente. Eu digo, começando a chorar:

— Eu não posso prometer isso. Eu não sei.

Você me abraça. Eu sinto rachaduras em toda a minha alma. Não tem nenhuma luz saindo por entre elas, o que significaria ter algo bom por trás disso. Estou rachando e, quando eu finalmente quebrar, não vai haver mais nada. O vácuo vai se expandir e não sei o que serei capaz de fazer. Não consigo nem imaginar como a dor vai ser. Já está doendo muito agora, tipo uma dor física, um enorme peso no peito, um gigantesco nó na garganta. Fico pensando que não tem mais nada para mim, que não mereço nada e estraguei tudo.

Você guarda a faca e eu nem vejo. Não posso roubá-la de você. Mesmo se

tentasse, você saberia. Você sabe cada coisa que está na minha mente

porque eu te criei e te trouxe aqui, mas agora que você arrancou a arma de mim e já está interagindo com os objetos daqui, progredindo como um bebê, não tenho mais certeza de nada. Talvez você seja real e eu não exista. Talvez eu seja algo da sua imaginação e estarei viva somente enquanto você me imaginar. Ah, eu estou obviamente enlouquecendo.

Me sento no chão, minhas pernas já estão começando a formigar, ajoelhada daquela maneira. Você se senta ao meu lado. Estou muito cansada.

Estou muito, muito, muito cansada. Li uma vez que dormir resolve os problemas. Sou a prova viva disso. Sempre que me sentia triste e molenga desse jeito, eu ia dormir. Isso quer dizer que eu dormia bastante. Dou uma risada sarcástica, que bebê chorona eu era. Eu me deito no seu ombro e fecho os olhos. Está tudo bem se eu dormir bem aqui? Somos amigos o suficiente, não é?

Ok. Certo.

Quando acordo, a primeira coisa que eu sinto é a faca no meu bolso.

Eu tato para ter certeza. Está bem aqui comigo e não contigo. Com os olhos piscando de sono, eu me ergo do chão atrás do balcão da loja, reparando que as prateleiras e os produtos não estão destruídos. A arma está a centímetros de mim. Eu a pego – está carregada. Certo, então está bem claro que eu sonhei aquilo tudo. Não tentei me matar. Você nunca poderia me impedir, é claro. Eu deveria ter percebido.

Mesmo assim, eu sinto muito frio e minha cabeça está doendo. Não estou doente, eu só sinto frio quando fico muito nervosa. A cabeça dói por motivos óbvios: estresse. Minha boca está com gosto estranho, então pego minha mochila nas minhas costas e começo a comer um dos ovos cozidos que a Larissa me deu. Eu olho para você, e você me diz que estou lacrimejando.

As lágrimas estão tinindo e lutando para se equilibrar, amontoadas na pálpebra inferior. Eu pisco e assim começo a chorar. Silenciosamente, uma fungada e outra em intervalos enquanto como lentamente. Você não diz nada, só me permite ter esse momento.

Sei que não foi minha culpa, mas não consigo parar de pensar que acabei de ser a causa da morte de alguém. Que fui eu quem colocou o fim, como um deus. Foi a minha decisão. Foi o que eu fiz. Essas pessoas foram colocadas no mundo por alguém e foram tiradas dele por mim, tchau, acabou

para você. Você nunca mais abraçará alguém, ou sorrirá, ou irá sentir o gosto de comida quentinha. Você acordou e não sabia que seria hoje e que seria eu.

Não sabia que ia acabar quando avançou para tentar me matar.

Não foi culpa minha.

Eu não tive escolha.

Agora meu rosto está contorcido e meu choro vira uma catástrofe.

Meus amigos imaginários agora são as duas pessoas que matei. Eu nem sei como são os rostos delas, mas elas estão aqui. Meu Deus. Me desculpem. Me desculpem, me desculpem, me desculpem.

Minha cabeça está girando. Estou pensando em mil coisas ao mesmo tempo, tentando entender, tentando achar a cura. Como eu saio daqui? Como eu me recupero? Como eu me perdoo? Eu sei a resposta. Eu sempre sei a resposta, eu só a ignoro como todo mundo, todo mundo tem a resposta o tempo inteiro e ignora pelo mais simples motivo: não querem fazer. Não quero me levantar. Não quero continuar. A resposta é não ignorar a Dory.

— Nos meus dias ruins — eu começo a falar. O choro diminui sua intensidade, mas ainda está aqui. Minha voz está esquisita e parece modificada. — Tive muitos deles. O tempo inteiro. Dias ruins em que você não quer sair da cama, não se sente bonita, não quer falar com ninguém, só consegue dizer a si mesma que falhou. Eu podia dizer o que quisesse para mim mesma, mas a única coisa que pode resolver um problema é continuar seguindo.

Aquela coisa: se você está passando pelo inferno, continue andando.

Mas também a outra coisa: continue a nadar. Porque é péssimo você pensar que está no inferno e muito melhor lembrar de um filme infantil. Você começa a cantar. Eu olho para você. *Continue a nadar, continue a nadar.*

Está tentando me fazer sorrir, mas eu choro ainda mais. Não consigo. Quero muito ter a determinação, mas eu juro que não consigo. É a depressão. Eu sou depressiva. Não posso me levantar ou me mover, só consigo ficar aqui e pensar que, não, pelo amor de Deus, não, eu não quero fazer isso.

Você ainda está cantando.

— Para com isso — a minha voz embargada diz, fraca. E você não para.

A música começa a ficar ridícula. Eu começo a rir. Chorando e rindo como uma idiota.

— Vinte minutos — eu digo, tampando a sua boca. A música se abafa e

você ainda assim não para. — Eu matei duas pessoas, só preciso de vinte minutos e aí começamos a nadar. Eu prometo. Para — você me olha com ar de apreensão e, finalmente, para.

Diz que está contando os segundos. Pergunta se eu quero ficar sozinha.

— Não é uma boa ideia.

Você assente e se senta ao meu lado, em silêncio. Eu sinto você ali, e fico parada, encarando as prateleiras a minha frente. Não sei porque pedi esses vinte minutos, sinceramente. As lágrimas estão acabando. Sinto que passei horas debaixo da água e agora finalmente posso respirar. Não consigo pensar em nada, pela primeira vez. Só consigo respirar fundo e sentir a minha cabeça ficar mais leve a cada vez que expiro. Seco as minhas bochechas.

Você tem uma pergunta.

— Pode falar.

Qual foi a última vez em que eu vi o Bernardo?

— Boa pergunta — não sei porque não falei disso antes. E foi uma boa tática, a sua. Lembrar do Bernardo me afasta das crises. Me coloca em outra, mais profunda, um tipo de transe.

Não, é mais do que isso. Lembrar do Bernardo me lembra do meu objetivo. Me faz continuar a nadar. Eu dou risada. Ok, vou contar a história.

Pronto para voltar no tempo novamente?

A casa do Bernardo tinha dois andares e era bastante espaçosa. No quarto dos pais dele tinha uma sacada pequena e era lá que a gente gostava de ficar, sentados no parapeito. A vista não era bonita e nem nada, só mais um monte de casas e a rua, mas a gente gostava de ficar lá mesmo assim. As ruas estavam desertas porque há uma semana o Brasil havia entrado para a guerra e a coisa não parecia bonita para o nosso lado. Todo mundo estava esperando os ataques começarem, comprando água, comida, estocando coisas. Meus tios estavam planejando viajar para São Bernardo, mas os pais do Bernardo estavam tranquilos, acreditando que nada de ruim poderia acontecer à eles.

Então estávamos ele e eu sentados no parapeito, olhando a rua deserta e a movimentação no interior das casas.

— Não fica em silêncio — eu disse, apavorada. Estávamos quietos há dez minutos, quando cheguei e ele perguntou se eu queria ir para a sacada.

— Você está com medo? — ele sabia que eu tinha muito, muito medo de morrer, pensando para onde a minha alma vai depois de tudo isso.

— Sim, e não quero falar sobre isso — eu disse. Minhas pernas

balançavam na brisa. Era um dia de céu meio fechado, mas de temperatura amena.

— Não deveria ser assim — ele disse, balançando a cabeça. Seu cabelo preto estava se agitando, dançando no vento leve.

— E deveria ser como?

— Mariana, nós recebemos um ultimato. Vamos morrer a qualquer momento e está todo mundo em casa esperando a hora — fiquei em silêncio.

Dali dava para ver uma família assistindo à televisão ligada no canal de notícias. Ele continuou: — O que você gostaria de fazer antes de morrer?

Eu dei de ombros, tentando não chorar.

— Não sei. O que você faria?

— Muitas coisas. Das mais simples às mais malucas.

Ele sempre tinha uma resposta para tudo. Eu mordi o lábio.

— Ok — falei. — Vamos fazer algumas.

— Não. Tem que ter algo seu também.

Eu suspirei. Umas lágrimas finas começaram a cair, e eu sequei rapidamente com a manga longa da minha blusa.

— Eu só quero... estar perto das pessoas que eu amo.

Ele pegou a minha mão e secou as lágrimas que ficaram ali com o polegar. Olhou para mim. Ele sempre foi muito sonhador e esperançoso, tentando fazer a coisa certa, incapaz de desistir. Eu nunca tive isso.

— Tudo bem — ele falou. — Nós vamos fazer isso. Pegue o seu celular.

Nós saímos da sacada e fomos pegar nossos celulares no quarto dele.

Fizemos algumas ligações. Pegamos seu Xbox One do quarto e o colocamos em uma mochila. Chamamos o Diego, que estava com um amigo, pegamos o carro do pai do Bernardo e fomos para a minha casa. A Fernanda, minha melhor amiga, o Daniel, melhor amigo do Bernardo, e alguns outros amigos nossos foram para lá também.

Não é uma grande história, sabe. Meus amigos e minha família nos reunimos, pedimos pizza, jogamos Just Dance e vimos Doctor Who, porque era um dos últimos desejos do Bernardo assistir. É um daqueles dias que não são grande coisa para quem vê de fora, mas é grande o suficiente para mim.

Teve uma vez, uma hora muito importante, em que a minha tia estava fazendo milk-shake na cozinha e nós falamos do Gustavo. Ela estava chorando, pensando que tudo estava acabando e porque não podiam esperar

para matar o Gustavo ali na guerra, junto com todo mundo. Fazia dois ou três

anos desde a morte dele, e a gente ainda sofria muito com aquilo. Nós choramos, mas depois o Bernardo nos fez dançar Just Dance para esquecer.

Continue a nadar.

Depois disso Bernardo e eu dirigimos todo mundo para casa, quase duas da manhã, e aí ele me deixou na minha. Nós ficamos no carro por um tempo, querendo que o dia não acabasse porque amanhã estaríamos esperando a morte de novo.

— E aí? — ele perguntou, abaixando o volume do rádio. — Foi bom?

Eu olhei para ele com um sorrisinho triste.

— Fico feliz que tenha feito isso, amor — eu levei minha mão ao seu cabelo e comecei a acariciar. Era macio e aconchegante. Ele sorriu, mas também estava triste.

— Eu amo você — ele disse, do nada. Fechou os olhos. — Você não faz ideia, Mariana.

— Eu faço — rebati, sentindo cada vez mais que o nosso tempo estava acabando. Todas as noites desde que o Brasil entrou para a guerra, eram assim. Nos despedíamos prontos para o fim. — Tento retribuir todos os dias.

Ele abriu os olhos

— E você é fantástica nisso. Meu Deus, quatro anos e eu ainda sou um idiota por você. Eu faria qualquer coisa.

Depois de tantas noites nos despedindo, eu estava ficando sem o que dizer, mas ele sempre encontrava algo novo. Desesperada, eu desci minha mão para a sua nuca e fui dizendo coisas aleatórias que iam aparecendo na minha mente. Eu o amo. Talvez a guerra acabe logo. Ele salvou a minha vida.

Eu queria ter tomado mais milk-shake. Ele vai rindo e de repente está chorando e a minha mão vai para a sua bochecha, quentinha e então molhada, eu aperto os meus lábios e digo para mim mesma que não vou chorar.

Toda as noites nós chorávamos. Ou melhor, quase o dia inteiro. Ele disse:

— Está tarde.

Eu fiz que sim.

— Você quer dormir aqui hoje? — perguntei.

— Não posso — eu sabia. Ele tinha que ficar com o irmão, que ele já havia deixado em casa para que a gente pudesse ter esse momento. Além do mais, já havia passado o dia inteiro comigo.

— Ok — suspirei, afastando a minha mão. — Lá vou eu.

— Vem aqui — ele disse e eu aproximei meu rosto do dele. Ele beijou o topo da minha cabeça. — Amo você.

Não sei porque não nos beijamos nos lábios. Eu e o Bernardo nunca fomos de beijos apaixonados e questões físicas. Nós fazíamos, mas não era como expressávamos amor. Eu também não sei o motivo, acho que somente não fazia sentido. E depois do que aconteceu comigo e o meu pai, eu sabia que afeto físico não queria dizer nada. Era só um instinto.

— Eu te amo — falei, com um suspiro, como se eu lamentasse aquela verdade. — Até depois — porque nós virávamos a noite mandando mensagens, incapazes de dormir.

Depois disso eu saí do carro. E foi a última vez em que vi o Bernardo –

dois dias depois, os bombardeios começaram. Não foi a última vez em que falei com ele, porque trocávamos mensagem o tempo inteiro, aquela coisa frenética que é ter um celular. Mas a última coisa que ele me disse, a última mensagem dizia: “Mariana, me responde, por favor”, o que eu não podia porque minha bateria acabou ali e fiquei sem energia. Ele estava preocupado porque as bombas estavam atacando há horas e ele ficava desesperado se eu passava dez minutos sem responder. Não podíamos nos encontrar, por motivos óbvios.

No dia seguinte, quando o bombardeio parou e a energia voltou, eu carreguei meu celular e tentei falar com ele, mas o celular dele não recebia as mensagens e nem as chamadas. Horas depois, viajamos para São Bernardo, onde a minha tia achava ser mais seguro. A última mensagem que eu mandei dizia que eu o amava, mas a última mensagem que ele leu dizia “a bateria vai acabar agora, vou tentar dar um jeito”.

De volta ao presente.

É bonito, não é? Você não repara, mas é bonito quando você está com um grupo de pessoas que ama. O fenômeno onde tudo parece muito mais engraçado, muito melhor. Assista um filme sozinho e talvez você absorva tudo mais profundamente, mas com amigos é simplesmente muito melhor.

Amigos de verdade. Foi um bom dia.

Você diz que meus vinte minutos acabaram. Ameaça cantar a música novamente.

Porque a única forma de sair daqui é saindo daqui. Continuar a nadar.

Qualquer que seja a merda que esteja passando, qualquer uma: a única forma

de sair dela é saindo dela. Não seja hipócrita. Se eu consigo, você também consegue. Não se esqueça disso. Não há atalhos. Não há uma resposta para procurar. Olhe para a saída. Passe por ela. Não olhe para trás. O primeiro passo é reconhecer que você pode.

Eu guardo o resto do ovo, fecho minha mochila e me levanto. Pulo o balcão.

Estou saindo.

7.2 BERNARDO

São Paulo, 9 de maio. 17h.

— Acho que agora eu posso falar sobre o passado, não é? — eu pergunto em voz alta.

Estamos no tal apartamento na Paulista. Eles me deitaram em uma cama que tem no único quarto com uma vista privilegiada para a cidade destruída. O Doutor está na cozinha fazendo não sei o quê, e é por isso que falo alto. Nós despimos nossas luvas e o que quer que estivesse cobrindo nosso rosto. É bom poder ver expressões completas novamente.

— Acho que sim — ele diz em resposta, e eu olho pra Vênus. Ela trouxe uma cadeira da sala de jantar e encostou ao lado da porta. Neste instante está olhando diretamente para mim, sentada no mais completo silêncio. Porque não somos íntimos o suficiente, por mais que ela se sinta assim, eu me incomodo. Me endireito sentado na cama com as mãos no colo e digo:

— Estou pensando no único momento bom que eu passei com o meu pai.

Ela pisca. Pergunta:

— E qual é?

Eu franzo a testa.

— Não teve nenhum.

Vênus vira o rosto levemente para o lado. Agora, ela me parece completamente pura e intocável, como uma deusa ou um anjo. Parece olhar e falar comigo com um enorme cuidado. Percebo que gosto dela, mais do que os outros. Percebo que tenho uma queda por ela.

— O que você quer dizer com isso? — ela pergunta, baixinho. Sua voz está suave.

Quero desviar os olhos dela, mas não consigo.

— Teve uma vez que chegou bem perto — eu falo. Quero muito me distrair. Por um instante, ela e a Mariana se fundem e são as mesmas pessoas.

Fico confuso e tonto e tenho certeza de que posso morrer a qualquer momento. Sinto o futuro à minha frente se despedaçando e se desfazendo, tudo o que eu já planejei na vida indo por água abaixo. Por incrível que pareça, eu não me importo. Não me importo em não virar um escritor e que o meu plano de fazer Inglês em Harvard para ficar longe da minha família e do que eu criei em São Paulo nunca vá se realizar. Essas coisas e esses sonhos parecem inúteis agora. Parecem ter pertencido a outra pessoa em uma vida completamente diferente e distante, uma pessoa com prioridades mesquinhas.

Estou distraído puxando a roupa de cama com beliscões. Eu puxo e quando solto o tecido volta para o colchão como se fosse pele, ou um ímã.

— Você vai me contar? — pergunta Vênus. Não parece estranhar nada.

Tenho certeza de que ela sabe o que é se perder na própria mente mesmo enquanto você está falando.

— Uma vez nós fomos para a nossa cidade natal, no interior do Rio de Janeiro. O nome é Teresópolis.

Ela faz um aceno curto com a cabeça.

— Já ouvi falar.

— Com nós quero dizer minha família inteira. Mãe, pai e irmão mais novo. Eu fui com a minha mãe e o meu irmão de avião, mas passei mal. Não de medo. Eu não tenho medo de altura, mas não conseguia respirar, meu peito ficou formigando e a minha pressão caiu. O cara do meu lado, que tentou me distrair e era muito mais velho, me contou boas histórias. Uma delas foi que ele já trabalhou em manutenção de aviões e que aquilo estava acontecendo porque tinha chovido mais cedo, e isso atrapalha o... O que quer que faça os passageiros não sentirem cada movimento do avião. Eu sentia tudo. Se o avião descesse um pouco no ar, era como a sensação de descer em uma montanha russa. O frio na barriga e a pele formigando. O meu pai foi de carro, porque tinha que trabalhar. O caso com tudo isso é que minha mãe também queria voltar de avião já que era muito mais rápido, mas meu pai ia voltar mais cedo de carro por causa do trabalho novamente e eu preferi ir com ele, para evitar passar mal de novo e ficar do lado de estranhos, como eu estava da última vez porque não tinha um lugar. Meu pai nunca soube bem como amar alguém, e a forma dele de lidar com a gente era nos irritando. Nos fazendo ouvir música que não gostávamos e falando que vamos nos arrepender de rejeitar aquilo, mesmo que tivéssemos dez anos de idade.

Vênus está tão parada que duvido por um tempo que esteja prestando atenção. Paro de falar. Ela diz:

— E?

— E aí depois de um tempo ele relaxou, e começou a me contar do avô dele.

— Ele morreu? O avô dele? — eu faço que sim. Ela não parece nada surpresa. Você me diz que ela também não desvia os olhos dos meus e eu noto que aquilo é verdade. Ficamos sustentando o olhar um do outro como se você não estivesse aqui.

— Meu pai foi criado pelos avós dele. A mãe e o pai sempre foram desleixados. O avô dele era um senador de Teresópolis, rico, inteligente e muito altruísta. Eu meio que herdei minha asma dele. Ele morreu por tomar a bombinha com muita frequência. Foi de repente e meu pai era muito novo e aquilo acabou com ele. Ficou falando do avô lá no carro, dizendo que no enterro dele tinham mais de quinhentas pessoas que ele ajudava e a família não sabia. Que o seu nome como senador era muito conhecido, e qualquer um com a idade dele se lembrava. Que ele era considerado até então o melhor senador da cidade, que havia uma rua com o nome dele, e que era por isso que não queria passar o dia dos pais com a gente, porque ficava lembrando dele. Uma coisa engraçada sobre o meu pai é que ele sempre tratou a família dele como lixo, mas sempre ajudava os menos afortunados. Ele ajudou uma mulher com câncer até que ela morresse, dormia na casa dela ao invés de dormir na nossa. Acho que estava tentando imitar os passos do avô.

Vênus está chorando, mas não se movia. Nem os ombros. Ela sequer fungava, e, se não fosse pela luz da janela iluminando as lágrimas, eu não perceberia.

— A minha namorada também é muito problemática — vou dizendo.

— Ela não chega a ser como o meu pai, mas acho que o meu pai virou o que virou porque nunca assumiu a culpa e levou as coisas longe demais. Eu não consigo parar de comparar os dois. Dizem que você sempre se apaixona por pessoas que são muito parecidas com os seus pais.

— Como assim? — ela não para de chorar. Lágrimas cada vez mais gordas, e nem se incomoda em enxugá-las.

— É que ela e o meu pai foram muito danificados. A enorme diferença entre os dois é que a Mariana tem o bom senso de tentar não envolver os outros enquanto se recupera. Tipo... Ela não finge ser alguém que não é. O

meu pai sempre soube enganar bem as pessoas. Toda vez que eu brigava com ele por fazer merda e magoar todo mundo, a nossa briga acabava comigo convencido que eu sou ingrato e que ele estava completamente certo. Eu só entrei na vida da Mariana porque eu quis e estava apaixonado. A depressão dela nunca me surpreendeu, sei quem ela é desde o início. Sempre imagino como seria se ele fosse mais com a Mari. Primeiro, ele não se casaria. Diria a

minha mãe que estava muito fodido e ela pensaria melhor em se casar. Ele insistiria que não poderia fazer um compromisso daqueles se não estava melhor, e quem sabe ela o ajudaria a se recuperar.

Pausa. Vênus diz:

— Você ajudou a Mariana a se recuperar?

— Ela nunca se recuperou — eu digo, e de repente também quero chorar. — Eu nunca consegui.

— É porque esse trabalho não é seu — diz ela, e finalmente se move para secar as bochechas. Os olhos dela estão do tamanho da lua.

— Era o que ela dizia também.

— Então ela realmente é inteligente — ela cruza as pernas e dá um sorriso. Abandonou completamente a postura doce e agora me parece sarcástica e perigosa. Eu pisco forte três vezes, o que ela parece não notar, ou não liga. Acho que estou tendo alucinações. Você, Viajante, parece mais real do que nunca.

O Doutor entra com um pano limpo em mãos, fumegando alguma coisa. Deixa no meu colo e abre, revelando legumes cozidos e duas bananas.

— Seria melhor se eu tivesse um chá — suspirou. — Qualquer chá, mas isso vai alimentar seu corpo ao invés dos salgadinhos que você tem ingerido. Como está se sentindo?

Não consigo olhar para ele.

— Como se uma força invisível me prendesse na cama.

— De certa forma — ele sorri. Interpretado aquilo como mau sinal. —

Você estava falando sobre um pai ruim?

Eu faço que sim com a cabeça. Me sinto um idiota, deitado e deprimido por estar morrendo.

— E uma namorada — disse Vênus.

— É ela quem você estava esperando naquela escola? — pergunta o Doutor. Faço que sim de novo. — Mesmo sem saber se ela está viva? Então...

o amor ideal existe.

Acho que é isso que eu venho tentando te ensinar, Viajante. O amor ideal existe. Se você não pode ver isso nos outros, reproduza em si mesmo.

Só para que o Doutor não tenha mais nenhuma dúvida, eu digo:

— Eu faço questão de que exista.

— Mesmo que seja só você?

Estou prestes a dizer sim, mas hesito.

— O que você quer dizer com isso?

O Doutor não tem vergonha nenhuma em responder:

— Não estou dizendo que sua namorada não te ama, mas ela podenão te amar da mesma forma. Cheetos, depois da Terceira Guerra Mundial, ela estaria arriscando a vida indo atrás de você. Você está morrendo por causa dela.

Vênus se levanta e se aproxima, parecendo furiosa.

— Como você pode falar assim com alguém que está morrendo? — e se vira para mim. — Cheetos, o modo que você falou dela... Se alguém me tratasse assim, se falasse desse modo sobre mim, eu com certeza atravessaria um mundo devastado para poder reencontrar.

— Você não sabe disso — o Doutor a encara profundamente, balançando a cabeça. — E nunca vai saber.

— Por que você está fazendo isso? — ela pergunta, entredentes.

— Você prefere morrer em ilusão ou em realidade?

Vênus cruza os braços.

— Você prefere morrer uma criança ou um adulto? Não é uma questão de morrer mais cedo, mas a realidade é repleta de dúvidas e tortura. Você se pergunta para onde vai depois de morrer, e se vai para o lugar certo. Você fica apavorado porque sabe exatamente o que está acontecendo, sabe que está indo a algum lugar e nunca mais vai voltar. Se uma criança morre, muito provavelmente acha que está caindo no sono e nunca se perguntou sobre vida após a morte.

Ela parece ter pensado muito sobre aquilo, com as palavras na ponta da língua. Eu começo a imaginar o que a fez desenvolver esse pensamento. Essa parece uma discussão inútil que desperdiça o meu tempo, quero me manter a criança que Vênus tinha mencionado. Prefiro que fiquem quietos e finjam que tudo está bem, afinal, não era essa um dos requisitos do processo de cura? Felicidade e calma, mesmo que fosse de mentira.

— Está tudo bem, Doutor — eu digo. — Qualquer que seja a verdade, isso é um problema da Mariana. Eu me conheço e a amo e agirei como tal. Eu me sentiria péssimo se seguisse em frente sem seguir o nosso combinado.

O silêncio deles parece me provar que eles captaram a mensagem, que quero

silêncio e paz.

— Tudo bem, Cheetos — diz ele. — Coma seus legumes agora.

Vênus se senta à minha frente, na beirada na cama bem perto dos meus pés. Você, que está quase tão real que tem vontade própria e fica onde bem quiser, está deitado no espaço que deixei para você na cama ao meu lado.

Apesar de parecer bem sólido para mim, parece estar morrendo junto comigo.

Estou sem forças para oferecer a você. Eu sou a sua fonte de energia.

O Doutor sai, apoiando-se como sempre em seu guarda-chuva, o facão balançando nas galochas. Eu começo a comer em silêncio.

— Você quer? — eu ofereço a Vênus.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Eu vou comer depois, vou esperar você dormir — ficamos em silêncio, o que ela parece mal conseguir aguentar. Diz desesperadamente: —

O seu pai mudou depois da guerra?

Eu digo de boca cheia:

— É claro que não.

Ela abaixa a cabeça e diz:

— Isso é horrível — a vendo assim, eu me sinto cada vez mais deprimido. Ela balança a cabeça e a levanta, dizendo com voz embargada: —

Vou te contar uma boa história. Uma para você dormir e ter um sonho bom.

Minha mente está em um turbilhão. Estou pensando na falta que sal faz.

Estou pensando em você, tentando te manter aqui. Estou pensando na Mariana — ela está sempre na minha mente, mesmo que em segundo plano.

Estou pensando na minha família. Estou olhando de relance pela janela enorme que cobre boa parte de uma das paredes, vendo a cidade ali de cima.

Estou pensando que preferia ter morrido antes, em um bom lugar, mesmo que um hospital. Acho que a ideia de Vênus é ótima, e então reparo que já estou terminando minha comida.

— Posso ficar do seu lado? — ela pergunta.

Você se levanta e se senta na cadeira, sem se importar.

— Pode.

Vênus se levanta e dá a volta. Se senta ao meu lado, cruzando as pernas uma

sobre a outra. Entrelaça as mãos na barriga. Ela sorri, olhando para mim.

— O melhor dia da minha vida foi no show do Coldplay.

Digo de boca cheia:

— Gosto muito do Coldplay.

— Eu daria tudo para ouvir música de novo. O caso é que tinha muita coisa para dar errado, para que eu não fosse no show. Eu tinha pago meia entrada, embora não tivesse o direito. Tinha perdido meu RG. Eu queria ir com uma amiga há anos, nós sempre combinávamos que iríamos juntas no show do Coldplay. Sempre. Ela me dizia que música queria ouvir, e eu dizia que música eu queria ouvir. Mas sabe quando... — ela faz uma pausa e ri. —

Sabe quando você planeja e dúvida que vá acontecer? Simplesmente porque a vida é assim. Você planeja morar em Nova York com o melhor amigo e simplesmente não se torna realidade. Você planeja conhecer um artista que gosta, se esforça muito, mas não acontece. Achei que essa fosse uma dessas coisas.

Penso no meu melhor amigo, o Daniel. Também não sei se ele está vivo, mas nós tínhamos planos estúpidos sem intenção de levá-los a sério, como ir para a Tomorrowland ou para a Comic-Con de San Diego vestidos de Han Solo e Luke. O cachorro dele ia ser o Chewie.

— Mas não foi — terminei de comer e deixei o pano no meu colo.

— Não. Meu pai me deu o dinheiro, mas só podia pagar a meia. Tinha uma fila para comprar online, mas mesmo assim nós conseguimos os ingressos onde bem queríamos. Ficamos esperando por duas horas juntas e eu entrei primeiro. E aí, no dia, eu estava tremendo de nervoso, temendo que eu fosse barrada por não ter o RG e nem a carteirinha de estudante. Mas o caso é que não pediram nenhum dos dois e eu entrei. Eles nos deram um botton com a palavra amor, em inglês, claro, e uma pulseira com o nome da banda e da turnê em palavras coloridas. E aí achamos o lugar perfeito e fizemos amizade com as pessoas ao redor. Eram todas mais velhas, mas muito legais. Nessa parte, Cheetos, você tem que fechar os olhos. Imagine as coisas como estou te dizendo.

Fecho os olhos. Há o mais completo nada.

— Era uma arena, que é só um estádio menor. Está cheio de pessoas entrando lá embaixo, nós estávamos na arquibancada, todo mundo usando as pulseiras. Ficava enchendo e enchendo e enchendo de pessoas, e os shows de abertura demoraram duas horas. Enquanto isso, o pessoal da arquibancada ficava fazendo aquele... *Ola*, sabe? Algo assim. Levantar e jogar os braços em uma

onda. Imagine isso. Uma onda de uma ponta a outra, todo mundo unido por uma coisa estúpida e sem sentido. E você fica olhando, ansiando chegar a vez da sua fileira, batendo os pés, mordendo o lábio, e quando chega você se levanta e joga os braços e sente os olhos brilhando.

Imagino exatamente aquilo. De repente estou naquele lugar. Estou cercado de pessoas mais velhas, mais sábias e que me provam que a fase adulta não nos obriga a sermos entediados. Que podemos ter filhos e nos casar e trabalhar em escritórios e mesmo assim viver a vida. Que fofoca e olhares tortos não são requisitos para os maiores de vinte e cinco anos. Essas pessoas me oferecem a água que acabaram de comprar, me perguntam se já estive em outros shows antes e fecham a cara para quem não grita e levanta as mãos quando a onda vem. Penso nessa coisa banal e completamente divertida, porque as milhares de pessoas que estão na arquibancada, de todas as idades, se uniram pra ver o efeito acontecer.

— Pulando os shows de abertura... O Coldplay atrasou, é claro, mas a gente não ligava. Estava em boa companhia. Eu também estava gravando vídeos e tirando fotos como uma espécie de diário para uma amiga, mas aí quando chegou a hora, as luzes se apagaram e a pulseira de todo mundo ficou vermelha. De todo mundo. Cheetos, imagine um estádio lotado em que pequenas luzes vermelhas estão brilhando. São tantas que as pessoas desaparecem.

Eu consigo ver. Vejo perfeitamente. Inúmeras luzes de pessoas com sonhos e em igual entusiasmo entre si, prestes a esquecer que tipo de vida levavam. Dali em diante e por duas horas, todo mundo queria as mesmas coisas e todo mundo se aceitava.

— E aí o Coldplay entrou. As pulseiras começaram a piscar em várias cores, mas a de ninguém piscava igual. Todo mundo pulou e gritou e tinham fogos e confetes. O show inteiro foi assim, sabe. As pulseiras não piscavam em todas as músicas, mas quando acendiam... Cheetos, você tem que acreditar em mim. Eu não olhava para a banda, eu olhava para elas. Eram tão lindas. Pareciam significar alguma coisa. Na música que eu queria, Charlie

Brown... Elas piscaram em rosa, verde e azul, eu acho. Era lindo e eu queria muito chorar, mas não conseguia. Era o significado da música, as pessoas, as luzes. E a vista era bem privilegiada dali, do meio da arquibancada.

Eu vejo as inúmeras bolas brilhantes que são as luzes. Reproduzo Charlie Brown na minha cabeça e imagino as luzes piscando no ritmo.

Imagino as pessoas gritando e a voz de Chris Martin alta e clara.

— O Chris falou português. Ele disse “boa noite, paulistas. Que alegria estar

no Brasil. O seu país é lindo” e eu senti dele um amor muito, muito grande. Constantemente ele pedia para o pessoal do estádio acender as luzes, porque ele queria ver todo mundo.

Imagino as luzes do estádio se acendendo, e as luzes das pulseiras desaparecendo, perdendo para os enormes holofotes de luzes amareladas.

Consigo ver cada uma das pessoas também. Todo mundo parece olhar orgulhoso para a banda, como se sentissem muito importantes, como se a banda pudesse ver cada um deles claramente. Imagino um inglês tentando falar português. Imagino o quão especial isso fez todo mundo se sentir.

— Tinha uma música que minha amiga queria muito que tocasse, mas não era um single e nem uma certeza. Se chama Ink. Quando a banda começou a tocar, minha amiga começou a gritar e a pular. Era a primeira vez que eles tocavam a música naquela turnê... Como se eles soubessem. O

tempo inteiro eu fiquei olhando a minha amiga do meu lado, de olhos fechados e cantando bem alto.

Imagino a Mariana do meu lado. Ela também gostava muito do Coldplay. A imagino de olhos fechados, cantando com a alma. Ela sempre amou música como a música deve ser amada. Gostava delas pelos motivos certos, cantava como se fosse a pessoa que a compôs. Imagino o sentimento de ver alguém que você ama feliz, e aquilo me aquece por inteiro. Meu irmão toma o lugar da Mariana. Fernanda toma o lugar do meu irmão. Daniel toma o lugar da Fernanda. E assim as outras pessoas que eu amei durante minha vida, meus avós, meus professores, meus amigos, até mesmo artistas que cantaram, atuaram e escreveram o que eu sentia. Vi cada um deles completamente felizes, cantando bem ao meu lado.

— Teve uma vez... — Vênus ri de novo. — Em Sky Full of Stars, o Chris começou a cantar, mas aí parou e mandou todo mundo parar de tocar.

Chamou duas pessoas no palco. A gente não entendeu nada, até que o cara se ajoelhou e começou a se declarar. Ele estava pedindo uma mulher em

casamento. É claro que ela aceitou. E aí eles desceram e ele cantou tudo de novo. As pulseiras estavam brilhando.

Me sinto tão completamente cheio que acho que essa é a sensação de um bebê no colo da mãe. Eu me deito nos ombros da Vênus, que passa o braço sobre o meu ombro e me aperta contra o seu corpo. Consigo ver tudo isso. E consigo sentir. Eu estou lá e você também, e é bem mais do que um show. É bem mais do que uma banda e muito dinheiro gasto em ingressos. É

mais do que ver alguém tocar. É que o estádio parece vivo junto com o

público.

— Esse foi o melhor dia da minha vida. Mesmo antes da guerra, eu fechava os olhos e voltava para ele. Literalmente me anima quando estou me sentindo morta.

Estou pensando nas coisas que alteram meu humor só de lembrar.

Estou pensando nas minhas músicas preferidas e nas séries que mudaram a minha vida, estou pensando no meu irmão menor e todas as vezes que olhei para ele e ele estava rindo de algo que eu disse. Estou pensando nas vezes em que deixei uma música entrar nos meus ouvidos e de repente as coisas se tornaram simples. Estou pensando em todas as vezes que a Mariana dizia que me amava. Estou pensando em quando eu podia ficar em silêncio no carro com um amigo e não era nada desconfortável e estou pensando no cheiro de Coca-Cola. Eu poderia morrer agora.

8.1 mariana

São Paulo, 9 de maio. 21h59min.

A Paulista está completamente destruída. Não tem um prédio de pé, não consigo diferenciar rua de calçada, mesmo que não haja nenhum carro e poucos corpos por aqui. Se tem um corpo, tem pedaço faltando. Eu costumava vir muito aqui, não porque eu tinha algo para fazer, mas porque sempre achei aqui muito bonito. Eu sou o tipo de pessoa que prefere cidades com praias (por mais que eu odiasse praias), por causa do cheiro, das cores, das palmeiras. Eu gostava até mesmo do cheiro do protetor solar sob um sol quente, eu sempre amei calor. Mesmo assim a Paulista, fria como era, cinza

como era, era linda. Eu gostava das calçadas bem largas, das ruas três vezes maiores, das pessoas que não esperavam o sinal fechar para poder atravessar, era só os carros atrasarem um pouquinho e o pessoal corria. Ai deles se buzinassem, eles não estavam atrasados para o trabalho como os pedestres.

Eu gostava das bancas com revistas importadas, gostava da Livraria Cultura com três andares gigantescos – ou seriam dois? –, gostava que até mesmo das ruas de mão única que tinham um Starbucks esperando por você, era só saber onde procurar, e eu gostava das entradas para o metrô. Era cativante.

Mas agora? Dá até um aperto no peito. Acabei de passar por uma das entradas para o metrô e ela parece uma caverna, coberta de pedras e eu não consigo ver o que tem além. Tudo está escuro e o cheiro de queimado é muito, muito forte. Sério, eu mal consigo olhar. É difícil acreditar que o ponto mais vivo de São Paulo agora é o ponto mais morto de toda a cidade, se bobear. Eu gostava muito daqui e estou de coração partido.

Meu mapa de comunidades não chega até aqui, mas duvido muito que tenha alguém por perto. Me sinto bem sozinha, a não ser por você, é claro, meu amigo imaginário. Estou passando pelo o que um dia foi o Conjunto Nacional e agora metade é um monte de pedra e a outra está de pé por pouco, mas não tem por onde entrar. Eu espero ver a bandeira do Brasil que eles tinham pendurada no topo por um mastro em algum lugar, mas parece que sumiu. Era aqui que a Livraria Cultura ficava. Eu já havia comparecido à inúmeras tardes de autógrafos de autores de livros (internacionais e nacionais) com o Bernardo aqui, e às vezes algumas amigas. Eu gostava dessas tardes, gostava de gente que ficava sentada esperando a vez de falar com o ídolo e não ficava gritando. Eram sempre tardes de cinco horas ou mais guardando seu lugar na fila e conhecendo gente bacana. Quando eu vim com a Fernanda para conhecer a Kiera Cass, as meninas vieram vestidas de princesas e eu acabei fazendo mais amigos lá do que já fiz em um ano normal. Coisas maravilhosas acontecem quando tem um bando de gente junta e entediada.

Uma banca de jornais ainda está aberta, intacta. Os jornais estão cheios de poeira e o vendedor está morto, metade do corpo na banca e metade na calçada. Não consigo ver o que foi que matou ele, acredito que tenham sido tiros, já que não estou vendo nada daqui e ele está deitado de barriga para baixo. Eu entro e pego um mangá. Naruto. Eu nunca cheguei a assistir, mas um dos meus melhores amigos (tanto que nós nos considerávamos gêmeos,

de tantas coisas em comum) gostava muito. Ele queria que o Sasuke e o Naruto ficassem juntos, o que eu nunca entendi. Achei que o casal fosse Sasuke e Sakura, mas quem sou eu para dizer algo, não é? Fiquei lembrando dele enquanto folheava o mangá sem nem ler ou prestar atenção. Ele era do Rio e a gente se conheceu pela internet, mas já nos encontramos umas duas vezes. Eu fui para casa dele e, depois ele foi pra minha. Com o fim da energia, eu nunca mais ouvi nada dele.

Eu guardo o mangá e, sem paciência para olhar para todas as outras revistas que estragaram a minha vida com suas modelos magras e que nos ensinavam a fazer uma nova vitamina detox, eu me viro e vou embora. Está aí uma coisa da qual eu não sinto nenhuma falta: a mídia e a influência dela sobre nós. E era uma influência que você não conseguia mudar de modo algum. Eles implantaram em nós o que achamos bonito e o que não achamos e era muito difícil se desprender disso. Eu juro que tentei.

Dormi o suficiente enquanto estava naquela loja na Liberdade, então acredito que vamos chegar na minha escola amanhã mesmo, se continuarmos nesse ritmo. Minhas pernas estão queimando de tanto andar. É aí que ouço uma voz distante:

— Moça!

Eu me viro com a mão firme na arma. Tem uma mulher de no máximo cinquenta anos andando na minha direção com uma criança do lado, mancando o mais rápido que pode. Parecem desesperados e eu não tenho coragem de dizer algo para assustá-los. A mulher vê a minha arma, mas parece confiar em mim para não atirar e continua vindo. No entanto, coloca a mão na frente da criança para mantê-la para trás. A criança tem cabelos longos até os ombros, lisos e brilhantes, a pele escura. A moça tem a pele de um tom mais claro, mas os cabelos são quase prateados.

— Por favor, não atire — diz ela.

Penso em dizer que não vou, mas ela também pode estar me sondando para fazer um ataque maior. Eu olho ao redor, procurando por mais alguém.

— Tudo bem? — eu pergunto.

— Nós fomos roubados há um dia — diz ela, abraçando o garoto. —

Eu e o meu filho. Meu nome é Carol, esse é o Jaime.

Aperto os lábios.

— Você entende a minha relutância, não entende, Carol? — eu pergunto.

A mulher começa a chorar.

— A gente entende, mas o Jaime está com muita fome! Se você tiver algo, por favor...

Eu suspiro e aponto com o queixo para a banca da qual eu havia acabado de sair.

— Entrem ali.

Ela obedece e eu sigo atrás, com alguns metros de distância. Ouço a Carol arfar ao ver o corpo, mas o filho dela não parece nada abalado e entra mesmo assim. Ele senta no chão perto das revistas em quadrinhos e olha para mim. Seus olhos estão brilhando, então ele está segurando para não chorar.

Eu chego e me abaixo para afastar o corpo para longe. Pego o cara pelas mãos e o arrasto para fora da vista deles e volto.

— Eu chego no meu destino amanhã, então eu acho que posso dar alguma coisa, sim — eu digo, alcançando minha mochila. Pego de lá um frango frito que peguei da comunidade de onde saí, a comunidade do Bryan e duas maçãs. Também uma das garrafas da água. Carol vai pegando tudo desesperadamente. — Podem beber até a metade da garrafa.

— Obrigada — diz a mulher, tão aliviada que eu me envergonho de ter pensado que ela queria me atacar. Ela divide o frango entre ela e o filho e eles

começam a comer com as mãos. A mãe come calmamente, mas o garoto termina o frango em segundos e parte para a maçã.

— Com calma, Jaime, se não, não dura muito — diz a mãe.

— Para onde vocês estão indo? — Pergunto.

— Estamos procurando uma comunidade — diz ela. — Qualquer uma.

— Eu estou indo até o Morumbi. Eu posso ir acompanhando vocês. Ir oferecendo comida, água e tal.

A mulher ainda está chorando.

— Moça, muito obrigada.

— Mariana — eu faço um sorrisinho de má vontade. Estou muito sem graça para poder sorrir de verdade.

— Obrigada, Mariana — e aí ela termina o frango dela e passa para a maçã. O Jaime mesmo já está terminando a dele. — O que tem no Morumbi?

Eu suspiro.

— O meu namorado, talvez.

— Ele está em uma comunidade?

Fiquei com preguiça de explicar.

— Mais ou menos — dou de ombros. — Mas vou ajudar vocês a acharem uma.

A mulher não para de chorar de jeito nenhum. Eu só quero que ela fique calma e aliviada.

— Obrigada, obrigada, obrigada — ela fica dizendo.

— Está tudo bem — eu suspiro e me sento no chão perto deles para poder esperar. — A gente acha um lugar antes do sol nascer.

A mulher está comendo tão devagar que está me dando nervoso, mas fico feliz em vê-la feliz daquele jeito. Faz com que eu me sinta mais aliviada, saber que alguém está feliz.

— Uma moça bonita como você não deveria estar viajando sozinha —

ela diz. — As pessoas pegam as moças bonitas para... Contrabandear. Eles abusam delas. Eu já vi comunidades assim, não é nada bonito.

Eu sei disso como ninguém.

— Eu sei, mas eu não tenho muita escolha.

— Mas essa arma deve ajudar bastante — observa ela. — Onde conseguiu?

— Uma amiga me deu — eu falo, olhando para as partes reluzentes da arma.

— Não sei onde ela conseguiu. — Estou tão cansada dela ficar me fazendo perguntas que eu mudo de assunto: — O que aconteceu com a comunidade antiga de vocês?

Carol olha feio de relance para o Jaime, que obviamente já terminou sua maçã e está bebendo a água bem aos poucos.

— O Jaime aprontou, roubando frutas e legumes da colheita para comer. Fomos expulsos.

Eu ergo as sobrancelhas para o garoto.

— Caraca, Jaime.

Ele acha engraçado e abre um sorrisinho. Não consigo fazer nada além de sorrir de volta.

— Bom, pelo menos ele fez uma amiga agora — diz a Carol. — Ele nunca se deu bem com as outras crianças.

— É de se esperar — eu digo, sem conseguir desviar meus olhos dele.

Ele tem olhos gigantescos em uma cabeça pequena e parece capaz de mudar o mundo e ferrar com a vida alheia. Essa cara que crianças geralmente têm.

— O mundo dele virou de cabeça pra baixo. Não tem mais escola ou videogames.

— Não sinto falta da escola — diz ele, e a mãe dele ri. Tenho a sensação de que ela não faz isso há muito tempo.

— Do que você sente falta? — Pergunto, porque adorei a voz dele.

Parece me desafiar a alguma coisa. Talvez a ser mais esperta do que ele, e acho que eu posso ganhar.

— Dos meus amigos. Do meu pai. De brincar.

Acho interessante ele não ter citado nenhum bem material, só pessoas que não podiam ser substituídas e algo que poderia ser feito em qualquer lugar e com qualquer coisa, já que crianças têm imaginação forte. Minha tia uma vez me disse que usava as garrafas de refrigerante vazias como boneca, para poder colocar para dormir e essas coisas. Imagine alguém dando colo para uma garrafa vazia de Pepsi, a de dois litros mesmo.

— Posso ser sua amiga — eu falo. — E podemos brincar, aí posso te preparar para ter amigos na sua comunidade nova.

Eu odeio criança. Eu odeio brincar com criança, só que o Jaime me conquistou por ser meio peculiar. Eu espero a Carol terminar de comer e beber a água enquanto o Jaime pega uma revista da Turma da Mônica e fica folheando. Ele olha com bastante atenção, mas mesmo assim não consigo dizer se ele sabe ler ou não.

22h32min

Outra coisa que você encontra bastante pelas montanhas de concreto e corpos são coisas. Colares, livros, roupas, móveis. Você precisa observar bem a área e os corpos para ver se tem o risco de estarem infectados com alguma doença, mas o que você mais encontra são brinquedos. Tipo, muitos e muitos brinquedos. É claro que a maioria deles está quebrado e horrível, mas no caminho para cá o Jaime se abaixa e pega um deles.

A Carol interrompe nossa conversa sobre a antiga vida dela para dar um tapa na mão dele.

— Jaime!

O brinquedo cai, mas não se quebra. É um Homem-Aranha sem uma perna. Eu olho ao redor. Os corpos aqui não estão cheios de bolhas ou qualquer coisa assim, o que significaria infecção.

— Acho que está tudo bem, Carol — eu digo e me abaixo para pegar o brinquedo de novo. Espero a Carol aprovar para poder devolver o brinquedo para ele. Ela também dá uma olhada ao redor e suspira.

— Ele já tocou, né.

Eu devolvo o Homem-Aranha pernetta para ele o Jaime e ele imediatamente começa a fazer barulhos de tiros para que o boneco possa desviar. Me abaixo e pego um cachorro de plástico brilhante que uma vez foi colorido, mas agora é tingido de tons escuros: marrom, preto, cinza. Eu me aproximo e digo:

— E esse aqui é o Cão Maravilha, o novo ajudante do Homem-Aranha.

— Homem-Aranha? — o Jaime aparentemente não sabia o nome do boneco, só achou ele bacana. Eu suspiro.

— Quer dar outro nome? Eu só inventei.

— Homem Vermelho.

Nós vamos andando devagarinho. Eu balanço a cabeça.

— Esse nome é deselegante demais. Quem sabe... Homem Escarlate?

Ele para de mexer o boneco no ar.

— O que é escarlate?

— É uma palavra mais bonita para vermelho.

— Certo, pode ser.

E aí ele ergue a mão para pegar o Cão Maravilha da minha mão, mas eu puxo

o brinquedo para mim.

— A primeira lição para fazer amigos, Jaime, é que você tem que dividir.

Ele faz uma caretinha.

— Mas você não sabe como eu brinco!

— Nem você como eu brinco. Você tem que me ensinar.

— Você é boa nisso — diz Carol. Quase digo que na verdade eu odeio crianças e por um segundo estive perto de atirar o brinquedo na cara do Jaime, esse pequeno egoísta, mas eu dou um risinho em agradecimento.

Eu passo minutos incontáveis brincando com o Jaime enquanto seguimos lentamente. Ele gosta de se desviar de mísseis invisíveis, e o tempo todo o Homem Escarlate precisa da ajuda do Cão Maravilha para ir de um lugar ao outro. A gente sobe em montanhas de concreto. A gente desce de montanhas de concreto. Às vezes eu tentava inventar algo maior, alguém que estivesse jogando os mísseis ao invés dos mísseis nos odiarem por conta própria, mas o Jaime detestou a ideia e foi aí que eu suspirei e dei o Cão Maravilha para ele para tomar uma água e deixar ele brincando sozinho.

A Carol está segurando minha mochila, para que eu possa ficar mais confortável brincando.

— Água — eu digo, sem fôlego. Comendo tão pouco, a gente se cansa fácil.

— Aqui — ela tira a mochila e me dá. Abro e pego minha garrafa, bebendo uns dois goles e colocando de volta. Eu coloco a mochila nas minhas costas dessa vez.

— Cansei — anuncio.

— Imaginei — sorri Carol.

Nós andamos em silêncio por um tempo. Os nossos passos no chão cheio de pedrinhas, o olhar atento para não pisar em nada, o Jaime fazendo o barulho dos tiros (era o barulho dos tiros de uma nave de Star Wars, o que eu duvido que seja o barulho de um míssil) e eu tentando recuperar minha respiração. Eu fiquei incomodada com o silêncio, como se isso importasse, mas depois de um tempo a Carol disse:

— Estou curiosa sobre você, Mari. Qual é a sua história?

Eu balanço a cabeça. Está bastante frio agora, acho que vai chover, por isso estou me abraçando.

— Nenhuma, eu sempre fui uma adolescente normal. Nem cheguei na faculdade.

Carol balança a cabeça em negação.

— Não essa história, a história depois da guerra. Onde está a sua família?

Que mulher abusada, mas sinceramente, você que está aí, eu sinto falta de ser honesta com alguém que seja real. Você me entende, não é? Você nem existe. E nem as pessoas do acampamento da Larissa se importaram o suficiente para perguntar qual é a minha história e como eu fui parar lá. Estou sendo atraída para a armadilha de ser honesta.

Eu suspiro.

— Quando os bombardeios começaram, eu me mudei para São Bernardo, onde tem uma parte da minha família. Sempre morei com os meus tios e o meu primo. Quando as coisas ficaram mais sérias, minha tia saiu para conseguir mais comida, me deixando com o meu tio e o meu primo, mas aí lançaram uma bomba biológica na nossa área e nós tivemos que fugir. Depois disso... — Pausa. Suspiro. Ainda não consigo dizer isso, não para alguém que eu mal conheço. Não a história toda. — Você se lembra que me falou para ter cuidado porque pessoas pegavam meninas bonitas?

Ela arregalou os olhos. Falou lentamente:

— Para contrabandear...

— Sim. Eu fui uma delas, mas eu fugi.

Ela começa a correr até o Jaime. Assim, do nada. Eu paro e fico olhando assustada. Carol está sussurrando algo para o Jaime, mas estou tão assustada com essa reação que nem consigo ouvir.

E aí eles começam a se afastar de mim correndo, e eu grito:

— O que foi?!

Mas a Carol continua correndo sem me olhar e eu não vou atrás. Eu fico olhando eles tomarem um caminho diferente, indo para a esquerda, sabendo eles que eu estava seguindo um caminho reto.

Eu fico parada mais uns minutos antes de perceber o que aconteceu. É

claro. É claro. Eu estava colocando a vida deles em perigo, e a Carol percebeu isso no mesmo instante. Mesmo assim, foi muito rude da parte dela sair correndo e nem agradecer pela comida e água que desperdicei com ela e o Jaime. Sem contar que estou exausta por ter brincado com ele. Eu fecho os olhos e suspiro. É, é isso aí, eu estou a ponto de chorar de novo. Porque agora sou essa pessoa tóxica e perigosa e as pessoas nem querem mais aceitar a minha ajuda. Perfeito.

Eu me viro para você, que nem sabe o que está acontecendo direito.

Meus lábios estão tremendo e meus olhos brilhantes de lágrimas, e eu digo:

— Não é culpa minha, não é...

Você, que está carregando minha história comigo, quer saber o que é.

Eu estava prestes a te contar quando fui interrompida pelos canibais, e estou pronta para contar agora. Acho que agora é a melhor hora, já que essa história fica martelando na minha cabeça, pesando os meus ombros e o meu pulmão, embrulhando meu estômago, partindo o meu coração.

Você deve ter reparado que eu quase nunca falo do meu meio-irmão-completamente-primo e do meu tio. Quando eu falei, foi vagamente, porque eles são parte da história, mas há um motivo maior por trás disso.

Depois que uma arma biológica foi lançada na nossa área em São Bernardo, nós fugimos, é claro. Ouvimos os gritos e saímos correndo. Meu tio pegou o carro e a estrada estava tão abarrotada que tivemos que sair e ir andando. Mas nós éramos pessoas sedentárias, cheias de açúcar e conservantes no corpo de todos os salgadinhos e frituras; e a gente se cansava

muito rápido. Acampamos na floresta por dias, mas com o tempo nossa comida e nossa água foi acabando, e ninguém nos ajudava. A comida de todo mundo estava acabando também, é claro.

Um dia meu tio saiu para encontrar ajuda. As comunidades estavam se formando, mas chamávamos de acampamentos. Ele saiu de dia e eu fiquei o tempo inteiro com o Mateus. Ficávamos dormindo, chorando e conversando.

Ele me falava da namorada dele, a Flávia, e eu falava do Bernardo. A gente falava da nossa tia e onde ela poderia estar. Da nossa vida. Das coisas que sentíamos falta. Do horrível frio que fazia. E aí quando nosso tio retornou à noite, um homem grande e forte vinha com ele. Aquele cara que é rato de academia, sabe? Ele nem olhou para o meu primo, só pra mim e sorriu. E aí o meu tio se aproximou e disse que eles haviam achado um lugar, mas havia um acordo. E o acordo era eu.

Fiquei pensando comigo que dependia de mim se nós íamos morrer de inanição ou hipotermia, o que viesse primeiro. O único preço era o meu corpo. Fiquei achando que era um preço pequeno, visto o que estava em jogo, e nós todos ficaríamos juntos. Então, mesmo chorando, eu disse sim, e o homem nos levou e aquela noite... A primeira noite foi dormente. Foram cinco homens ao todo, e eu tive que os receber antes de comer, dormir ou tomar um banho. Foi dormente porque o tempo inteiro eu ficava tendo esses resquícios de memória do que o meu pai fez comigo. Eu não sentia nada, mas

eu chorava silenciosamente. Afinal, eu não havia superado os anos sendo abusada do meu pai. E aquilo estava acontecendo de novo.

O caso é que um tempo depois, a nossa comunidade estava ficando escassa de alimentos. Eles precisavam de sementes. E, de novo, o acordo era eu. Eles não me perguntaram se eu estava de acordo. Um dia eles me acordaram e viajaram comigo para poderem me trocar em outra comunidade, e eu nunca mais vi o meu tio ou o meu primo. A última vez em que eu os vi foi no jantar no dia anterior, mas desde que havíamos chegado eles mal falavam comigo. Vergonha, eu acho. A outra comunidade era ainda pior, cheio de garotas de todas as idades. E a história é essa: eu fui trocando de comunidade. Quando eles não precisavam mais de mim, faziam uma troca por algo mais valioso. Água, cobertores, colchões, sementes. Eu já tentei fugir duas vezes, e foi em uma das fugas que achei o corpo da minha tia, mas sempre me encontravam. E é por isso que fugimos da comunidade do Bryan.

Foi assim que eu consegui voltar para São Paulo. É por isso que a Carol fugiu. Prostituição ainda é uma coisa grande no mundo, e, quando uma de nós foge, eles vêm atrás. Tanta coisa vem acontecendo que eu havia esquecido que estou foragida. Havia me esquecido do Bryan e da certeza que ele saiu da comunidade para me procurar. Se eu for pega com alguém, eles matam a pessoa e me levam. Nunca aconteceu comigo, mas sim com outras meninas. A Carol só estava tentando se salvar.

Eu me ajoelho e agarro meu cabelo, que está solto desde a comunidade da Larissa. Eu perdi o meu amarrador. Falando sério. Não é culpa minha. Eu só estava tentando proteger a minha família. Fiz o que eu achei que seria melhor.

Era disso que a Larissa estava falando quando cheguei na comunidade dela. Ela também havia passado por isso. É uma experiência horrível, a de virar uma mercadoria. O seu valor diminuído. A sua vontade e os seus desejos completamente descartados. Você deixa de ser um ser humano.

Eu suspiro. Não vou chorar. Estamos quase lá. Estamos pertinho do Bernardo, a noite já caiu e antes que ela vá e volte de novo, eu já estarei com ele. Ele está vivo e bem. Está tudo bem.

Vamos andando. Tenho outra coisa a dizer, a última coisa. A última lição e tal, e eu deixei o melhor para o final. Na verdade, é somente a lição mais importante, porque eu mesma tenho muita dificuldade nessa. Com um suspiro, eu solto:

— Você tem que amar a si mesmo.

E não me venha com essa. Nem tente! Porque você vai inventar coisas, vai dizer que não tem nada de mais, nada a oferecer, vai me dizer que é fraco, que

é isso ou aquilo, pode até mesmo pensar que é uma pessoa ruim. Bom...

Eu seguro a sua mão. Meus dedos se entrelaçam nos seus.

Sei que não adianta dizer que isso não é verdade. Mas não é. Você esteve aqui comigo por todo esse tempo, você salvou a minha vida, você ouviu o que eu tenho a dizer. Eu amo você. Eu acredito em você. Sei que é difícil viver nessa geração em que pedem demais: vocês se sobrecarregam em vestibulares e trabalhos, vocês dão dinheiro demais para a indústria da beleza e você não vale nada se não ser formado em inglês e não souber puxar assunto com facilidade. Olhe para mim.

Olhe para mim.

Eu não ligo para quantos anos você tem. Eu não ligo se você tem filhos ou não, se tem um histórico ruim, se sente aprisionado de alguma forma. Eu não ligo. Eu te amo, mas você só vai sair dessa vivo se amar a si mesmo.

Amor próprio te alimenta. Você vai morrer se não me ouvir agora mesmo.

Você não precisa daquelas notas altas para ser adorável. Você não precisa daquele cargo alto para ser amável. Você não precisa estar sempre trabalhando no seu desenvolvimento intelectual para ter algo a oferecer. Você é algo a ser oferecido. Quando você me ouve, está me oferecendo a sua atenção. Quando interage comigo, está me oferecendo a sua companhia.

Atenção e companhia é tudo que você pode dar a alguém que realmente importa. Literalmente tudo.

Eu dou um sorrisinho. É mais fácil falar do que fazer. Ok, eis uma dica.

Minta até que seja uma verdade. Teve um dia que eu quebrei a máquina de costura da minha tia, e eu neguei tanto, nem eu sei o motivo, eu não admiti para ninguém, nem para o Bernardo, nem para nenhum amigo meu, e eu ficava reclamando: “a minha tia está maluca, me culpando daquela forma, me deixando de castigo”. Eu não disse a ninguém. A verdade de que eu quebrei aquele troço morreu em mim e nasceu a mentira de que não fui eu, e chegou uma hora que eu acreditei nisso.

Eu não quebrei a máquina de costura tentando consertar um suéter.

E você ama a si mesmo.

Você pode ir devagar. Comece de uma forma sarcástica, satírica. Você é o rei do mundo, está sempre certo, é perfeito, lindo de cegar, essas coisas assim. Faça graça com essa merda. Se alguém te elogiar, brinque dizendo que você sabe. Você está entendendo, não é? Faça isso até consigo mesmo. Na frente do espelho, não se atreva a murchar os ombros e pensar que vai cancelar os

planos para sair porque está se sentindo horrível. Diga a si mesmo que é fantástico, e então você será.

Porque a sua mente e o que você é não são a mesma coisa. O que se passa na sua mente é o resultado de tudo o que você viu e vivenciou. Você pode pensar seriamente em assassinar alguém e esse ainda não será você. O

que você é, é o que você escolhe solidificar. É com o que você decide que se identifica. A sua personalidade não é um objeto a sua frente que você não pode tocar, a sua personalidade é você, e você faz o que quiser com ela.

Então, se você se considera um merda, se isso te incomoda tanto, pare de ser um merda. Lembra? O único modo de sair é saindo.

É o que funcionou para mim. Eu sou a porra da rainha do mundo, linda mesmo, e eu carrego toda a verdade do universo comigo. Já dizia Diana, foda-se a porra da sua opinião.

Minha mão se aperta na sua.

8.2 BERNARDO

São Paulo, 9 de maio. 22h45min.

Eu abro meus olhos. A primeira coisa da qual tomo consciência é que mal consigo me mover. Não sinto nenhuma dor, mas meus movimentos estão muito lentos e meu estômago parece ter sido tomado por um buraco. A segunda coisa é que eu não sei se você está aqui ou não, se estou sendo capaz de te trazer até aqui ou se estou fraco demais para te imaginar. Bom, tudo o que você faz agora está fora do meu alcance. Só consigo conversar com você.

Quero rir e chorar ao mesmo tempo. Não acredito que estou mesmo morrendo. Se eu sumir, você já sabe, é porque estou sem força para te trazer.

Minha visão fica embaçada por alguns segundos, mas assim que volta ao normal, eu vejo o Doutor sentado na cadeira perto da porta, folheando uma revista para garotas adolescentes. Parece entediado. Me movo tão microscopicamente que ele nem nota que estou acordado. Eu falo:

— Cadê a Vênus? — minha voz está horrível. Acho que estou com asma. Ouço o chiado, mas não o sinto.

— Você precisa da sua bombinha? — aparentemente, o Doutor pôde perceber aquilo. Fico desesperado. Eu odeio coisas que me deixam anestesiado, talvez você se lembre. Não consigo sentir, não ouço mais o meu corpo. Nós perdemos a conexão.

— Acho... — eu paro e tusso. A sensação é muito engraçada, pois não senti vontade nenhuma de tossir e, mesmo assim, é uma tosse carregada de

vontade. — Acho que sim.

O Doutor se levanta e vai até a minha mala, que está do lado da cama.

A abre e enfia as mãos lá até achar a bombinha. Ele também não fala nada dos macacões, só me entrega.

— Quer ajuda para se sentar?

Eu tento e minha força é tão pouca que não consigo me apoiar na minha mão para me impulsionar para cima. Não preciso dizer nada, o Doutor

me envolve e me ajuda. Depois ajeita o travesseiro. Que besteira. Se a Mariana ou o Diego pudessem me ver agora...

— Com fome?

— Não sei — respondo. Eu me odeio por estar carrancudo dessa forma, mas não consigo evitar. Estou completamente puto da vida. Não vou ver a Mariana, ela vai passar o resto da vida procurando por mim e estou morrendo cercado por estranhos. E o meu irmão? Fico pensando nessa injustiça sem fim. Eu nem mesmo sei se você está aqui ou não.

— Como você se sente, Cheetos?

Eu suspiro.

— Possuído.

Ele dá uma risada nasalada. Ouço passos vindo do corredor e a porta se abre. É Vênus.

— Você acordou — ela sorri. — Como se sente?

— Possuído, ele disse — o Doutor responde por mim. Eu dou uma risadinha porque agora vejo a graça. O pequeno humor negro, mas Vênus não vê graça nenhuma e seu rosto nem se altera, ela só se aproxima e se senta na ponta da cama.

— Quer alguma coisa para comer?

— Melhor fazer alguma coisa, Vênus — fala o Doutor. — Ele não é capaz de sentir mais nada, até as coisas mais comuns estão desaparecendo.

Cheetos, sua bombinha.

Eu olho para ela em minha mão. Tinha até me esquecido. Eu a destampo, aperto o remédio e puxo o ar enquanto o Doutor continua a falar.

— Eu só estava esperando ele acordar para poder tirar sua temperatura, mas não sentir fome... Estão querendo te matar mais rápido. Comer vai retardar o processo natural, com certeza, talvez confundir o vírus. Ele espera que você

se alimente menos.

Meu corpo já está me decepcionando. Melhor eu o decepcionar de volta, como um último ato em vida. Vênus olha para mim, aperta os lábios e sai do quarto, sem dizer mais nada. O Doutor já está mexendo em sua pochete, pegando o termômetro e nem mesmo me oferecendo para que eu coloque. Ele levanta o meu braço, coloca embaixo dele e o abaixa de novo, com movimentos cuidadosos.

— Eu não sinto nada — digo. — Não tenha medo de me machucar.

O Doutor suspira e se senta na ponta da cama onde antes Vênus estava.

— Ajudaria se eu te contasse uma história?

Fico surpreso.

— Uma história sua? Do passado?

Ele faz que sim. Sinto que eu não deveria perder essa oportunidade.

— Que tipo de história? — pergunto.

— Não entendi.

— Uma história que vai me ensinar algo? Uma história feliz para me acalmar? Ou só algo que você quer compartilhar?

O Doutor balança a cabeça lentamente.

— Você é diferente, Cheetos. Um garoto que eu nunca achei que fosse existir. Muito inteligente.

O Doutor é exatamente como eu imaginaria de um velho carrancudo: reservado, distante e limitado, então não sei bem o que dizer de volta a não ser:

— Obrigado.

Ele dá um sorrisinho mínimo, quase como se estivesse se sentindo obrigado.

— A história que eu vou lhe contar... Não sei bem o que é. Se é por mim ou por você, acho que pode depender do ponto de vista — ele faz uma pausa e olha fixamente para a janela extensa. Eu dou uma olhada também. É

estranho estar tão alto e não ver nenhuma outra coisa a nossa altura. Daqui de cima, parece que o mundo virou o maior depósito de lixo do mundo. — Na minha vida, Cheetos... Fui uma pessoa ruim. Eu fui um bom médico, mas um médico era a única coisa que eu sabia ser. Eu tinha uma família, mas eu não sabia ser pai, marido ou sequer um amigo. Até hoje não sei como. Estou tentando agora.

— Não está indo tão mal assim — eu digo.

— É porque não é tão difícil quanto achei que fosse. Eu ficava frequentemente irritado. Nós tínhamos uma boa casa, deixava minha esposa a decorar do jeito que quisesse, mas aquelas paredes tinham histórias ruins para contar. Eu... — ele para e suspira. Sua boca está tremendo. — Eu batia na minha esposa. Ela me traía, mesmo com todo o dinheiro que eu dava para ela.

Eu contava tudo para os nossos filhos, para que tomassem o mesmo ódio da mãe que eu tinha. Mas quando a Rose pedia o divórcio, eu não deixava. A tratava como a minha propriedade, eu havia comprado ela e ela tinha que ficar ali e aprender a me amar.

Acho que ele começou a chorar. Não consigo nem olhar para ele, constrangido.

— Meus filhos cresceram sem um pai e uma mãe. Eu os havia distanciando de nós dois pelas coisas que fazia com que ouvissem. Depois, eu comecei a bater neles também, mas eles... Eram só crianças. A mais velha tinha catorze. Julia, Verônica e Breno.

A voz dele está tão embargada e estranha que é certo de que está chorando agora. Ele começa a gesticular e a balançar muito a cabeça, e sou obrigado a olhar. Não tem nada que chame mais a atenção. Reparo que Vênus está parada na porta com uma trouxa com a comida. Não se move nem um centímetro, nem pisca.

— Eu ia... Depois de ver o rosto do Breno, os hematomas e cortes que eu havia feito com o cinto, decidi que iria matar a todos nós. Eu estava estragado e havia os estragado também. Não eram mais as criaturas bonitas que costumavam ser. Eu ia. Eu estava prestes a contratar alguém para nos matar quando a guerra começou. E eles fugiram. O mundo estava acabando e não quiseram ficar comigo. Eles nem... — a esse ponto, ele não consegue dizer mais nada e Vênus se senta ao meu lado, abrindo a trouxa no meu colo.

— Obrigado — eu digo, mas não começo a comer. Tem um homem chorando bem na minha frente, se arrependendo por ser ruim. Nunca havia visto alguém ruim de verdade se arrepender. Achava que permaneciam ignorantes pela vida inteira.

Mesmo entre soluços, o Doutor consegue dizer:

— Se você realmente for agora, Cheetos, por favor, por favor, se eles estiverem lá, diga a eles que eu sinto muito.

A Vênus anda de joelhos pela cama até ele e o abraça por trás, envolvendo os ombros do Doutor com os braços dela, encostando a cabeça em sua nuca. Isso

só faz o Doutor chorar ainda mais alto, como se alguém estivesse revirando uma faca nas suas entranhas. A Vênus fala:

— Você não é mais aquela pessoa.

A Mariana já me consolou tantas vezes enquanto eu chorava que por um momento acho que aquela voz é dela. Fico pensando que ela e a Vênus têm muito em comum e é por isso que eu tenho essa queda por ela.

Sentindo que eu estava me metendo em alguma coisa que não era muito da minha conta, que a história do Doutor chegou a um ponto que ele não queria ter chegado, eu começo a comer. Estou pensando se aquela história

não era, afinal, sua redenção. Para meu alívio, o Doutor se levanta e se vai, em silêncio, devencilhando-se dos braços amorosos de Vênus. Ela e você o observam ir, mas eu continuo a comer.

— Nunca? — eu pergunto.

— Nunca. Achei que ele não chorasse. Um robô que veio do futuro.

Sei que ela está tentando me fazer rir, mas não está funcionando. Eu nem tento esconder isso. Falando no próprio, o Doutor finalmente volta. Seu rosto ainda está vermelho e inchado.

— Tenho más notícias. Tem muitas rachaduras nas paredes.

A Vênus aperta os lábios.

— Eu percebi... mas será que chega a esse ponto?

— Não podemos arriscar.

Sei do que estão falando. Eles acham que esse lugar pode cair a qualquer momento.

— Mas, e a Amora, Índio e o Atchim? — pergunto. — Como vão nos achar?

— Melhor nos acharem mais tarde do que nos acharem mortos —

suspirou o Doutor. — Vênus, me ajude aqui na cozinha.

— Já vou — ela diz e o Doutor se vira e vai embora. Ela se volta para mim novamente e diz: — Não morra.

Aquilo é tão repentino que eu acho que não entendi direito.

— Não entendi.

— Bernardo, não morra.

E de repente ela é a Mariana de novo. Minhas mãos agarram a roupa de cama e eu fico estático.

— Eu vou tentar — digo. Vênus de novo. Queria saber se você está aqui ou não para poder te perguntar qual é a verdade. Vou lançar a pergunta mesmo assim: qual é a verdade?

Eu espero.

Eu estou sozinho aqui dentro?

A sua voz demora, mas vem, e diz que a verdade é que essa não é nenhuma das duas. Como assim?

Você diz que eu sei. Que essa é a minha mente e eu sei.

E de repente há um barulho ensurdecedor e Vênus se abaixa para ajeitar a minha mala.

— A gente tem que ir!

No fundo, a sua voz me diz para não morrer. Diz para eu manter os olhos abertos. Eu estou tentando, mas está tudo caindo e se fundindo e se contorcendo e eu não consigo entender mais nada. Chego ao ponto de precisar se conduzido. Vênus agarra meu pulso, o volante do meu corpo. Vai dizendo coisas que eu não entendo, e eu somente a sigo. Olho ao redor, vendo coisas e pessoas que não deveriam estar aqui. Minha mãe — mas não é ela, uma versão mais amorosa. Pessoas do ensino médio com quem não falo há anos. De repente, você me diz para tomar cuidado com as escadas. Eu me esforço para correr, mas estou sempre tropeçando e por pouco não metendo a cara nos degraus, me segurando ao corrimão com uma mão e a outra segurando a de Vênus. Ninguém consegue dizer nada e está tudo caindo, abrindo buracos, ameaçando nos matar. É tão surreal que nem sinto que estou aqui. Sinto que sou um boneco em um videogame e você só tem que continuar empurrando o analógico para a frente e no máximo apertar o X

quando um buraco aparece no meio do caminho. Pensar assim torna a fuga mais fácil. Nós estávamos no nono andar, e agora estamos no terceiro, no segundo... Vamos escapar. Só empurra o analógico e aperta o X.

Primeiro andar. Eu tropeço de novo e a escada abre um buraco bem ali.

Minha perna se enterra. A Vênus começa a gritar que tudo vai ficar bem. Eu juro que está tão confuso para mim quanto para você, Viajante. Eu fico calmo e espero ela me puxar com toda a força, e aí vem o Doutor, e os dois ficam lá até que eu finalmente consiga sair; e saem comigo apoiado em seus ombros.

Térreo. Saímos, mas ainda temos que correr para evitar as pedras caindo e rolando.

O barulho é horrível. Mas aí eles me deixam cair. Os dois, ao mesmo tempo. Como se tivessem desaparecido. Eu solto um gemido, finalmente minha cara

conseguiu o que queria: ir direto para o chão. Fico parado lá por um tempo, esperando a dor vir, mas é claro que ela não vem. E aí eu me esforço muito para conseguir me levantar, apoiando meu braço no chão, me perguntando porque diabos eles não me ajudaram a me levantar, mas a resposta é: eles não estão mais aqui.

A primeira coisa que eu sei: eu estou sonhando... Enquanto o prédio caía, eu devo ter caído, ou batido a cabeça, e agora desmaiei e estou sonhando. Não sei se as pessoas sonham quando desmaiam, mas parece que sim. O chão está avermelhado e esburacado, mas o céu está lindo, amplo e aberto, as estrelas tão gigantes que parecem a quilômetros de distância, somente. Sem anos luz envolvidos. Sei algumas coisas de astronomia por causa da Mariana, que sempre foi fascinada. Ela tem uma tatuagem do sistema solar no colo. Está de noite, mas não vejo a lua em lugar algum.

O único outro elemento: a Mariana.

Ela está parada, de costas, olhando a imensidão do universo que parece tão próximo agora. Está usando jeans, camiseta sem mangas branca e está descalça. Ela sempre odiou pés e por isso nem usava chinelos, então não sei o que está fazendo descalça em um chão esquisito como esse, avermelhado e rochoso... Sei que estou alucinando, mas aqui é tão real que fico muito feliz em vê-la. Primeiramente, eu nem consigo abrir a boca para dizer alguma coisa, e na verdade eu nem preciso. Ela se vira, me vê e sorri.

— Aqui é Marte — ela fala. — Nós conseguimos.

Estou alucinando. Queria que não estivesse, mas estou. E é por querer que eu alimento a alucinação.

— Colonizamos o sistema solar? — pergunto, abrindo um sorriso.

— Sim. O universo é só nosso. O planeta Terra que se exploda.

Eu ando a passos largos até ela e a abraço. Ela faz o mesmo, do mesmo modo que eu me lembro. Os braços ao redor da minha cintura, a cabeça no meu peito, os olhos fechados, o cheiro do cabelo dela.

— Finalmente somos alienígenas — eu suspiro e um peso no peito que eu não havia notado antes se esvai. Me sinto muito mais leve agora e, por mais que eu me agarre a verdade, eu deixo ela se esvaír também.

E aí ela se afasta um pouquinho, segura o meu rosto, me aproxima e me beija. É um beijo leve, como se estivéssemos apenas nos encontrando em um dia de semana comum. Não é o beijo apaixonado do reencontro, desculpe a decepção. Ela sorri e diz:

— Me conte tudo.

Nós nos sentamos ali mesmo. Não consigo sentir a temperatura do chão direito, então não há muito o que descrever.

— Estou morrendo — eu digo, com calma.

Ela balança a cabeça para cima e para baixo.

— Eu sei. Como se sente?

— Nada. É em fases, na verdade. Às vezes eu fico puto, às vezes eu fico desesperado.

Ela ri.

— Você fica puto?

Eu sorrio. As bochechas dela ficam bonitas quando ela sorri, como se fossem dois sóis radiantes. Sei que é esquisito.

— Fico puto porque não é nada do que eu imaginei. Ou nada do que deveria ser.

— Como deveria ser, Bernardo? — está rindo de novo. — Me conte tudo sobre como sua morte deveria ser.

— Bom, do jeito que estamos... — eu desvio o olhar dela por um breve instante e olho para o universo. Agora que sei onde estou, consigo ver outros planetas e o sol distante. — Eu deveria morrer bem velho. Ou não, no mínimo uns sessenta anos, em uma comunidade de música onde meu irmão está. Ele estaria cuidando de mim em uma das cabanas, e você do lado, cantando.

Ela balança a cabeça.

— Cantando? Para você implorar pela morte ou pela surdez, o que vier primeiro?

Eu ergo a mão e acaricio o rosto dela.

— Você canta bem — ela se acha uma cantora bem mediana, mas eu a acho incrível.

— Não enquanto estou chorando — responde ela. — Eu nunca cantaria enquanto você morre, Bernardo. Meu humor negro não chega até aí.

— Cantaria se eu pedisse.

Ela dá um suspiro longo.

— É.

Pausa. Eu digo:

— Estou com medo.

Ela hesita, mas diz:

— Não tenha. Eu já estou mortinha.

Sei que eu deveria sentir alguma coisa, mas na verdade eu dúvido. A Mariana sempre foi de mentir para proteger, e ela sempre foi uma ótima mentirosa.

Talvez esteja dizendo isso para que eu me convença de que não tem nada para mim na Terra, que posso ir em paz, que vamos nos ver do outro lado.

Ela olha bem nos seus olhos e fala brevemente a mentira, de modo que te convence. Você nem quer saber os detalhes.

Ela está olhando bem nos meus olhos. E é só isso que diz: “eu já estou mortinha”. Não fala quando, como ou porquê. Ela só está mortinha. Sei que ela está mentindo, tenho a total certeza. É só uma alucinação e ela também

pode estar falando o que eu quero que diga, mas ela mente como ela e fala como ela e, quando eu a toco, é a mesma textura dela.

— Eu não estou mentindo, Bernardo — reforça. — Eu morri. Faça o favor de vir até aqui logo.

Estou chorando e rindo.

— E o que tem aí para a gente?

Ela sorri.

— Tem o universo inteiro. Lembra o que eu te disse? Você sabe do que estou falando.

Eu sei do que ela está falando.

— Somos feitos de poeira estelar.

Era por isso que ela queria ser cremada. Se fosse, voltaria a ser somente poeira estelar. O que ela quer dizer em falar da poeira estelar agora, é que viemos do universo e voltaremos para o universo. Não o céu figurativo da Bíblia, mas o céu literal.

— Então você é uma estrela agora?

Ela faz que sim.

— Pertinho de Cassiopéia — que é uma constelação. — E dá para ver todo mundo de lá de cima. E vamos todos ver quando o sol finalmente engolir a Terra.

— Que show — dou risada.

— Que nem naquele episódio de Doctor Who.

O segundo da primeira temporada do novo Doctor Who, se você quiser ver. Quando o Doutor leva a Rose para ver o fim do mundo com Britney Spears tocando no fundo. Fui eu quem apresentei essa série para a Mariana.

— Talvez a gente veja a nave em que ele está quando isso acontecer —

falo. — E a gente possa alertar do que a Cassandra quer fazer.

— E ele nos pague com uma viagem na TARDIS — TARDIS era meio que... A espaçonave do Doutor que viajava no tempo.

— Para onde você iria? — pergunto.

Ela nem pensa duas vezes.

— Para o dia que eu te conheci. Não só pelo dia que eu te conheci, mas aí poderia tentar evitar o fim do mundo. Eu e você, com a ajuda do Doutor.

— O Doutor iria nos convidar para o acompanhar nas viagens seguintes. Seria inédito: duas estrelas como acompanhantes.

Ela balança a cabeça.

— Estou certa de que ele nos arranjará corpos.

Bom, ela tem razão.

— Eu conheci um cara chamado Doutor — eu falo.

Ela ri.

— Como é?

— Não é o nome dele de verdade, mas é essa comunidade que dá apelidos ao invés dos nomes. Eles estão... Ou estavam... Tentando me salvar.

— E ele é um médico?

— É. Acho que eu desmaiei, ou algo assim, e estou alucinando.

— Então talvez você viva — ela sorri.

— Talvez eu viva.

— E qual é seu apelido?

— Cheetos.

— Que grande merda.

Do nada, não sei porque, eu a beijo. Ela também não acha nada estranho. Quando eu paro, eu digo:

— Eles são ótimos.

— Então vá com eles quando você sobreviver. Fique com eles e seja chamado de Cheetos até os seus sessenta anos, quando você morrer. Ah, e pelo amor de Deus, busque seu irmão.

— E você?

— Vou estar te vendo daqui, pertinho de Cassiopéia.

Ela estava mentindo e agora não quer mais admitir a verdade. Talvez esteja me dizendo para onde ir para que possa me encontrar. Confio nela.

Quando a Mariana mente para te proteger, você deve confiar nela. Por isso continuo nessa brincadeira:

— E eu posso arranjar alguém? Me apaixonar de novo?

Ela balança a cabeça.

— Você enlouqueceu. Eu te lanço um meteoro.

— Sim, senhora — e eu a beijo de novo.

A partir daqui, nós ficamos em silêncio. Eu olho para a tatuagem do sistema solar no colo dela, totalmente exposta. Sei que deveria estar com medo, apavorado. Eu não estaria aqui se estivesse bem. Da última vez que estive consciente, estava tão fraco que não conseguia sequer te imaginar aqui, mas essa tatuagem me conforta de forma inimagináveis. Eu estava com a Mariana quando ela fez. Apreendi mil coisas com essa tatuagem, só a

observando, você ficaria surpreso. Eu aprendi que a vida não é um mar de rosas, o que aposto que você já ouviu. Mas as pessoas dizem isso com tanta convicção, com tanta dor no coração que estão todas completamente convictas de que não há nenhuma rosa para se ver. Nenhuma pétala suave para tocar, nenhum aroma que afaste as névoas de uma dor de cabeça.

Está confuso, não é? O que um mar de rosas tem a ver com aquela tatuagem, afinal? Eu vou chegar lá. Sabe o que um mar de rosas é? Um jardim. E é verdade, nenhum jardim vai brotar para você. E pior: um mar de rosas contém mais espinhos do que se possa contar. Mais espinhos do que um adolescente tem fios de cabelo.

A vida é jogo de cintura. Você nunca vai ser bom o suficiente, e nada nunca tem a ver com habilidade. Você pode se considerar inteligente e agir como um completo idiota sem nem saber identificar isso.

A Mariana era muito boa em um jogo chamado Overwatch – caso você não saiba, é um videogame de tiro em primeira pessoa, e basicamente você tem que impedir o outro time de alcançar o objetivo. Você não joga com máquinas, apenas outros jogadores de verdade. E ela era muito, muito boa.

Dava gosto de ver ela gritando, se frustrando, comemorando. Mas o mais engraçado é que, por melhor que ela fosse, estratégica como ela era, às vezes ela perdia. E perdia feio. E aquilo não tinha nada a ver com habilidade.

Aquilo simplesmente acontecia, e não havia razão em tentar imaginar o motivo. O time dela podia ser composto inteiramente por níveis avançados e eles ainda perdiam. Eu observava ela perdendo mesmo depois de dar muito, muito duro, e eu não podia evitar comparar a coincidência com a realidade.

Nem tudo é arte. Mas tudo pode ser transformado em arte. As coisas mais banais estão te dando sinais e conselhos desde os primórdios da vida. Às vezes nós somos espertos o suficiente para notar.

A boa notícia é: ela também ganhava. Às vezes a jogada dela era a mais notável da partida inteira. A vida é jogo de cintura, Viajante. Meus conselhos para você não são para viver uma vida melhor, nós não somos deuses. Não tem como transformar em ouro tudo o que tocamos. Eu te dou conselhos para aguentar o jogo de cintura. Eu te chamei aqui para te dizer: é agri-doce, mas é humano. E se você quer apenas um lado da moeda que é viver, se quer apenas o ouro, ou apenas a miséria (porque há pessoas que desistem de bons momentos por acreditarem que nunca vão conseguir nada), você está tentando ser um deus. E você não vai conseguir.

O sistema solar tatuado no colo da Mariana era para que ela pudesse se lembrar. Ela tinha escrito em seu teto branco, de caneta permanente em letra grossa e maiúscula... Foi logo depois de ter chegado em casa depois de fazer a tatuagem, a pele ardendo e vermelha onde as mínimas agulhas a perfuraram. Ela andou a passos largos, entrando no quarto dela como um furacão, o que ela era. E aí pegou a caneta da mochila jogada em uma cadeira e disse para mim, subindo na cama:

— Me ajuda.

Eu fechei a porta atrás de nós e tirei os sapatos. Não tinha ninguém em casa, era sábado à tarde.

— O que você vai fazer? — perguntei enquanto subia na cama.

— Uma coisa. Deixa eu subir nas suas costas.

Me virei e por uns minutos nós lutamos para manter o equilíbrio no colchão macio enquanto ela subia, enquanto suas pernas me envolviam e eu segurava suas coxas, ouvi o barulho dela destampando a caneta.

— Não se mexa — ela disse, mas eu já estava encontrando dificuldades para não tremer. Ela não era lá muito pesada, eu é quem não levantava muitos pesos.

Fiquei calado para me concentrar e ouvi o barulho dela riscando o teto.

Me concentrei em respirar e não me mover enquanto ela mantinha uma mão no meu ombro e outra erguida para escrever. Ela terminou, e eu simplesmente a soltei e ela caiu deitada na cama. Quando me virei para ver se ela estava bem, ela sequer estava me olhando de volta. Estava lendo o que escreveu no teto, com ar de admiração. Eu olhei para cima. Era um poema.

que os planetas te lembrem do quão pequena voce e tao tao minuscula

*seus brinquedos sao problemas e sua comida sao preocupacoes ainda assim
tao capaz de grandes coisas*

sonhadora sobre o dia de amanha

— Vou colocar os acentos depois — ela disse. Eu me virei e ela já estava olhando para mim com um sorriso. — Mas vou pedir para o Mateus me levantar dessa vez.

— Melhor — eu ri e me joguei ao lado dela na cama.

Que esse poema te conforte.

9.1 mariana

São Paulo, 10 de maio. 05h02min.

Então, eis a verdade: eu sou estúpida e fraca. Segui a Carol e o Jaime só para saber se eles estão bem. Nós estamos descendo por um conjunto de árvores que cerca uma comunidade para nos escondermos e ver se eles serão bem-vindos. Se serão bem tratados. Se não, eu simplesmente terei que ameaçar todo mundo com a minha arma e tirar os dois dali em segurança. Fácil. Eu ajo bem sobre pressão, eu acho. Eu me safei dos canibais, não foi? Quatro deles.

Ou cinco? Não consigo mais lembrar. O caso é que eu sei lidar com a adrenalina.

Paro atrás de uma árvore, me inclinando para o lado para poder olhar.

Estou os seguindo há horas, mas já estou tão próxima da minha escola que reconheço o caminho. Só quero me certificar de que estejam bem, e então, finalmente... Solto um sorriso. Olho para você. O Bernardo. Mas podemos deixar esse discurso emocionante para depois, antes de entrar na escola.

Enquanto o procuramos pelos andares. Eu prometo.

Essa comunidade é bacana. Tem barracas quadradas feitas com paus e lençóis, bonitinhas até. E bem grande, nem consigo ver onde acaba. O céu ainda nem clareou e já tem bastante gente se mexendo para lá e para cá.

As plantações têm boas opções, consigo ver galões de água e a fogueira para

o café da manhã já está acesa. Eles parecem legais também. Tem um bom número de crianças (as responsáveis pelo barulho, correndo de um lado ao outro com brinquedos quebrados) e vi até mesmo uma mulher grávida. É

claro que as pessoas ainda transam, não sei porque fiquei tão chocada em ver aquela barriga enorme, principalmente agora que está bem mais difícil achar uma camisinha ou uma pílula do dia seguinte.

Daqui, eu vejo a Carol abraçada com o Jaime enquanto conversam com um grupo pequeno de pessoas. Parece um tipo de julgamento para ver se eles podem ficar ou não, mas não acho que correm algum perigo de serem rejeitados. Jaime já está olhando ansioso para a comida e para as crianças, como alguém assistindo um jogo de pingue-pongue e Carol já tem lágrimas nos olhos. Mas de alívio, parecem. Depois vejo alguém vindo com um

cobertor e travesseiro para cada, e aí a Carol se abaixa e abraça o filho, dizendo algo que não consigo ouvir.

Suspiro. Eles parecem bem e felizes de um modo que eu nunca vou conseguir ser. Eu sempre exigi demais da felicidade. Eles estão contentes em ter um lugar para ficar, mas eu sempre vou querer mais da vida. Sempre senti que ela me devia mais. Uma história épica, um tipo de mito, uma coisa mágica, não sei. Ao invés disso, eu só tenho arrependimentos para contar e passar para frente para que você não repita os mesmos erros que eu. Mas a coisa mais engraçada é que eu ainda posso estar enganada. Ainda posso estar te dizendo coisas que não são precisas ou são exageradas porque a minha tristeza é exagerada. Você também pode entender o que eu digo de forma errada. Tem muitas formas de eu estar somente passando o caos para a frente.

Mas eles, Jaime e Carol? Eles estão bem. Se qualificam muito para esse lugar. Eu começo a pensar que não nasci para ser feliz. Não desse modo dramático que você já imagina, mas porque eu sempre vou achar a miséria em algum lugar e vou sempre me colocar para baixo e analisar as coisas de tal forma que vou perceber que tudo é meio sem sentido e desistir. Só que eu não quero ser assim.

O problema de ser quem você é, é que você se convence de que não pode mudar. Que todos os acasos da sua vida te levaram a agir de tal forma e você não poderia mudar isso mesmo se quisesse. Mas quem controla o efeito dos acasos sobre você é você mesmo, logo, você é exatamente quem deseja ser, como eu já te disse. O máximo que você teria que fazer é treinar seu cérebro a pensar de tal forma, dizem que levam trinta dias para formar um hábito. Gina Rodriguez, uma atriz que eu sempre admirei, dizia que o segredo para a felicidade dela era treinar o seu cérebro a ver cada coisa boa.

Como um conselho extra, depois da morte do Gustavo, eu twittei à Gina

chorando (claro que ela não sabia disso) perguntando a ela como ela lidava com a tristeza com tantas coisas ruins acontecendo no mundo. Eu acho que levou uma hora e ela me respondeu dizendo que ela simplesmente não deixa o ódio ganhar, ela não deixa esse demônio entrar e ditar as suas ações.

E que nós devíamos espalhar amor, sempre. Se tem uma pessoa que me salvava às vezes, era a Gina. Sei que pode parecer estúpido, mas ela é tipo a minha Oprah.

Acho que meu humor está melhorando. Estou dando risada. É porque estamos perto.

— O que você está fazendo aqui? — ouço uma voz calma perto de mim, feminina.

Eu mal olho. Eu a vi se aproximando pela minha esquerda. Aponto com o queixo para um garoto baixo, magro e branquelo. Parece que nunca viu sol na vida, não que eu seja de julgar.

— Aquele é seu irmão? — pergunto, mesmo que eu saiba a resposta.

Eu vi os dois saindo da mesma cabana e ela gritando para ele tomar cuidado enquanto corria para perto da fogueira para comer.

— Ele é meu filho — diz. Bom, pelo menos eu achei que sabia a resposta. Tento não olhar para ela surpresa, porque ela parece até mesmo mais nova que eu e aquele garoto parece ter uns oito anos. Talvez ela seja uma daquelas pessoas meio Avril Lavigne, que se parecem com adolescentes para sempre. Mesmo com dezoito anos as pessoas achavam que eu tinha quinze, até ouvirem minha voz rouca e de repente acharem que eu tinha vinte.

— Por quê?

Eu me viro para ela e dou o meu melhor olhar de Dexter. O assassino, não o cientista mirim.

— Convença-o a fazer amizade com o garoto que acabou de chegar, o nome dele é Jaime. E fique de olho nele, ele rouba.

Eu acho que ela está prestes a me dar uma resposta arrogante e sabichona, mas aí os olhos dela batem na arma que está nas minhas mãos, e aí ela suspira e diz:

— Está bem.

Eu sorrio.

— Está bem — e então eu me viro de volta para olhar pra Jaime e Carol uma última vez, mas eles já sumiram de vista. Devem estar em sua nova barraca, arrumando tudo, sorrindo, falando sobre a vida nova e o que vão fazer a

seguir. — Se não fizer o que eu te pedi, eu vou saber — eu digo para a mulher que sei que ainda está do meu lado, contemplando a comunidade comigo. Vou voltar aqui assim que estiver com o Bernardo, só para dar uma olhada.

Acho que ela dá de ombros. Pelo menos imagino assim quando ela fala em um tom despreocupado:

— Não tenho motivo para não cumprir.

Meu estômago se embrulha quando lembro, novamente, que estou perto da minha antiga escola. Hora de ir embora.

— Beleza, tchau.

E aí eu me viro e saio andando por entre as árvores. Não olho para trás de novo. Eu tenho um futuro para lidar.

Então, eis as opções do que pode acontecer (eu gosto de me preparar): **1. Bernardo pode estar morto, é claro.**

2. Ele pode ainda não ter chegado.

3. Ele pode ter esquecido.

4. Ele pode estar lá.

5. Ele pode ter sido morto lá.

Não consigo pensar em mais nada, realmente. A verdade é que, se ele não estiver lá, eu vou sentar e esperar. Ele pode estar morto ou ter esquecido, mas não posso arriscar. Talvez tenha se perdido e esteja procurando um mapa que nem eu estive todo esse tempo. Não sei. Mas já faz tanto tempo, talvez ele esteja lá. Eu não sei. Dou risada e um pulinho. Estou muito ansiosa.

Fico olhando para o caminho que eu reconheço. Ruas largas, a direção para o shopping. Nossa, nossa, nossa.

Acho que isso merece uma última lembrança. Eu acho que não vou precisar de você quando ele estiver aqui. Tipo, sem ofensas, mas você entende que vou ficar distraída demais para poder ficar te imaginando o tempo inteiro. Ter um amigo imaginário dá muito trabalho. Não sei se você já teve um, mas sempre que eu tentava antes da guerra eu acabava me esquecendo que estava tentando ter um. E solitária como eu, com tanto para dizer agora, fica difícil esquecer. Mas com o Bernardo? Eu vou ter um motivo para me distrair de novo.

Já começo pedindo desculpas. Foi mal.

Não, desculpas de verdade. Você merece mais. Me desculpe, eu sei que vou te deixar de lado. Sei que você vai ter que ir embora. Mas você não esperava que eu fosse ficar com você até o fim dos meus dias, esperou? Não aja como se eu fosse um tipo de ingrata. Eu só estou sendo sincera.

Agora, a lembrança. o Bernardo e eu. Eu falo muito sobre ele, mas nunca te dei uma lembrança completa, né? Só uns retalhos aqui e ali. Algo doloroso, algo intenso. Está na hora de uma coisa de verdade, que você possa sentir.

Eu tinha dezesseis e ele dezessete. Era um dos meus dias bons, então eu estava inspirada. Naquele dia, enquanto estava na escola, o Bernardo tinha me mandado uma mensagem me perguntando se eu podia esperar ele no Shopping Morumbi, ao invés de ir direto para casa. Eu falei que tudo bem e fiquei esperando perto da Applebee's que era meio que um ponto de encontro que também era uma piada interna, até ele chegar. Já disse que o Bernardo é um livro aberto? Ele se aproximou e eu soube que tinha algo errado. Ele não estava com cara de choro, só parecia devastado. Os ombros caídos e uma das mãos segurando a mochila no ombro, olhando para o chão o tempo inteiro até ver os meus tênis e levantar a cabeça para me olhar. Aí eu notei o olho roxo.

Eu andei até ele rapidamente, o melhor que se podia com aquele short-saia

ridículo da minha escola e segurei o rosto dele entre as mãos.

— Amor — suspirei, ou arfei, não sei. — Que foi?

Ele apertou os lábios e disse que tinha que me contar uma coisa. Nós saímos e ficamos sentados na escada que dava para o shopping, porque até que estava um dia agradável. Eu me preparei para uma notícia horrível, mas aquilo acabou sendo um tipo diferente de horrível. Ele disse:

— Você lembra quando a gente estava no Ibirapuera e eu te falei que também tinha dias ruins e era péssimo?

Achei que era só para me acalmar. Fazia quatro meses que a gente se conhecia, e em todos esses dias nós tínhamos agido como um casal. Ele realmente queria me ouvir nos meus dias ruins e resolver os meus problemas.

Acho que estava desesperado para me salvar de alguma coisa.

Eu concordei silenciosamente. E aí ele começou a me falar, pela primeira vez, dos problemas dele. Me contou da sua família, da vida caótica que levavam e que os pais haviam acabado de descobrir que um traiu o outro a vida inteira, e, em um dos ataques de raiva do pai, ele empurrou a mãe dele e Bernardo tentou entrar no meio e acabou se machucando também. Ele passou a noite em claro porque eles brigaram a noite inteira, e ele tinha que proteger o irmão e distraí-lo com alguma coisa. Suas olheiras estavam bastante profundas. Foi mais ou menos aí que eu percebi que o Bernardo talvez estivesse usando meus problemas para distraí-lo dos dele, o que começou a me incomodar, porque não era assim que as coisas tinham que ser feitas.

A sensação de amar alguém: você quer protegê-lo de todo o mundo.

Mas a única forma de proteger alguém do mundo é fazê-lo esquecer que ele existe. É claro que para mim ele era o ser mais iluminado. É claro que para

mim ele merecia toda a honra e todas as alegrias e achasse tudo o que estivesse procurando. É claro que para mim, ver alguém tão precioso sendo destruído na minha frente se pareceu com o fim dos tempos. Você não entende. O Bernardo é alguém que você procura e só acha na ficção. É

alguém que parece feito sob medida, um observador nato, eu me sentia culpada de ser amada por ele. Senti que eu nunca faria um trabalho bom o suficiente sendo a namorada dele porque ele merecia coisas grandes demais para que eu alcançasse. Ele é bom. Acho que essa é a melhor coisa que alguém pode ser. Alguém poderoso ou maravilhoso cai facilmente, mas uma pessoa boa está em um lugar seguro, em que nunca cai e nunca se acha superior.

Não era justo que ele estivesse passando por aquilo, ele não precisava

aprender nenhuma lição. Ele não precisava de nenhuma otimização, estava perfeitamente ok onde estava. Resolvi fazê-lo esquecer que o mundo existe.

Mandei uma mensagem para os nossos amigos para que a gente saísse à noite e a Diana nos recomendou uma balada LGBT para qual sempre ia. Ela vinha falando dessa balada há tanto tempo que estava começando a encher e, já que ninguém sabe se sentir vivo como a Diana, resolvi confiar nela. E aí eu passei o resto da tarde com o Bernardo na minha casa, onde a gente ficou assistindo a série preferida dele: Doctor Who.

Nós nos encontramos na Paulista. Ela fica mais encantadora depois das nove.

É estranho explicar, mas as calçadas ficam quentinhas e parecem ainda mais largas, agora que o horário de pico passou. As luzes são todas bolinhas distantes. Eu estava querendo provar para o Bernardo que baladas não são só aquela coisa superficial de gente bebendo e se pegando. Isso dependia de quem você era. A Fernanda estava lá. O Michael estava lá, o cara que nos apresentou na festa dele. Ou quase isso. O Daniel, melhor amigo dele, estava lá. Ele foi para tentar ficar com a Fernanda, mas ok, cada um com as suas prioridades. Estávamos sentados debaixo do MASP, esperando a Diana chegar de um curso que fazia para nos levar para a Augusta e mostrar onde ficava a tal balada. Quando cada um foi chegando e perguntando para o Bernardo do olho dele, ele dizia:

— Eu dormi com um olho aberto. Só um está com olheira agora. —

eles captavam a mensagem de que a verdade não era da conta deles, mas pelo menos levavam a piada.

A Fernanda, entediada, olhou para nós e perguntou:

— Se vocês pudessem fazer algo fora da lei sem serem presos, o que vocês fariam?

O Michael respondeu:

— Roubar um banco — o que para mim não fez sentido, já que o pai dele era rico.

O Daniel respondeu:

— Transar no meio da Paulista. Uma transa de... Parar o trânsito.

Todo mundo uivou, mas todo mundo riu também. A Fernanda disse:

— Eu iria xingar um policial. Eu odeio policiais.

O Bernardo disse:

— Eu me declararia o rei do universo.

Todo mundo olhou para ele meio surpreso, até eu. Aquela coisa não existia, mas fazia sentido, porque, por não existir, estava fora da lei. Ele não poderia ser preso. Ele foi complementando:

— E como rei do universo, posso fazer qualquer coisa, até uma casa em Marte. A NASA teria que me obedecer. Tudo de graça, eu seria o valentão da hora do lanche.

— Definição madura para o rei do universo — disse o Daniel, balançando a cabeça.

Mas aí a gente adorou a ideia, porque isso queria dizer que o Bernardo ia poder nos dar permissão para fazer as coisas que a gente queria. Até transar no meio da Paulista. Aí a Diana finalmente chegou, trazendo uma mala de coisas, como se tivesse chegado da viagem e não do curso. A gente permaneceu sentado na nossa roda, olhando praquela situação. A Diana era a única que sabia porque estávamos ali, na verdade, que o Bernardo tinha tido um dia difícil (claro que eu não contei os detalhes), o que eu contei para ela para que ela pudesse me ajudar da melhor forma que podia. Eu era péssima em animar as pessoas, só sabia lamentar e no máximo dar um abraço. E toda vez que eu olhava para o Bernardo, mesmo debaixo daquela sombra escura, eu podia ver que os pais dele estavam em segundo plano, quebrando-o milímetro por milímetro, não importava quão forte eu me agarrasse a ele para manter as peças unidas.

— Que merda é essa? — perguntou a Fernanda, olhando para a mala. A Diana soltou a coisa no chão e pelo barulho a gente viu que estava meio pesado. Ela disse:

— Eu sabia que vocês estariam vestidos dessa forma sem graça. Assim nós vamos esperar na fila para sempre.

Quando ela abriu a mala, coisas coloridas e brilhantes pularam para fora. Cachecóis, óculos, tutus. A gente se levantou para olhar melhor.

— Vamos nos vestir! — a Diana disse alto, e aí tirou uma peruca volumosa e loira em um estilo afro e colocou por cima do cabelo, que eu ainda não havia raspado. — Hoje o tema da balada é brega. Caprichem nessa merda, senão vou fingir que não conheço vocês.

Nós fomos puxando tecidos com estampa de bolinha, perucas e cachecóis e vestindo o que menos nos agradasse. Eu senti uma coisa pontuda no fundo e, quando eu puxei, era uma coroa de plástico dourada. Fiquei olhando para aquilo por uns segundos, pensando que era coisa do destino, por mais brega que aquilo soasse (era o tema da noite, afinal), como se a Diana soubesse da conversa que estávamos tendo.

— Bernardo, olha — disse o Michael, pegando a coroa da minha mão e colocando na cabeça dele. — Agora você é literalmente o rei do universo.

A gente riu, se entreolhando, menos a Diana que não estava entendendo nada, e todo mundo prosseguiu com as fantasias, menos eu, que peguei meu celular e tirei uma foto dele daquela forma, sorrindo com cabeça baixa e a coroa se sobressaindo naquele escuro. Ficou tremida e bem escura, mas ótima. Aí eu me vesti com um chapéu de caubói rosa e um vestido de bolinhas, que tampava o meu vestido preto que era menor e bem mais justo.

O vestido de bolinhas tinha alças que ficavam deslizando pelo meu ombro toda hora. O Bernardo ficou com a coroa e uma tiara de antenas redondas, além de um colete de lantejoulas prateado. Deixei o resto do grupo terminar, dei o braço para ele e disse:

— Você fica sexy com esse olho roxo.

Ele balançou a cabeça.

— A palavra sexy não é nada sexy.

Eu ignorei.

— A coroa ressalta a cor ao redor do olho. Estou completamente atraída.

Ele sorriu.

— Já te contei que sou o rei do universo?

— Eu fiquei sabendo. Meu flerte tem propósito de interesse pessoal.

— Eu literalmente te pago para ficar comigo.

Eu comecei a rir, e nisso todo mundo ficou pronto.

— Vamos, então — disse a Diana.

— Você não vai levar a mala? — perguntou o Michael, apontando.

Ainda tinha sobrado bastante coisa lá dentro, como se ela esperasse o dobro de nós, sendo que eu avisei quem vinha.

— Não — ela deu de ombros, sem parar de andar. — Deixe que isso seja uma boa surpresa para quem vir primeiro.

Aquela garota sabia como roubar a noite.

E aí a gente começou a andar. Era um bom caminho até a Augusta. A Diana foi falando:

— Vocês têm que saber: baladas LGBT não são sobre pegação. Isso é coisa de gente que tem muito pouco na vida. Nossas festas são sobre se sentir livre, de

um modo que essa vida hétero de vocês não pode permitir.

— Sem ofender — respondeu o Daniel.

— Acho isso difícil de acontecer — rebateu a Diana, o que o Daniel não entendeu, mas eu espero que você entenda.

— Me sinto uma drag queen — disse o Michael, que estava cheio de purpurina no rosto e no cabelo, e usava um vestido sem alças por cima da roupa. Ele também era outro que não botava preço em viver a vida, só fazia as coisas e não pensava duas vezes. Bernardo me disse que eles se conheceram quando eles estavam no hospital e ele só chegou nele e perguntou “ei, quer ver um coração?”

— Qual seria o seu nome? — perguntou a Fernanda. — O meu seria, tipo... Amora... Spears. Sei lá — e aí sacudiu as mãos no ar, rindo.

— O meu seria Diana mesmo. É um nome de deusa romana. Só Diana, assim, bem poderoso.

O Daniel pensou um pouco.

— Índio. Porque eu me pareço com um.

— Tem que ser nome de mulher, retardado — disse a Diana.

— Eu sou a drag queen, eu coloco o nome que eu quiser.

— O meu seria Lola — disse o Michael. — Lola Algodão-Doce.

— Cheetos — disse o Bernardo. — Porque é a minha segunda coisa preferida no mundo todo. Cheetos Atchim — que era como a gente chamava ele de vez em quando, porque ele vivia resfriado por causa da asma e da baixa imunidade. Atchim, não Cheetos. Quando eu dormia na casa do

Bernardo, ele sempre acordava espirrando. Passava depois de uns vinte minutos.

— Que merda! — riu a Fernanda.

Eu queria pensar em algo, mas não conseguia. Ao invés disso, a Diana pensou em algo para mim:

— O seu seria Vênus. Ela é a deusa romana do amor.

Fiz uma careta para ela.

— Sim, tudo a ver comigo.

Mas ela deu de ombros como se não pudesse fazer nada sobre aquilo.

— Você tem muito amor para dar, Mariana. Você se importa bastante com as

pessoas.

Eu era egoísta e levei quatro meses para dedicar um dia para animar o Bernardo. Duvidava muito que aquilo fosse verdade.

Quando a gente finalmente chegou, deu para ver que tudo era muito diferente daquele lado da humanidade. As pessoas pareciam livres e felizes.

Apesar da fila, a gente conseguiu entrar direto, ninguém pediu nosso RG, embora todos nós tivéssemos um falsificado. Foi mal por essa má influência.

De qualquer forma, foi como adentrar um portal para outro mundo, como se tivéssemos atravessado a parede da plataforma nove três quartos e a gente pudesse sentir a magia no ar. Era uma balada, então havia música e luzes piscando, mas não eram só as luzes, eram as roupas, as maquiagens, os sapatos. Eu comecei a rir, os meus amigos começaram a rir e o Bernardo sorriu de um jeito que eu nunca tinha visto antes, e eu me senti orgulhosa de estar cumprindo a minha missão. A gente foi entrando e me virei para o Bernardo, nossas mãos entrelaçadas e eu disse, bem próximo do ouvido dele:

— Aqui os seus problemas não existem.

— Não mesmo — ele falou e me beijou. Parecia grato e desesperado, porque foi intenso e lento, e me agarrei ao cabelo dele e o puxei mais para perto, feliz por estar fazendo ele feliz.

Depois nós seguimos os nossos amigos para a pista de dança. O chão era colorido e estava repleto de purpurina que caiu do rosto dos outros e cachecóis de plumas. Vou te dizer uma coisa: se você não gosta de dançar, é porque você não sabe como. E eu não estou falando de fazer os passos certos e não parecer ridículo, estou falando de deixar o som vibrar nas suas veias e deixar que guie os seus movimentos. Estou falando de realmente não se importar e se levar para outra dimensão. Chegou um momento em que eu

nem prestava atenção na música em si, só no que ela transmitia. Eu amo música. Esqueça as máquinas de lavar, a eletricidade, não sei mais o que.

Música é a melhor invenção do ser humano.

Aí a Diana tocou o meu ombro, com a Fernanda logo atrás olhando para a minha cara suada e disse:

— Vamos no banheiro.

Não sei quanto tempo se passou, mas achei que seria bom lavar o rosto.

Concordei e as segui até uma porta estreita e vermelha, e o lugar não estava tão cheio quanto achei que estaria. A Diana suspirou e foi direto para a frente do espelho.

— Eles têm bastante banheiro espalhado. Graças a Deus — e aí ela olhou para nós. — Eu sei que parece que eu gosto de gente, mas eu não gosto, não.

Eu dei risada e fui para frente do espelho também. Boa parte da minha maquiagem tinha ido embora e meu cabelo estava bem para cima. Fui abaixando ele com as mãos, enquanto dizia:

— Obrigada por isso, Diana. Você lidou com a situação de uma forma que eu nunca conseguiria.

— Que situação? — perguntou a Fernanda.

— Eu queria animar o Bernardo e fazer ele esquecer que o mundo existe, mas tudo o que eu sei sobre afastar o mundo está na Netflix. Isso não ia bastar.

— Você precisa saber que há vida além das séries e dos filmes, Mariana — disse a Diana. — E também precisa saber que cercar o Bernardo com os amigos dele foi uma boa ideia. Mesmo que você tenha feito isso porque estava desesperada.

Eu dei um sorriso nervoso.

— Eu sei. Mas será que... Sei lá, será que eu deveria só ter feito algo entre a gente? — eu era nova nessa de realmente me importar com alguém.

Pelos meus anos, havia perdido amigos por me importar demais e depois perdido amigos por me importar muito pouco. Eu realmente não sabia a medida exata das coisas, nunca chegava nem perto.

— Talvez ele quisesse ficar sozinho, não importa o que tenha acontecido — disse a Fernanda, olhando bem para mim. — Mas ele não precisa ficar.

— Pois é, vocês dois são cheios dessas de se isolar e fazer maratonas de série e esquecem que têm amigos! Se sentir sozinho não é o mesmo que estar sozinho — a Diana ralhou.

— Essa eu assino embaixo — disse a Fernanda, abrindo um sorriso. —

Eu sei que a gente conhece o Bernardo faz só uns meses, quer dizer, eu o conheço há anos, mas Mari, ele realmente é... Sei lá. Eu não quero dizer especial, mas não tem outra palavra.

— Um dia desses, aquele bastardo apareceu lá em casa com o cabelo pintado de rosa com tinta spray, desesperado para tirar antes que os pais chegassem em casa. Eu amo aquele cara — a Diana colocou a mão na cintura e começou a rir. Eu olhei para ela e comecei a rir também, porque não sabia daquilo.

— E eu conheço ele há muito tempo — disse a Fernanda. — Se vocês terminarem, eu vou ter que ajudar os dois a se vingarem um do outro. Vai ser

horrível. Um estrago. Na verdade, eu já tenho tudo pronto e você vai perder.

— O que? — eu disse. — Por quê?

— Eu te conheço melhor e sei todos os seus segredos obscuros.

— Vou fazer xixi — a Diana anunciou e se virou para entrar em uma das cabines malcheirosas. Ela sempre foi cheia desses detalhes que são detalhados demais, então a gente deu risada e esperou.

Levou um tempo para que encontrássemos os garotos quando saímos do banheiro, mas quando finalmente encontramos, as pessoas estavam em volta deles gritando “vida longa ao rei”, enquanto o Bernardo pulava ao som de Gimme More da Britney Spears, um cetro para cima. Até hoje não sei onde ele arranhou aquela coisa. A gente foi abrindo caminho até ele, mas chegou uma hora que eu parei só para ficar olhando. Senti que ele estava brilhando. Sabe a sensação de ver quem você ama feliz? Alguém que você sabe que merece a felicidade e tudo o que quer, mas, por mais que mereça, não recebe? O Bernardo é uma dessas pessoas. Ele sofreu calado por muito tempo e eu estava orgulhosa de vê-lo ali, capaz de esquecer tudo aquilo e aproveitar a vida que seria aquela noite inteira.

Aí eu voltei a andar e, quando ele finalmente me viu, apontou o cetro para mim e gritou:

— Minha rainha!

As pessoas gritaram e aplaudiram e nisso a música estava mudando para algo que eu assumia ser da Lady Gaga, tipo Dancin’ In Circles ou algo assim e todo mundo me empurrou em direção a ele. Meu corpo foi de

encontro ao dele com tanta força que acho que quase o derrubei, mas ele me abraçou e disse:

— Fiz amigos.

Eu dei risada.

— Quero conhecer todos.

E aí a gente calou a boca e dançou. Eu acho que no geral a gente só pulou, já que não tinha muito espaço para se mover, mas a gente foi se perdendo dos nossos amigos até sermos nós dois e acho que depois de umas oito ou dez músicas a gente se cansou. Foi mais ou menos aí que, para descansar, nós fomos para um lugar afastado onde a música não era tão alta, um sofá confortável e vermelho e ficamos lá parados por um tempo.

Eu fiquei quieta, encostada no peito dele, sentindo o suor e o calor, a pele dele meio que vibrava de tanta energia e eu senti que éramos dois átomos

carregados, como o que rola com o atrito, e seríamos capazes dar um choque leve um no outro se nos movêssemos. Por isso só fiquei parada, subindo quando o peito dele subia, descendo quando o peito dele descia, e observamos os movimentos e os beijos e a dança e não falamos nada. Nós só existíamos.

Foi mais ou menos por aí que eu me virei, sentei no colo dele e comecei a beijá-lo. Ele não falou nada ou estranhou, só retribuiu. Fizemos isso até a Diana aparecer de novo e nos assustar batendo com muita força na mesa. Ela gritou:

— Essa noite não é sobre pegação! Venham experimentar as bebidas!

Eu olhei para ele e, antes de estourar a nossa bolha, o beijei mais uma vez e fomos para o bar.

Eu não vou lembrar os nomes das bebidas ou muito da noite porque depois disso eu fiquei bêbada. Na verdade, eu não me lembro de nada. Tem flashes meus beijando o Bernardo e depois dançando e jogando bebida do alto para o pessoal pegar com a boca no ar. Lá pras cinco da manhã, nós nos compramos uns salgadinhos e água no bar, ficamos sentados comendo e bebendo a água e, enquanto o efeito do álcool passava, a gente resolveu ir embora.

A Diana quem estava guiando a gente, e depois de bastante tempo caminhando, ela virou e disse:

— Por aqui — e nós a seguimos e fomos parar em uma rua muito colorida, cheia de pichações caprichadas.

— Aqui é o Beco do Batman — a Fernanda observou. O Beco do Batman era só essa rua em que as coisas eram bem coloridas. As paredes, o chão, tudo pintado de cores vivas, variadas e brilhantes. A Diana continuou andando, e por isso nós continuamos a segui-la.

— Eu sei, eu quero fazer uma coisa.

Ela se aproximou de uma das paredes, eu não vou me lembrar qual, e tirou uma lata de tinta spray de... Bom, eu não sei. Ela não estava carregando nenhuma bolsa.

— Você tirou isso da bunda?! — o Daniel exclamou. E aí olhou ao redor como um louco. Quando parou, disse: — Estamos em The Sims?

— Vai ver a vida é um The Sims que Deus joga — disse o Michael.

— Isso faz tanto sentido — sussurrou a Fernanda. A gente ainda estava meio bêbado.

O caso é que a Diana destampou a lata, parou e começou a pichar uma das paredes com uma letra de forma gigantesca e vermelha. Ela escreveu: **O REI**

DO UNIVERSO E SEUS SÚDITOS ESTIVERAM AQUI

— A Fernanda me contou da brincadeira de vocês — disse ela, virando-se para nós quando terminou. — Se eu pudesse fazer algo fora da lei sem ser presa, o que eu posso, eu iria pichar o Beco do Batman.

A gente ficou em silêncio, perplexos. E aí o Michael disse:

— Eu gostei.

E aos poucos a gente foi lançando elogios e tirando fotos com os nossos celulares e depois começamos a nos afastar para a Paulista e poder pegar o metrô. A gente precisava pegar lá por um motivo que eu não lembro. Quando uma mulher passou e olhou a pichação da Diana, o Bernardo disse para ela, apontando pra parede:

— Viu que barbaridade?

E a mulher não disse nada. Só que ele ainda estava com a coroa e o cetro, e a Diana ainda estava com a lata de tinta nas mãos.

Na Paulista, a gente percebeu que acabou gastando todo o nosso dinheiro com bebida, salgadinhos e água. O problema é que precisávamos ir embora e, enquanto ficávamos sentados na calçada, voltando ao normal, ficávamos nos perguntando o que fazer. As ruas iam se enchendo e a magia da balada LGBT ia se dissipando, porque estávamos recebendo os olhares

tortos de novo, vestidos daquele jeito.

E aí o Daniel, que estava ainda bêbado, disse:

— Vamos pedir dinheiro.

A gente guinchou instantaneamente:

— De jeito nenhum!

— Não!

— Eu vou te matar.

O Daniel insistiu:

— Estamos desesperados. E vestidos para conquistar. Nós temos um rei!

Eu fiquei dizendo “não, não, não”, morta de sono e dor de cabeça, o zumbido no ouvido que fica depois de ouvir muito barulho me irritando, mas aos poucos nosso grupo foi cedendo.

— Vamos, Mariana — o Bernardo foi me puxando pela mão. Ele estava com olheiras profundas, os ombros caídos e a voz rouca e fraca, mas ainda estava sorrindo.

E aí o Daniel foi se aproximando das pessoas, tirando o chapéu que estava usando e gritando:

— Dinheiro! Queremos ir para casa! Somos uma corte desesperada!

Só que todo mundo passava reto, claro. A gente foi incentivar as pessoas a colocarem dinheiro no chapéu, mas fomos tão ignorados quanto seríamos se estivéssemos distribuindo panfletos. A gente foi andando e pedindo, andando e pedindo, até eu notar que o Bernardo não estava mais por ali. Quando olhei para trás, ele estava dançando do lado de um cara que estava cantando e tocando com amplificadores e tudo ali na calçada. Estava cantando *Should I Stay or Should I Go* do The Clash e ele apontou o cetro para gente e disse:

— Vem! — e aí virou para o cara que estava cantando. — Você vai dividir a grana com a gente — mas ele disse isso porque as pessoas estavam começando a parar para ver a sua dança ridícula. O homem deu uma risada no meio da cantoria, e nós interpretamos aquilo como um sim. Assim, fantasiados daquela forma, nós nos aproximamos e começamos a dançar. Eu e a Diana demos os braços e começamos a dançar como se fosse uma quadrilha de Festa Junina. As pessoas realmente estavam parando e deixando um pouco de dinheiro, acho que era porque estávamos fazendo com que rissem pelo menos um pouco naquela manhã cinza de trabalho. Era terça-

feira.

Depois foi Garota de Ipanema. Bernardo e eu cruzamos olhares. Dei a mão para ele e começamos a dançar um tipo de valsa desajeitada. Eu sempre fui boa com o meu quadril, mas o Bernardo mal conseguia mover os músculos, era horrível. Eu ria alto e ele cantava baixinho para mim. E depois a gente perdeu noção do tempo e fomos dançando *Seu Jorge*, *Legião Urbana*, *Skank* e essas coisas até que a caixinha do cara ficasse cheia pela metade de dinheiro. Eram quase oito da manhã.

— Só precisamos de dinheiro para ir para casa — diz a Diana, se aproximando da caixa. Pegou o suficiente para as nossas passagens. — Pode ficar com o resto.

— Obrigado — o homem disse, com um grande sorriso na cara. Tinha lá para uns quarenta anos.

— Ficar com o resto?! — arfou Daniel, indignado. — Nós suamos por esse dinheiro!

— Cala a boca — a Fernanda riu. Para quem quisesse saber: eles ficaram, sim.

E aí fomos para o metrô com passos largos, lentos e cansados.

— Não acredito que a gente conseguiu — disse a Fernanda, contando o

dinheiro mais uma vez.

O Daniel finalmente estava ficando sóbrio para valer, e disse:

— Espero que ninguém tenha filmado.

A Diana sacudiu o celular no ar.

— Está tudo no meu Snapchat.

Nós todos grunhimos, mal humorados. Todo mundo, menos o Bernardo. Ele estava com o braço ao redor do meu ombro, eu mesma andando meio caída, e ele, apesar de cansado, parecia feliz. Por isso, fiquei calada e aproveitei a felicidade dele. Estava feliz em finalmente ir embora e também pela noite que tivemos. O trem para a volta estava quase vazio. Nós pegamos um vagão de pessoas quietas e reservadas e nos sentamos para nos juntarmos ao grupo. Nossos amigos dormiram quase que imediatamente, então resolvi ficar acordada para poder avisar quando fosse a nossa estação.

Depois de uns minutos eu vi que o Bernardo estava acordado e sequer estava tentando dormir, então eu me virei para ele e acariciei a sua bochecha, sorrindo. Eu disse:

— Foi bom, não foi?

Ele deu de ombros.

— Ainda me sinto meio culpado de ter deixado meu irmão lá em casa com eles — sendo “eles” os pais dele, claro.

Segurei o rosto dele com mais força.

— Não. Chega de pensar nos outros. Agora você vai esvaziar a mente e pensar nessa noite inacreditável.

Ele suspirou.

— Não quero voltar para realidade.

Eu sorri.

— Quer continuar sendo um rei?

— Eu gostei muito de ser um rei. Eu seria um bom rei.

A gente falava tão baixo que parecia que nossas vozes eram um tipo de trilha sonora de um filme eclético.

— Você pode colocar isso em um livro. E aí vai ser eternizado.

Ele abaixou o rosto e olhou para mim profundamente.

— Dizem que quando um escritor se apaixona por você, você nunca morre.

Fechei os olhos, a cabeça descansando no ombro dele, deixando que o som da voz dele ficasse me carregando.

— Você vai escrever sobre mim? — perguntei.

— Como eu faço todos os dias — ele falou.

— Me conte mais.

Ele fez silêncio, respirou fundo e disse:

— Tem você. E tem mundo. E você conquista o mundo e faz com que isso pareça um acidente.

— E como eu conquisto o mundo?

— Você o entende.

— E onde você entra nisso?

— Eu sou o mundo.

Abri os olhos com um sorriso.

— Que arrogante — e aí eu me aconcheguei mais para perto e disse: —

Eu quero que você seja feliz.

Ele acariciou o meu cabelo.

— Eu percebi o que você fez. Chamou todo mundo, pediu para a Diana animar as coisas... Obrigado. Estou feliz. Não se preocupe comigo.

E aí eu disse:

— Vida longa ao rei.

E nós ficamos em silêncio.

Eu estou aqui. Eu cheguei.

Olho para você. Nem acredito. Eu te abraço e você consegue sentir meu coração batendo de tão forte. Vou dizendo:

— Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada!

A escola ainda está de pé, se é o que quer saber. Tem outras coisas de pé também, mas a maioria foi derrubada. Tem corpos ao redor e inclusive um deles está com o uniforme que as secretárias usavam. Os portões estão escancarados. Estou pronta. Vem comigo, você vai adorar conhecê-lo.

Eu subo o pequeno ramo de escadas correndo. A secretaria é o térreo, e ela está completamente destruída. Tem buracos de bala aqui, então acho que houve um tiroteio. Está tudo empoeirado e cinzento, mas mesmo assim eu

fico vasculhando atrás da bancada e pelos destroços. Toda vez que movo alguma coisa, suspiro aliviada por não achar o corpo dele embaixo. Nada aqui no térreo. Próximo andar.

Subo as escadas. Reparo que alguns degraus tem umas rachaduras bem ameaçadoras e os pulo. Quero gritar o nome dele, mas tenho medo de ter mais alguém aqui e acabar sendo morta. O segundo andar são salas de aula.

Eu vou abrindo porta por porta, e algumas coisas sumiram. Um quadro, as prateleiras de metal para livros. Alguém esteve aqui. Se foi ele, eu não sei.

Continuo abrindo as portas e estou começando a ficar bem frustrada, meio maluca, porque eu não acho corpo algum. Entro em pânico porque não sei se vou aguentar mais qualquer tipo de espera.

Tem um buraco na parede da escada que leva para o terceiro andar, o ginásio. Eu passo direto e subo a escada pulando dois degraus.

A primeira coisa que eu vejo é que alguém mora aqui. Tem uma cama.

Tem uma mesa de professor com salgadinhos, dois quadros muito riscados, as prateleiras de livros estão todas aqui. E aí eu vejo que há alguém na cama.

E reconheço o corpo.

— Bernardo! — eu grito, e você instantaneamente some. Não tem você. Ele está aqui! Eu tiro a bandana, solto a mochila e a arma.

Eu corro até a pilha de colchões que ele fez e ele está... Tem muito catarro e muita baba e um cheiro forte de urina. Não. Não, não, não, não. Eu

me desespero, mas aí ouço o chiado do pulmão dele, a asma, o que indica que ele está respirando. Começo a sacudi-lo, olhando para o rosto dele, para o cabelo, sentindo o peito descer e subir de um jeito tão fraco que me apavora, dizendo:

— Acorda. Não faz isso. Eu cheguei. Eu estou aqui.

Mas ele não acorda. Eu me levanto e começo a procurar por alguma coisa.

Vou vasculhando, vou entre as prateleiras de livros, olho atrás da mesa do professor, mas é só no vestiário masculino que vejo um inventário de coisas.

Eu paro e meus olhos começam a lacrimejar. Ele esteve aqui por muito tempo, dá para ver. E esteve armazenando essas coisas para nós. Tem até mais de uma máscara de gás e macacões de proteção química. Meu Deus. Eu vou abrindo os armários e em um deles eu acho uma garrafa de água. Eu poderia ter pego da minha mochila, me ocorre, mas eu não estou pensando direito. Corro para ele e jogo a água no seu rosto, mas ele ainda não acorda.

Ainda está respirando.

E eu não tenho nenhuma outra tática se não bater no rosto dele, gritar e jogar água.

9.2 BERNARDO

?????, ?? ?????, ??????

Eu ainda estou aqui. Em Marte. Estou ficando preocupado.

— Quando isso vai acabar? — eu pergunto em voz alta. Estou tão inquieto que estou de pé, olhando para a imensidão a nossa frente.

— Você não quer ficar aqui comigo? — pergunta a Mariana, que ainda está sentada. O tom dela é sarcástico. Eu fecho os olhos, suspiro e digo para mim mesmo: quando a Mariana mente pra você, você confia nela. É como as regras do Clube da Luta:

1. Você não fala sobre a mentira

2. Você não fala sobre a mentira

3. Quando você diz “pare” ou fica puto, mesmo que esteja fingindo, ela não vai parar

4. É apenas entre você e ela

5. Uma mentira por vez

6. Sem perguntas e sem desconfiança

7. As mentiras duram o quanto tiverem que durar E aí você tem que agir como aqueles seguidores do Tyler: a gente segue as ordens cegamente e fica de boca calada. Eu digo, entredentes:

— Você não é real. Você não é a minha Mariana.

Acho que ela se levantou, mas estou de costas e não sei dizer.

— A sua Mariana? A única Mariana que é sua é a projeção que fez dela. A forma que a vê. A forma que ela age quando está com você. Nunca na vida alguém pertence a alguém, porque você nunca conhece alguém completamente — eu sinto as mãos dela nos meus ombros, me massageando.

O hálito dela no meu pescoço. A voz dela no meu ouvido. — A boa notícia é que eu sou a projeção, logo, eu sou sua.

Eu me viro e de repente ela é a Vênus. Reparo que Vênus e Mariana são idênticas. O mesmo rosto, as mesmas sardas, o mesmo cabelo, a mesma personalidade. Começo a respirar com força, como se tivesse falta de ar.

Talvez eu esteja morto e esse é o inferno e aqui sou atormentado pela minha própria mente.

Eu pergunto:

— Há quanto tempo você é ela?

Ela diz:

— O tempo todo.

— Onde eu estou? — pergunto. E aí acrescento: — Fisicamente.

Ela balança a cabeça.

— Eu não sei. Mas aqui é bom, porque você não quer ficar aqui? — ela pega a minha mão e a conduz para a sua cintura. Se aproxima, encosta seus lábios nos meus levemente e fica assim. Quando fala, nossas bocas ficam se batendo como um beijo esquisito. — A gente pode ficar.

Acho que finalmente entendi.

— Você está tentando me convencer a morrer.

Essa é a minha mente lutando porque eu quero, mas querendo muito desistir. Eu e o meu corpo somos pessoas diferentes agora. Queremos coisas diferentes. Ele quer morrer, eu quero viver. Está usando a pessoa que mais me enfraquece para me convencer, e eu me sinto inclinado a aceitar a proposta.

Onde você está, Viajante? Esta é uma boa hora para me acordar.

Quando a Mariana mente para você, você tem que confiar nela.

Ela diz:

— Eu só quero que você seja feliz.

— Eu só quero que você seja feliz.

Eu digo:

— Vou estar feliz com a Mariana. Não tente me levar para outro lugar.

— A Mariana está morta — o tom de voz é furioso, como se já estivesse cansada de me dizer aquilo.

— Você não sabe, porque você sou eu. A minha projeção só sabe o que eu sei.

E de repente ela não é mais a Vênus. Ela é o meu pai e ele me abraça com força, me trazendo para o seu peito. O problema é que o meu pai e o Doutor são idênticos. O mesmo cabelo, o mesmo corpo, a mesma voz, a mesma característica: ambos eram bons médicos, mas pessoas terríveis.

— Você sabe o que eu te disse sobre lutar por alguma coisa, Bernardo.

Ele me disse aquilo quando eu estava me esforçando para convencer a Mariana a não me afastar quando ela tanto queria. Foi uma época desgastante.

Eu repito:

— Só quando vale a pena.

— Não tem mais nada no mundo. A Mariana está morta.

Eu começo a chorar, não retribuo o abraço. Eu odeio o meu pai.

— Ela não está morta. Você não sabe disso.

— Eu sei. Eu morri e a vi.

Eu me afasto dele com um empurrão. E então, surpreendendo a mim mesmo, o soco no rosto. É uma sensação esquisita: o barulho, osso contra osso, a visão do rosto dele se virando e caindo no chão. E aí eu me ajoelho sobre ele e continuo socando. Eu o odeio. Odeio, odeio, odeio. Minha mãe quis se matar por causa dele. Eu quis me matar por causa dele. Meu irmão, tão novo, abandonou a família por causa dele. Ele estragou tudo. Eu o soco como se fosse ele o responsável pelo fim do mundo. Sei que ele é o responsável pelo fim do meu.

O pior é que ele não sangra. Seu nariz não quebra. Ele parece não sentir nada se não o impacto e nem arfa de dor. Eu fico cada vez mais irritado e meus socos se tornam cada vez mais fortes, ansiando por um resultado, querendo ver um estrago, mas nada vem. Eu estou alucinando e a minha

própria mente está tentando me matar.

Como eu me sinto?

Lisonjeado.

É mais ou menos aí que de repente é o meu pai que está me socando.

Ele me soca e eu também não sinto dor alguma, nem começo a sangrar, eu só pego o impacto da coisa e espero o próximo soco, e ele sempre vem. Acho que ele está me socando porque eu o culpo pelo o que eu me tornei, mas na verdade nada disso é culpa dele. Tem uma coisa que acontece quando alguém te machuca: o resultado depende inteiramente de você. Fico pensando nisso enquanto ele me soca e não obtém resultado algum. O que rola quando alguém te machuca e te quebra e te destrói é que você tem muitos lugares para ir depois que isso acontece. Você pode:

- **Contar a história;**

- **Sofrer;**

- **Ficar depressivo;**

- Seguir em frente;
- Deixar que isso mude a sua vida para:

a) melhor

b) pior

- Agir como se nada tivesse acontecido.

E eu deixei que isso mudasse a minha vida para pior. Grande merda que meu pai era um merda: isso era problema dele. Talvez a pessoa mais inteligente na família fosse o Diego, já que ele não quis insistir nessa tecla e me chamou para me afastar dos dois e deixar com que eles fossem uns merdas sozinhos.

Conforme vou formulando esse pensando, os socos vão diminuindo a frequência até finalmente pararem. E aí o Doutor some. Eu me sento e a Amora está sentada na minha frente com as pernas cruzadas e o olhar gigantesco e convidativo. Eu reparo que a Amora é idêntica a Fernanda e entro em desespero, porque eu finalmente percebi.

— Não tem ninguém cuidado de mim — eu digo para ela, lábios tremendo, a visão embaçando. Eu estou sozinho. — Não tem ninguém vindo com um remédio para que eu fique bom.

A verdade é que eu estou morrendo e o meu corpo está tentando fazer

com que eu aceite isso. Eu estava alucinando esse tempo inteiro. Doutor, Vênus, Amora, Índio e Atchim são projeções de pessoas que eu conheci. O

pior é que eu nem sei do que eu estou morrendo, porque obviamente eu inventei uma doença, a doença do resfriado que você não sente. A culpa é minha por ser um escritor e ter uma boa imaginação porque, se eu fosse um completo idiota, acabaria percebendo que tinha algo errado, mas não.

Parabéns para mim.

A Amora sorri.

— Você sempre foi tão esperto.

Eu suspiro.

— Você sabe onde eu estou?

— Imagino que você nunca tenha saído da escola, Cheetos. Acho que...

Depois que você chegou daquela incursão, desmaiou. Você não acorda.

Aí eu começo a chorar mesmo.

— Mas eu quero acordar.

Ela balança a cabeça em negação.

— Mas a Mariana está morta.

Eu grito:

— Para de me dizer isso!

— Eu tenho que te dizer, Cheetos. Eu digo o que você quer que eu diga.

Mas eu queria muito que ela fosse a Fernanda de verdade, porque a Fernanda de verdade sempre sabe o que dizer. Ela, que está morta, poderia entrar nesse limbo em que eu estou e me dizer a verdade e dar um jeito de me fazer acordar. Eu acredito em finais felizes e me concentro para poder convocá-la, mas eu sei a diferença entre a Amora e a Fernanda; e a garota na minha frente continua sendo a Amora, não importam os meus esforços.

Eu falo com a voz embargada:

— Isso é impossível. Eu não quero morrer. Eu não quero nem um pouco.

A Amora suspira.

— Mas aqui é bonito, aqui em cima.

— Só que a Mariana não está aqui.

Ela rola os olhos.

— Chega dessa Mariana. Pense em você por um minuto, Cheetos. Você está exausto. Chega de lutar.

Eu quero pensar que ela é só mais uma pessoa, mas eu não consigo.

Estou muito apaixonado. Eu até mesmo sinto falta da minha projeção dela, minutos mais cedo. Sou ridículo, eu sei disso. Mas eu estou muito, muito, muito apaixonado. Eu sei. Sei tudo o que as pessoas podem pensar de alguém que está apaixonado. Sei que tem gente que odeia o amor porque é demais.

Sei que tem gente que morre de medo do clichê, porque tudo que há para ser feito já foi feito, então você acaba sendo brega. Sei que todo mundo tem medo de chegar a depender de alguém. Colocar alguém acima de si mesmo.

Eu não sei o que amor é porque, como a Mariana me disse uma vez, amor não pode ser definido. É uma coisa esquisita e eu não sei se estou fadado a amá-la para sempre. Se ela me deixasse por outro, não sei se eu viria a superar. É claro que eu estou dizendo isso, afinal, eu estou apaixonado por ela agora.

Acho que amor é uma coisa que pode ser controlada. Se não é recíproco, você dá um jeito de não amar a pessoa de volta para não sofrer.

Porque você pode parar de amar a sua mãe. Você pode parar de amar seu

filho. Você pode parar de amar o amor da sua vida, e aí não é mais o amor da sua vida. Eu sei disso porque já vi pessoas se amando e parando de se amar.

Sei disso porque não amo meus pais há anos. Ou talvez você nunca pare de amar alguém, talvez você só aceite e siga em frente e vai amar outras pessoas.

Eu não sei. Só tenho vinte e poucos anos e muitas perguntas. Eu só estou compartilhando o que eu penso, e minha mente muda o tempo inteiro.

Eu mudo de ideia a todo instante. Talvez esse seja o segredo de permanecer jovem e não se tornar entediante e carrancudo. Conheço gente que é assim desde os dezesseis. Você está aí, Viajante? Eu sinto sua falta. Queria ser forte o suficiente para te trazer. Eu posso estar falando sozinho.

Mas, enfim. Eu faço o que a Amora mandou. Eu penso em mim por um minuto.

Sei que você vai me achar irritante, mas mesmo assim eu penso na Mariana. Porque se você nunca esteve apaixonado, eu vou te contar a sensação: você ri à toa. Tudo parece minúsculo. Você não sente sono, de um modo bom, porque você quer ficar acordado, de qualquer maneira. De repente alguém está com a sua felicidade e quando ela está em boas mãos, eu juro, vale a pena. Parece que amor é o motivo pelo qual nascemos. E eu me sinto abençoado por ter me sentido assim por tanto tempo, por ter passado quatro anos com a Mariana me sentindo dessa forma. Mesmo quando ela

estava triste, eu estava feliz em poder consolá-la. Mesmo quando eu estava triste, eu estava feliz em poder recorrer a ela. Vamos parar de falar sobre a vida e o que ela é por um instante, e falar sobre o amor. O amor romântico.

Esse tipo de amor.

Eu não sei como você ama alguém. Alguns são reservados, outros gostam de mostrar para o mundo. E isso é ok. As duas coisas estão de bom tamanho, porque quando estamos felizes ou a gente quer compartilhar ou a gente quer guardar para não fugir. Não tem elementos em comum quando se ama alguém. Alguns fogem, outros ficam, outros insistem, outros se fecham e não dizem nada. Mas todos, todo mundo olha para a pessoa amada desse jeito especial. Esse jeito que deixa mais do que claro. Eu não preciso descrever, porque você sabe muito bem do que eu estou falando. E não tente não falar sobre isso. Não diga que você não quer isso. É tão forte que não dá para deixar de lado. Essa porcaria muda a sua vida por completo, te transforma, te faz ver a vida de uma forma diferente, tira o seu fôlego, te transforma em um poeta. Uma pessoa apaixonada é completa poesia.

Uma amiga uma vez me disse que amor é a junção de todos os sentimentos. Todos eles, sem tirar e nem por. Alegria, tristeza, raiva, ansiedade, ciúme,

luxúria, desejo, todos eles, até os que eu posso estar esquecendo. São todos os pecados e os acertos, e é por isso que é tão forte.

Você fica tão vulnerável nessa corda bamba que cai para todos os lados e sente tudo isso, em uma onda rápida e dolorida. É horrível. É extasiante.

Eu estou pensando em mim mesmo. E como eu poderia deixar amor de lado?

A Amora percebe que perdeu. Que não me convenceu. Ela faz cara feia e quando eu pisco e abro os olhos de novo, ela não está mais lá.

Algo bate na base das minhas costas e eu me viro. Índio acabou de me jogar uma bola de futebol e ele é idêntico ao meu melhor amigo, Daniel. É

claro. Eu suspiro e me levanto. Pego a bola e a seguro entre as minhas mãos, enquanto há esse enorme espaço entre nós.

— Não adianta, eu não vou ser convencido — eu falo para ele. — Vou continuar lutando.

Ele sorri. Ele sempre sorriu como alguém que vai acabar com a sua vida, um sorriso de um vilão convencido e bem elaborado.

— Ainda tem a chance de você perder. Quando você acordar, quem vai te curar? Quem vai estar lá? Para onde você vai?

Sei que ele está certo, mas mesmo assim...

— Eu tenho que dar o primeiro passo para poder dar os outros. Não vou pensar nisso.

Ele balança a cabeça enquanto ri.

— Só me passa a bola, Bernardo. Vamos jogar.

Eu deixo a bola no chão e chuto. Duas traves se formam atrás de cada um de nós e começamos a jogar futebol em Marte. É tão ridículo quanto parece, mas eu e o Daniel nos conhecemos há anos e estar com ele sempre se pareceu com estar em casa. Acho que dormi na casa dele tantas vezes quanto na minha. Até meu irmão já dormiu lá. Até a Mariana já dormiu lá com a gente. O Daniel sempre foi essa pessoa receptiva e que dizia sim para tudo.

Mas agora a minha projeção dele estava implorando para que eu abraçasse a morte. Ele não queria falar sobre isso. Eu não queria falar sobre isso. Por isso ele disse, segurando a bola debaixo do pé:

— Vamos deixar o jogo decidir isso.

Quem perder, perde a discussão. Eu concordo e nós jogamos. Essa é a minha mente. O que eu quiser que aconteça, acontece. Eu faço o primeiro gol e o segundo. Ele faz o terceiro. Eu o quarto e o quinto e por aí ele desiste.

— Pensa rápido! — ele chuta e a bola vai direto para minha cara. Eu desvio e, quando olho de novo, ele sumiu.

O próximo é Atchim.

E Atchim sou eu com dez anos.

O cenário mudou. Eu estou no meu antigo quarto, e Atchim está chorando na cama. Pela porta, ouço nossos pais gritando um com o outro.

Estou aliviado por ter saído de Marte, mas angustiado pelo novo lugar. Está do mesmo modo que eu me lembro, é claro. Um quarto bagunçado, cheio de brinquedos e cartuchos do Nintendo 64 espalhados. Folhas com desenhos e histórias infantis (não histórias com teor infantil, mas histórias tão bobas que são infantis) e histórias em quadrinhos que meu tio estava tentando fazer com que eu gostasse.

Também tem um choro alto. É Diego com seis anos, mas não está no quarto, deve estar com os meus pais, que não se importam com o filho deles chorando, só com quem vai ganhar aquela discussão toda.

Atchim está deitado de costas para mim na cama. Ele diz, assoando o nariz:

— Você deveria morrer.

Esse sou eu, então acho que devo escutar o que ele tem a dizer.

— Por quê?

— Porque só tem isso para a gente. O mundo é só isso.

Ele está falando desse caos todo. Gente tentando ganhar, crianças chorando, e nós sempre do mesmo jeito: encolhidos e em silêncio.

— Eu cresci. Eu sei que não é assim.

Ele se vira para mim, furioso, e grita:

— Mas é! A Mariana morreu!

Eu me aproximo e me ajoelho perto da cama.

— O que você acha da Mariana? — pergunto.

Ele balança a cabeça e seca as bochechas com as mãos. Está escuro aqui, a única luz é a que vem da janela, a lua. Tem uma parte de mim que quer ficar aqui, no mundo antigo. Mas tenho que resolver isso. Eu tenho que acordar.

— Eu a amo — fala o garotinho, e acho aquilo engraçado.

— Mas você ainda não a conheceu — eu digo.

— Mas eu sou você. E eu a amo mais do que tudo no mundo.

Aperto os lábios.

— Eu sei.

Ele chora com mais intensidade.

— Isso dói.

— O que, exatamente?

— Amar. Eu sinto muito a falta da Mariana. Eu quero que ela esteja bem, não sei se ela morreu mesmo, eu não sei de nada e eu não posso fazer nada para garantir alguma coisa. Eu estou morrendo e eu sento e espero para que eu não morra. Também estou bravo com ela por demorar tanto! Eu não estaria morrendo se ela não demorasse tanto! Ela está mentindo para a gente!

Eu digo calmamente:

— Mas você conhece a regra.

Ele assoa o nariz na mão e faz que sim.

— Confiar nela.

— E ela já decepcionou a gente quando mentiu?

Ele faz que não.

— Nunca.

Eu olho para ele com mais atenção.

— Então o que você acha? Devo viver ou morrer?

Ele suspira em derrota.

— Viver.

Eu sorrio.

— Abre um espaço aí. Vou deitar também.

Ele faz isso, e nós deitamos lado a lado. O choro some. Os gritos somem. E somos só eu e ele deitados e olhando para o nosso teto com aquelas estrelas que brilham no escuro e aquela meia lua.

— Sabe, eu tenho saudade dos meus dez anos — eu falo.

— Eu não posso te dizer nada, eu sou você — me diz ele. — Não sei qual é a sensação. E eu também não falo como alguém de dez anos.

Eu rolo os olhos.

— Você sou eu mesmo.

Ele suspira.

— Eu tenho que ir embora.

— Vamos só ficar aqui mais um tempo. Por favor.

E é isso que nós fazemos. Silêncio e uma cama macia e nada a ser dito.

Até que ele diz:

— Ok, chega.

Eu olho para ele. Parece um pouco mais velho e obviamente mais próximo da minha idade.

— Eu vou acordar agora?

— Não. Tem mais uma pessoa para ver.

Meu olhar fica confuso. Não tem mais ninguém para ver. Então, quando eu olho para o lado, eu estou na escola da Mariana depois da guerra, de volta para o presente. Mas eu não acordei. Estou deitado nos colchões gastos e a outra pessoa a ser vista é você.

Eu me levanto, porque você está de pé a certa distância da cama. Vou até você e pergunto:

— Você também quer me convencer a morrer? Uma última tentativa?

Achei que fossemos amigos.

Mas lembra que eu disse que agora sei a diferença entre uma pessoa e outra? Esse não é você. É minha projeção de você. E você diz:

— Bernardo. Você vai morrer.

Cerro os dentes.

— Não vou. Eu vou acordar, só tenho que passar por você.

Você rola os olhos.

— Você está em coma, de tão doente que está. Quando você acordar, só vai esperar pela morte. É melhor ficar aqui e morrer em ilusão.

Estou ficando desesperado de novo, tão desesperado que só consigo dizer:

— Não.

Você suspira.

— Desculpe.

Como um médico dando as más notícias que dá todo santo dia. É tão emocional que você se sente entediado, mas eu sei que você tem razão. Sei

que não tem nada a ser feito. Eu posso acordar, mas não vai ter ninguém lá.

Vou ficar balbuciando até o meu coração parar. Só porque eu sou brasileiro e nunca desisto (rá), eu digo:

— Mas se eu acordar... Talvez...

Você dá de ombros.

— Talvez. Talvez alguém tenha te achado. Talvez a Mariana chegue.

Talvez você só precise de água e comida para sobreviver, afinal você pode estar morrendo de inanição. Mas você acha mesmo?

Algo tomou conta de mim. Eu não acho.

Certo. Eu me viro e vou até a minha cama. Me deito.

Você me segue e fica de pé ao lado da cama. Eu falo:

— Me conte sobre onde você vem.

E você faz isso. Você conta histórias sobre um mundo onde dinheiro é tudo o que importa. Em que beleza controla as pessoas, hipnotizando-as.

Você fala de um mundo com museus de arte, música, e gostos ecléticos. Um mundo horrível, mas tão bonito que você nunca quer sair. Você me fala sobre pisos de madeira e séries de televisão e estante de livros, beijos falsos e reais, internet e fotos. Fala sobre pessoas que discutem por coisas que não importam e timidez, fala sobre chocolate, Coca-Cola, as propagandas. Fala sobre comediantes e política. Parece uma bagunça. Eu fico completamente envolvido. Quando você termina, eu pergunto:

— A Mariana está morta?

Você faz que sim.

— A Mariana está morta — diz.

Estou chorando, é claro.

— O que eu faço?

— O que você acha que tem que fazer.

A Mariana está morta. Mas quando ela mente para você, você tem que confiar nela.

10.1 mariana

Meu corpo está mais forte, agora que há o estoque do Bernardo. Posso sentir a diferença depois de uma longa caminhada ao mercado perto da escola. O estoque tem sido útil mas, depois de tanto tempo, está se tornando limitado.

Preciso ir atrás de mais, o que não me agrada muito. Faz tempo que não o deixo sozinho.

É quando chego à entrada do mercado que o vejo. Você. Acho que é preciso mais do que uma mente vazia para te trazer aqui, não é? A solidão e o desespero também são essenciais. Está logo atrás de mim e mata os últimos passos até o meu lado, contemplando a paisagem atrás de si. Quase nada mudou, mesmo após muitos meses. Tenho contado cada dia nos quadros, como ele.

Você olha para mim e faz a pergunta. Eu olho nos seus olhos com um sorriso. Ah, como senti sua falta.

— Está tudo bem, não se preocupe — respondo docilmente. — Venha, vamos entrar.

Deve ser daqui que ele pegava toda aquela comida industrializada.

Venho planejando passar pela comunidade do Jaime e ver se eles podem nos fornecer frutas e legumes em troca de alguns Cheetos. Duvido que consigam recusar essa incrível proposta. Você concorda e o plano se dá início: mercado e depois a comunidade onde deixei Jaime e sua mãe. Mal posso esperar para ver a expressão deles quando me virem, isso se Jaime já não tiver garantido a expulsão dos dois.

Nós entramos. Eu sei que não me despedi apropriadamente de você e por isso peço perdão. Estive muito ocupada, mas você sabe como são essas coisas, não sabe? Quantas vezes deixou uns amigos de lado porque a mente estava muito cheia? É uma coisa humana a se fazer.

Você me pergunta porque o Bernardo não veio comigo na incursão, e eu olho para você com cara de riso. Ei, acalme-se.

— Ele está arrumando os entulhos da escola. Aquele lugar está uma bagunça, o que afeta a asma dele.

Você diz que isso não faz sentido.

— Você vai definhar se ficar procurando sentido nas coisas — avisto o amontoado de carrinhos de compras em um canto. — Vamos.

Eu pego um e o uso como skate, apoiada atrás e dando impulso com o pé ocasionalmente. O interior do mercado foi devastado, mas ainda há bastante coisa entre prateleiras derrubadas. Esse é um daqueles mercados de três andares, com tantos corredores que você se perdia. Eu olho para você. O

que acha que vai agradar ao Jaime? Vamos levar umas balas diretamente para ele.

Por um tempo, eu e você selecionamos algumas coisas legais. Pego algumas escovas de dente, salgadinhos, sopas em pó, arroz, feijão, macarrão e água.

— Sabe o que eu deveria fazer? — eu te pergunto, quando nosso carrinho está cheio o suficiente para encher a minha mochila, que é o que realmente importa. — Cantar um pouco. Sinto falta de música.

Você concorda. Então, enquanto descemos todos os andares de volta, vou cantando todas as partes que sei de In My Place, do Coldplay. É a minha banda favorita. Já te contei do show deles? Foi literalmente o melhor dia da minha vida, embora eu tenha ido duas vezes. Você realmente deveria vê-los, se tiver a chance.

Você dança comigo enquanto vou cantando, mesmo que não seja o tipo de música que desperta isso. Mas é simplesmente divertido com você aqui.

Sei que vai ser a última vez que nos vemos, e você pode sentir também.

Eu olho bem para você, pois quero me lembrar bem do seu rosto. Ele é lindo.

Fiz bem em criá-lo e trazê-lo para mim, é literalmente a pessoa mais gentil e atenciosa que conheci. Sorrio. Quando termino de cantar, solto um suspiro e volto a olhar para você. Pelo amor de Deus, não me esqueça.

Silêncio constrangedor. Certo, vamos sair daqui.

Eu coloco tudo dentro da mochila, que se torna realmente pesada, e saio do mercado a passos largos. A comunidade do Jaime fica do outro lado, então vamos ter que passar pela escola e andar mais um pouco. Você pergunta se posso levar você para conhecer o Bernardo.

— Na volta. Essa mochila está pesada.

Então nós caminhamos em silêncio. Eu sei, você não está acostumado a andar comigo enquanto fico em silêncio, mas realmente não tenho mais nada

a dizer. Nenhuma outra história, nenhuma outra pessoa para manter viva em você. Me sinto em paz. Sei que isso soa bizarro neste cenário, mas é verdade.

Sorrio para você mais uma vez.

Com pesar, você diz que estou chorando. Ah, nossa, perdão. Seco o rosto rapidamente, e nós nunca mais falamos sobre o assunto.

Sei que você não existe, mas aperto sua mão e nós vamos caminhando assim. É até melhor para manter o equilíbrio com tanta pedra no chão. Com o tempo, aprendi a viver aqui. Bryan nunca mais veio atrás de mim, Bernardo e eu estamos em paz na escola, não queremos mais sair. Em parte, não podemos mais sair. Nunca imaginei que diria isso sobre a escola.

Ah, aqui está, o humor que mencionei a você logo no início disso tudo.

Eu costumava ser bastante engraçada, acredite se quiser.

Falando no diabo, a estrutura acinzentada se ergue entre os destroços a nossa frente. Você repara que está tudo mais arrumado aos arredores, e não vê mais nenhum corpo na entrada. Puxo o ar para responder.

— Mariana?

Levo minha mão a cintura, onde está a arma que Larissa me deu, pelo mais puro susto. Se esta pessoa me conhece, é improvável que eu precise atirar em alguma coisa para assustá-la. Prefiro que me matem a matar qualquer outra pessoa.

Mas eu acabo largando a arma no chão coberto por concreto.

— Diego.

É o irmão do Bernardo. Há duas pessoas atrás dele, olhando com curiosidade a uma certa distância. Está tão diferente da última vez. Sua voz engrossou, seu cabelo está muito maior, seu rosto mais quadrado, seu tamanho foi dobrado. Está tão parecido com o irmão agora. Posso ver que ele amadureceu, também, não precisa dizer sequer mais uma palavra. Está lindo, e eu começo a chorar imediatamente, com direito a gritaria e soluço.

Ele vem até mim e me abraça antes que eu possa dar aos meus joelhos a chance de fraquejar.

agradecimentos

Teresópolis, 4 de junho de 2018. 19h33min.

Eu escrevi esse livro há dois anos, e mesmo depois de tanto tempo, a lista da minha gratidão é constantemente atualizada. Há muito mais do que a produção: o apoio, as mudanças, o toque que ele teve e os amigos que me trouxe. Eu dramaticamente me curvo diante das seguintes pessoas: Mãe, por apoiar as minhas decisões malucas em um caminho ao qual você (e nem seu) sabia onde ia dar.

Pai, pela crença ativa no meu sonho.

O pessoal do Instagram, especialmente à Nath (@sobre.ler), Allana (@vivonasletras) e Michelle (@livrosqueeuli), por se tornarem muito mais do que parceiras. Eu guardo vocês com carinho, e falo sério quando podem confiar em mim.

Maria Fernanda, que me deu o pontapé e a coragem para começar a escrever esse livro, cujo os elogios me são combustível.

Aos meus melhores amigos: Myrela, Lucas, Gabriela, Maurício e Yasmin. Eu literalmente morreria por vocês. Obrigada também à Laryssa e a Christina Grimmie, que inspiraram certos personagens na história.

A você. Sem volta agora, você não está sozinho. Nunca mais. Fique seguro e hidratado.